

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

À LUZ DOS VALORES RELIGIOSOS:

escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses

(1906 – 1973)

TERESINA – PI

2007

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

**À LUZ DOS VALORES RELIGIOSOS:
escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses
(1906 – 1973)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho
Lopes

TERESINA – PI

2007

SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA

À LUZ DOS VALORES RELIGIOSOS:

escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses

(1906 – 1973)

Aprovada em 05 de fevereiro de 2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes
Universidade Federal do Piauí

Prof^ª. Dr^ª. Maria do Carmo Alves do Bomfim
Universidade Federal do Piauí

Prof^ª. Dr^ª. Anamaria Gonçalves Bueno de Freitas
Universidade Federal de Sergipe

Para aqueles que me fizeram existir e persistir:
José Ribamar, meu Pai, e Francisca Mendes,
minha Mãe.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é muito complicado porque sempre somos injustos com alguém que é importante em nossas vidas, mas mesmo correndo este risco, terei de agradecer às pessoas que são imprescindíveis para a realização deste trabalho, pois foram pessoas que o construíram junto comigo, participaram desde a elaboração do projeto inicial até o momento em que dei por concluído o texto final.

Sei que não direi as palavras específicas para cada um de meus colaboradores neste trajeto de construção da dissertação, mas digo e direi sempre a todos: MUITO OBRIGADA POR TER POSSIBILITADO A REALIZAÇÃO DE UM SONHO.

Na extensa relação de agradecimentos devo começar falando de uma pessoa que nunca me abandonou: DEUS, e que neste trajeto me deu forças para seguir em frente sempre que quis desistir.

Depois de DEUS, meus pais (FRANCISCA E RIBAMAR) que foram incansáveis animadores e colaboradores na minha jornada de estudos e coletas de dados. Outro que ao lado dos meus pais não desistiu de colaborar com meu sonho foi meu orientador: PROF. PÁDUA, mais uma vez e sempre muito obrigada.

As amigas-irmãs Marcoelis e Elimária que torcem e me apóiam no percurso e nos percalços da vida.

Às Irmãs dos Colégios das Irmãs: Irmã Graça, Irmã Helena, Irmã Fausta e Irmã Maricildes, que me permitiram entrar em seus arquivos e conhecer um pouco da tradição e história das instituições que ajudam a construir. Junto aqui os agradecimentos às funcionárias da Secretaria do Colégio das Irmãs de Teresina: Raimunda Sampaio, Amparo Moura e Raimunda Soares.

Agradeço imensamente às ex-alunas do Colégio das Irmãs que compartilharam comigo suas lembranças e me mostraram a importância do Colégio em suas vida.

O guarda-memória

É uma bonita expressão. [...]
Gosto dessa expressão porque ela apenas fala em memória, sem deixar muito claro quem guarda e quem é guardado. O universo das histórias de vida é repleto de pessoas que têm poder. Há os que sabem e os que cuidam, os médicos-chefes e os enfermeiros. Há os que debatem idéias e os que executam tarefas. Há os que ordenam a vida dos outros e, tal como se faz com o leite para virar manteiga, batem-na até virar **tese**. Há os que a arquivam. Sei disso, porque fiz de tudo isso um pouco. Não se pode escapar do poder. Pode-se simplesmente tentar partilhá-lo. [...]

Philippe Lejeune

RESUMO

Este trabalho é um estudo de História da Educação Piauiense abordando, especificamente, a História das Instituições Escolares Confessionais Católicas. O objetivo desta pesquisa é apontar como se deu o processo de escolarização das mulheres piauienses nos Colégios Confessionais Católicos e como transcorria o cotidiano nesses estabelecimentos de ensino. Para tanto pesquisou-se o processo de escolarização das mulheres piauienses ocorrido nas Escolas Confessionais Católicas dirigidas pelas Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena em Teresina e em Parnaíba, no período de 1906 a 1973. O recorte temporal adotado neste estudo tomou como referência para o início da pesquisa o ano de fundação das primeiras Escolas Confessionais Católicas no Estado do Piauí (1906) e como marco final do período a ser estudado neste trabalho o ano em que as Escolas Confessionais Católicas Piauienses passaram a admitir a matrícula de discentes de ambos os sexos (1973). Como aporte teórico foram utilizados os referenciais da História Cultural, tendo como conceito central de análise do processo histórico educacional a Categoria Gênero. Para consolidação deste referencial foram utilizados, dentre outros autores, Burke, Perrot, Le Goff, Del Priore, Louro, Nunes, Scott, Sohiet, Barros, Lopes, Justino Magalhães e Gatti Júnior. Utilizamos como procedimentos de pesquisa a revisão bibliográfica, a análise documental (jornais, periódicos, documentos produzidos nas escolas confessionais católicas), entrevistas e questionários. Para a obtenção das fontes documentais utilizadas na confecção do trabalho, recorreremos aos Arquivos das Secretarias dos Colégios das Irmãs de Teresina e de Parnaíba e aos Arquivos Particulares das Ex-Alunas do Colégio das Irmãs de Teresina. Foram realizadas, ainda, entrevistas com ex-alunas do Colégio das Irmãs de Teresina que estudaram no período de 1955 a 1975. Procuramos mostrar com nossa pesquisa a constituição e a estruturação das Escolas Confessionais para mulheres no Estado do Piauí, além da atuação destas escolas na formação educacional das mulheres, e, conseqüentemente, da sociedade piauiense. Dentre as conclusões de nossa pesquisa, temos que: a implantação de Colégios Confessionais Católicos no Piauí é resultante do processo de expansão e fortalecimento empreendido pela Igreja Católica no Brasil; os Colégios das Irmãs congregavam esforços no sentido de formar prioritariamente o sentimento cristão e a moral religiosa católica em suas alunas; as ex-alunas reiteram a idéia de que o Colégio das Irmãs ofereceu-lhes a melhor formação intelectual e humana em razão da valorização dos princípios religiosos e morais.

Palavras-chave: história da educação. educação feminina. instituição escolar confessional.

ABSTRACT

This work is a study of History of the Education Piauiense approaching, specifically, the History of the Confessional School Institutions Catholic. The objective of this research is to appear as felt the process of education of the women piauienses in the Catholic Confessional Schools and as the daily elapsed at those schools. For so much it was researched the process of education of the women piauienses happened at the Catholic Confessional Schools driven by the Poor Sisters from Santa Catarina of Seine in Teresina and in Parnaíba, in the period from 1906 to 1973. To execute the temporary cutting adopted in this study, it was taken as reference for the beginning of the research the year of foundation of the first Catholic Confessional Schools in the State of Piauí, while to determine the end of the chronological period to be studied in this work the year it was adopted in that the Catholic Confessional Schools Piauienses start to admit the registration of discentes of both sexes. As theoretical contribution was used the referenciais of the Cultural History, tends as central concept of analysis of the education historical process the Category Gender. For consolidation of this referencial they were used, among other authors, Burke, Perrot, Le Goff, Del Priore, Parrot, Nunes, Scott, Sohiet, Barros, Lopes and Gatti Júnior. We used as research procedures the bibliographical revision, the documental analysis (newspapers, newspapers, documents produced at the Catholic confessional schools), interviews and questionnaires. For the obtaining of the documental sources used in the making of the work, we fell back upon the File of the General offices of the Schools of the Sisters from Teresina and of Parnaíba and to the File Peculiar of the Former-students of the School of the Sisters from Teresina. They were accomplished, still, interviews with former-students of the School of the Sisters from Teresina that studied in the period from 1955 to 1975. We tried to show with our research the constitution and the structuring of the Confessional Schools for women in the State of Piauí, besides starting from the nuances of the performance of these schools in the women's education formation, and, consequently, of the society piauiense. Among the conclusions of our research, we have that: the implantation of Catholic Confessional Schools in Piauí is resulting from the expansion process and invigoration undertaken by the Catholic Church in Brazil; the Schools of the Sisters congregated efforts in the sense of forming the Christian feeling and the morals Catholic religious person priorly in their students; the former-students reiterate the idea that the School of the Sisters offered them the best intellectual and human formation in reason of the valorization of the religious and moral beginnings.

Word-key: history of the education. feminine education. confessional school institution.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTO 1: Irmãs Fundadoras do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba.....	50
FOTO 2: Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba.....	52
FOTO 3: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	52
FOTO 4: Capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	53
FOTO 5: Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba.....	55
FOTO 6: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	56
FOTO 7: Alunos do Jardim de Infância do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	58
FOTO 8: Alunos do Jardim de Infância do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	61
FOTO 9: Alunas do Curso Primário do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina....	62
FOTO 10: Solenidade de Premiação do Curso Primário do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	64
FOTO 11: Turma Prof. Waldir Gonçalves do Curso Ginásial do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1961.....	66
FOTO 12: Capas dos Livros de Canto Orfeônico.....	70
FOTO 13: Alunas do Curso Ginásial do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina...73	73
FOTO 14: Escola Experimental Irmã Catarina Levrini – Memorare.....	79
FOTO 15: Turma Yara Vilarinho de Oliveira do Curso Pedagógico do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1964.....	80
FOTO 16: Turma de Concludentes do Curso Pedagógico do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1966.....	83
FOTO 17: Turma de Concludentes do Curso Científico do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1961.....	84
FOTO 18: Turma do Exame de Admissão do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1962.....	85
FOTO 19: Alunas Rezando na Capela do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	94
FOTO 20: Celebração do Mês de Maria do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	95
FOTO 21: Distribuição de Donativos pelo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	98
FOTO 22: Visita do Presidente Getúlio Vargas ao Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1933.....	100
FOTO 23: Alunas no Pátio do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	105
FOTO 24: Alunas no Laboratório do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	108
FOTO 25: Desfile de 7 de setembro do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1966.....	112
FOTO 26: Guarda de Honra do Desfile de 7 de setembro do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1966.....	113
FOTO 27: Aluna Eva Maria Evangelista Leal vestida de Pastorinha.....	114
FOTO 28: Baile de debutantes do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina ano 1964.....	115

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Matrículas no Jardim de Infância do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina no período de 1935 a 1972.....	60
TABELA 2: Matrículas do Curso Primário do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina no período de 1935 -1944.....	62
TABELA 3: Matrícula do Curso Ginásial do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina no período de 1938 – 1955.....	67
TABELA 4: Matrícula do Curso Ginásial do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba no período de 1950 – 1973.....	68
TABELA 5: Matrícula do Curso de Técnico de Comércio Sagrado Coração de Jesus – Teresina 1954 – 1957.....	75
TABELA 6: Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina Matrícula do Curso Normal 1931 – 1946, Matrícula do Curso Pedagógico 1947 – 1955.....	77
TABELA 7: Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba Matrícula do Curso Pedagógico 1947 – 1973.....	78

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1: Relação de Inspectores Federais que Atuaram no Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	57
QUADRO 2: Alunos Matriculados na 1ª Série do Curso Primário em 1973 no Colégio Sagrado Coração de Jesus.....	65
QUADRO 3: Currículo do Curso Ginásial ano 1938.....	71
QUADRO 4: Currículo do Curso Ginásial ano 1950.....	71
QUADRO 5: Currículo do Curso Ginásial ano 1962.....	71
QUADRO 6: Currículo do Curso Ginásial ano 1966.....	72
QUADRO 7: Currículo do Curso Ginásial ano 1970.....	72
QUADRO 8: Currículo do Curso de Técnico de Comércio.....	74
QUADRO 9: Livros Didáticos Adotados no Curso de Técnico de Comércio.....	74
QUADRO 10: Currículo do Curso Normal ano 1937.....	78
QUADRO 11: Currículo do Curso Normal ano 1947.....	79
QUADRO 12: Currículo do Curso Científico ano 1966.....	84
QUADRO 13: Relação Nominal das Diretoras do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	87
QUADRO 14: Relação Nominal das Diretoras do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba.....	88
QUADRO 15: Subvenções Estaduais para o Colégio Sagrado Coração de Jesus (1964 – 1973).....	89
QUADRO 16: Relação Nominal de Capelães do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina.....	96

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2	CAMINHOS DA PESQUISA.....	18
2.1	Definições e percurso da pesquisa.....	18
2.2	A Estreita Relação da Igreja Católica com a Sociedade Brasileira.....	35
3	A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DAS MULHERES PIAUIENSES.....	42
3.1	A ação educacional da Igreja Católica para o Brasil no século XX.....	42
3.2	As escolas confessionais católicas para mulheres no Piauí: o Colégio das Irmãs.....	48
3.3	Currículo e ensino nas Escolas Concessionais Católicas Piauienses: o Colégio das Irmãs.....	56
3.3.1	Jardim da Infância.....	57
3.3.2	Curso Primário.....	61
3.3.3	Curso Ginásial.....	65
3.3.4	Curso Técnico de Comércio.....	73
3.3.5	Curso Normal.....	76
3.3.6	Curso Científico.....	83
3.3.7	Curso Preparatório para Exame de Admissão.....	85
3.4	Os Professores, a administração e as formas de manutenção do Colégio das Irmãs.....	86
3.5	As atividades não-curriculares e a formação do caráter e das condutas das mulheres piauienses.....	90
4	As Lembranças do Colégio: memórias de ex-alunas das escolas confessionais católicas.....	101
4.1	O primeiro dia de aula.....	104
4.2	As aulas e os professores.....	106
4.3	As horas de orações.....	109
4.4	A hora do recreio.....	110
4.5	As festas.....	111
4.6	As colegas de colégio.....	116
4.7	A disciplina.....	117
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
6	REFERÊNCIAS.....	124
7	APÊNDICES.....	139
a	Quadro de Professores Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba.....	140
b	Quadro de Professores Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina (1931-1973).....	141

c	Relação das Ex-Alunas Consultadas.....	150
d	Roteiro de Entrevista às Ex-Alunas do Colégio das Irmãs.....	151
e	Carta de Cessão.....	154
8	ANEXO.....	155
	Estatutos e Regras para as Educandas do Collegio dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena.....	156

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Relembrando o questionamento de Eric Hobsbawm (1995, p. 15) “*como iremos compreender o Breve Século XX..*”, alguns de nós afirmaria que foi um período de (R)evoluções – científico, cultural, política, social, etc. – outros, porém, o definiriam como um século repleto de involuções – renascimento das práticas racistas, acirramento das diferenças sociais, duas guerras mundiais e guerras locais recorrentes, etc. Independente da definição que dermos para este século que se encerrou há pouco, o certo é que nestes últimos cem anos ocorreram inúmeras e rápidas transformações no cotidiano dos seres humanos (dos mais humildes aos mais ricos): aceleramos o processo de urbanização, crescemos numericamente muito rapidamente e depois decrescemos lentamente, erradicamos doenças e outras surgiram (mesmo as que se pensou erradicadas nos séculos anteriores), criamos remédios que evitam a concepção humana e, também, métodos e técnicas que a promovem em laboratório, alteramos costumes tradicionais e adotamos novos comportamentos e sociabilidades, vivemos na chamada era digital enquanto milhões de pessoas ainda não sabem ler nem escrever, e, outros tantos, morrem de inanição.

Podemos dizer que o século XX foi um século estranho, marcado por contradições extremas, repleto de interrogações que, ainda, carecem ser respondidas e algumas até mesmo descobertas. Mas, este período que se iniciou, política e cronologicamente, para o Brasil com a 1ª República foi também significativo para o Piauí, não apenas em termos políticos (implantação do modelo republicano) e econômicos (fomento às atividades extrativistas que desencadearam um surto de “desenvolvimento” econômico), mas em relação às suas bases culturais e sociais .

No início da República, o Piauí (como o restante dos Estados brasileiros) buscava estruturar-se enquanto unidade federada e autônoma. O momento de “reforma” estrutural da nação que culminou na implantação da República, representou para a elite¹ piauiense a oportunidade de elevar/direcionar o Piauí à modernidade² que lhe foi “negada” ao longo da História, uma vez que o nosso Estado ainda estava (até aquele momento) social, política,

¹ O termo elite é empregado aqui seguindo a definição apresentada por Love e Barickman (2006. p, 77-78) que apresenta o termo como sendo equivalente a um “conjunto de posições formais julgadas relevantes para o exercício do poder político e clientelismo, (...). [e a] participação em eventos políticos-chave, os atributos sociais, os vínculos com o exterior, laços com outros estados, as ligações familiares (...)”. Ou seja, significa um grupo de pessoas que detém o poder político e econômico, além de ser referência social e cultural numa determinada região.

² Para a elite piauiense a modernidade significava a adoção dos padrões comportamentais burgueses (ocorrido em outras regiões ainda em fins do século XIX) e a utilização de técnicas de produção mecanizada, além do desligamento das tradições e práticas vinculadas e caracterizadoras dos espaços rurais.

econômica e culturalmente vinculado aos modelos de pensamento e práticas oriundos do período colonial pecuarista.

Assim, o período que se iniciou em 1900 foi tomado pela elite político-intelectual e social como sendo o “renascimento”, ou mesmo, um novo “nascimento” de nosso Estado onde se tinha a oportunidade de elevar a região, através de iniciativas arrojadas e empreendedoras – incluía-se nestas iniciativas a oferta de educação formal à homens e, também, às mulheres, antes inseridas precariamente no processo educativo – como instrumento e caminho para a instalação definitiva do progresso em nossas terras.

Seguindo este “projeto” de Piauí forjado pela elite político-econômica teresinense e parnaibana, a Educação passou a figurar como a grande redentora de nossas mazelas e atrasos sociais e econômicos. Mas esta mesma elite discordava quanto ao modelo educacional a ser adotado em nossas Cidades-símbolo de desenvolvimento: Teresina e Parnaíba (espelho para o restante do Estado), se o confessional – tradicionalmente ligado a Igreja Católica – se o laico – defendido pelos intelectuais ligados a Maçonaria e aos ideais iluministas. Tal disputa tem suas raízes ainda no século XIX, mas no Brasil acirrou-se intensamente nas primeiras décadas do século XX devido à separação oficial entre Igreja e Estado instituída pela Constituição de 1891. No Piauí, esta disputa tomou maior vulto com a criação da Diocese³ e a chegada do primeiro bispo D. Joaquim Antonio de Almeida que concentra e organiza ações que visavam combater efetivamente os opositores da Igreja Católica. As disputas entre livre-pensadores e defensores da Igreja Católica não se limitavam à questão educacional, os primeiros atuavam em todos os setores da sociedade defendendo a liberdade da ação humana sem intervenção da Igreja Católica e criticando as ações da Igreja que extrapolavam os limites das atividades religiosas e da assistência espiritual, pois creditavam à Igreja o emperramento do progresso humano e científico; enquanto a Igreja congregava esforços no sentido de manter sob seus auspícios o pensamento e o comportamento da sociedade, se utilizando para este fim da imprensa e da educação, que se apresentavam como instrumentos eficazes para a formação moral dos líderes da sociedade.

³ A campanha pela criação da Diocese do Piauí remota a fins do século XIX, mas esta iniciativa ganha maior impulso a partir de 1897, quando o Pe. Joaquim de Oliveira Lopes (vigário de Pedro II) assume a liderança da campanha e reúne em torno desta não apenas os religiosos piauienses mas também chefes políticos locais. A Diocese do Piauí foi criada a partir do desmembramento da Diocese do Maranhão e tendo a cidade de Teresina como sede episcopal e a Igreja Nossa Senhora das Dores como catedral, em 20 de fevereiro de 1901, pelo Papa Leão XIII, através da *Bula Supremum Catholicam Ecclesiam*, mas esta bula só foi publicada em 06 de janeiro de 1903. No entanto o primeiro bispo nomeado para o Piauí, Mons. Antonio Fabrício de Araújo Pereira, não aceita o cargo e consegue a dispensa da Santa Sé, que nomeia outro bispo para o Piauí apenas em 1905. Para mais informações sobre a criação da Diocese do Piauí ver Carvalho Júnior (1980).

Esta discordância entre livre-pensadores e defensores da Igreja Católica fomentava, além de acaloradas discussões dos membros desta elite em jornais e locais de encontros públicos, a mudança de certos comportamentos e o reforço de outros. Os embates entre estes dois grupos gradativamente se ameniza com o correr das décadas de 1920 e 1930, mas as repercussões das mudanças comportamentais e sociais despertadas pela adoção das posturas de livre-pensadores ou pelo reforço da moral católica se fazem sentir no Piauí nas décadas subseqüentes.

Dentre as mudanças comportamentais resultantes do processo de alterações sociais forjado no início do século XX, podemos citar: o aumento no número de jovens rapazes ingressando no ensino superior seja fora do Estado ou dentro do Estado devido à instalação de faculdades em Teresina e em Parnaíba⁴; o aumento progressivo da matrícula de mulheres nas escolas secundárias⁵ seja nos técnicos: Normal e Comércio, seja no Curso Científico e seu ingresso nos cursos superiores⁶; passou-se a vivenciar de forma gradativa a valorização dos espaços públicos e a convivência fora do ambiente familiar – elemento característico até então – muito disto deveu-se às inovações técnicas e maquinaria, além de comportamentos sociais trazidos ao Estado pelos filhos das classes mais abastadas que iam estudar fora e traziam para sua terra natal bem mais que os títulos de bacharéis.⁷

Neste espaço de conflitos político-ideológicos, as mulheres ganhavam espaços ingressando nas escolas – leigas ou confessionais – e os membros mais abastados dos grupos burgueses piauienses passavam a considerar como mister e imprescindível fornecer uma educação de qualidade, organizada, estruturada e consistente às mulheres. Mas, como havia uma disputa a ser resolvida entre o modelo educacional laico ou confessional, a educação feminina não escapava do embate entre laicos e religiosos especialmente no que diz respeito ao controle desta, que passou a ser alvo de disputa pelos dois grupos, gerando assim, escolas femininas pautadas tanto pelo modelo educacional laico como pelo confessional, cada um destes com diretrizes próprias e, em certos pontos, totalmente díspares, mas em outros corroboravam-se, como quando defendiam o papel social tradicional a ser desempenhado pela mulher na sociedade teresinense e piauiense (esposa, mãe e filha).

⁴ Em Teresina são implantados: em 1931 a Faculdade de Direito (FADI), em 1958 a Faculdade de Filosofia (FAFI), em 1960 a Faculdade de Odontologia (FOPI), em 1968 a Faculdade de Medicina (FAMEPI); em Parnaíba em 1968 é implantado o curso de Administração de Empresas; e em 1971 é implantada a Universidade Federal do Piauí (UFPI) em Teresina e em Parnaíba.

⁵ Sobre o número de alunas matriculadas no Curso da Escola Normal no período de 1910 a 1930 e de alunos matriculados no Liceu no período de 1900 a 1922, ver Ferro (1996), e sobre o número de alunas matriculadas no Curso Normal dos Colégios das Irmãs ver item 3.3.5. desta dissertação.

⁶ Sobre o ingresso das mulheres no ensino superior ver Cardoso (2003).

⁷ Sobre esta alteração das sociabilidades e modernização no Estado do Piauí ver Queiroz (1998).

Assim, o modelo educacional oferecido às mulheres piauienses, no período de 1900 a 1973, tinha as marcas do reforço e manutenção dos papéis sociais tradicionais femininos. Para as mulheres continuaram definindo como espaço social de atuação o ambiente privado – a casa – e reiteravam como ideal e finalidade da vida feminina o casamento e o pleno exercício da maternidade. Por isso, as funções (remuneradas ou não) desempenhadas pelas mulheres eram admitidas e incentivadas, especialmente, quando estas se adequavam e/ou fossem extensões das “vocações naturais femininas”, vocações estas associadas à docilidade e aos tons maternais ditos inerentes à natureza feminina. O acesso das mulheres a instrução formal, contudo, gerou diferentes e, por vezes, abruptas alterações/transições no comportamento social feminino, especialmente, nos espaços públicos, com a inserção da mulher “instruída” no mercado de trabalho formal, seja como professora primária, jornalista, escritora, etc., além do questionamento ou mesmo o abandono dos papéis e funções tradicionais atribuídos às mulheres.

Perseguindo estas permanências e mudanças ocorridas no comportamento social feminino durante o século XX, este trabalho tem a pretensão de apontar como se deu o processo de escolarização das mulheres piauienses nas sete primeiras décadas do século XX⁸, nas duas escolas confessionais católicas instaladas no Estado e dirigidas pelas Irmãs Catarinas: os Colégios das Irmãs de Teresina e de Parnaíba. Pois, mesmo havendo a disputa ideológica entre maçons e clérigos pelo controle da sociedade piauiense, estas duas instituições escolares privadas permaneceram para toda a sociedade piauiense como referência da “boa educação” feminina.

Os resultados da pesquisa apresentada neste trabalho estão organizados em três capítulos: sendo que o primeiro é destinado a esclarecer ao leitor, como próprio título informa, acerca dos *Caminhos da Pesquisa*. Nele apontamos as motivações pessoais e acadêmicas para a escolha de nosso objeto e objetivos de estudo, explicitamos o recorte temporal efetivado para a pesquisa, a metodologia empregada na pesquisa, a escolha dos sujeitos entrevistados. Buscamos, também, explicitar os elos existentes entre a sociedade

⁸ No início deste período, ainda discutia-se, no Estado do Piauí, no tocante à organização das instituições escolares as diferenciações fundamentadas no gênero, ou seja, as instituições escolares, principalmente as urbanas, eram diferenciadas conforme o gênero do alunado. Havia as escolas destinadas ao ensino das mulheres, e, as destinadas à educação dos homens. A existência de escolas mistas só foi defendida e aceita no Piauí, apenas como medida de contenção de despesas para os cofres públicos e apenas nas regiões mais distantes dos centros urbanos do Estado. Para maiores informações sobre a introdução da co-educação (escolas mistas) no Piauí ver Lopes (1999)

brasileira e a Igreja Católica, mostrando que a Educação foi apenas um – embora um dos mais fortes – dos laços que nos uniram à Igreja Católica.

Na segunda parte, tentamos apontar como se dava o processo de escolarização das moças piauienses⁹ nos dois tradicionais Colégios das Irmãs, escolas que prezavam tanto pela formação intelectual quanto moral de suas alunas.

Em “As Lembranças do Colégio” – terceira parte da pesquisa - utilizamos fragmentos de memórias das ex-alunas dos Colégios das Irmãs para demonstrar como transcorria o cotidiano destas escolas.

Esperamos que este esforço de pesquisa contribua para a construção da História das Instituições Escolares Confessionais Piauienses, porque, percebemos, ao longo da construção do trabalho que as Escolas Confessionais Católicas constituem uma linha de pesquisa que, aos poucos está sendo trabalhada no contexto da História da Educação Brasileira, mas que no Piauí tem sido pouco estudada. Em nossa pesquisa, mostramos apenas a constituição e a estruturação das Escolas Confessionais para mulheres no Estado do Piauí e procuramos desnudar as nuances da atuação destas escolas na formação educacional das mulheres, e, conseqüentemente, da sociedade piauiense.

⁹ Neste trabalho é possível e correto afirmarmos que estes dois Colégios tenham tido papel fundamental na educação das moças piauienses, porque estas eram escolas de referência e de modelo educacional feminino para todo o Estado do Piauí. Além de que estes Colégios funcionavam também em regime de internato e recebiam matrículas de mulheres oriundas de praticamente todas as cidades piauienses, e não raro também vinham moças do Ceará e Maranhão.

2 CAMINHOS DA PESQUISA

2.1 DEFINIÇÕES E PERCURSO DA PESQUISA

A idealização, elaboração, construção e conclusão de um trabalho acadêmico é, ao mesmo tempo, frustrante e instigante. Nunca conseguimos, de fato, realizar aquilo que pretendíamos inicialmente, por outro lado, descobrimos outros tantos aspectos, dados, informações antes inimagináveis, além de podermos visualizar, ao longo da pesquisa e confecção do trabalho, outras informações, perspectivas e um leque de opções interpretativas a respeito da temática sobre a qual se projetou, investigou-se e desejou-se produzir algo que pudesse ser considerado consistente academicamente e interessante para outras pessoas que estão fora do ambiente “regulamentado” da Academia.

Sabedoras de tudo isso, mas nem por isso menos frustradas ou instigadas, demos início a esta pesquisa, a qual começou a partir de um interesse, uma curiosidade pessoal, uma dúvida assistemática e desorganizada (tomando-se como referência os preceitos metodológicos da produção do conhecimento e do saber), que foi paulatinamente sendo moldada para adequar-se às padronizações regulamentadoras da Academia, até que pudesse ser projetada e apresentada conforme os padrões estabelecidos e aceitos pela UNIVERSIDADE (local, por excelência, reconhecido, pela capacidade, missão institucional e social de produzir conhecimentos e saberes teóricos e práticos).

A curiosidade pessoal e a pretensão inicial que fomentaram a elaboração da versão inicial do projeto de pesquisa, foram geradas a partir de algo muito específico (ou pelos menos parecia que era): analisar as diretrizes norteadoras da educação fornecida às mulheres piauienses no período da Primeira República, e, demonstrar como as mulheres teresinenses ingressaram no Curso Normal (magistério) e, conseqüentemente, passaram a exercer a profissão de professora primária, conciliando-a com outras “profissões” ou com atividades construídas socialmente como adequadas ao gênero feminino, tais como a de mãe, esposa, ou ainda, de governantas, preceptoras, secretárias entre tantas outras que foram e são apresentadas às mulheres ocidentais.

Contudo, ao recebermos as primeiras orientações e manter contato com outras produções acadêmicas, pudemos perceber que o estudo proposto inicialmente seria algo

limitado¹⁰, em razão de já haver vários estudos que, direta ou indiretamente, abordavam e respondiam o problema de pesquisa anteriormente elaborado por nós. Porém, diante da constatação de que nosso primeiro problema pouco contribuiria para o desenvolvimento do conhecimento a respeito da História da Educação Piauiense, conhecemos no percurso de nossa pesquisa preliminar, um novo objeto de estudo: a atuação da Igreja Católica na formação educacional da sociedade piauiense.

O desvelar deste novo objeto de estudo para esta pesquisa ocorreu no momento em que constatamos que entre as instituições de ensino centenárias existentes e ainda em funcionamento no Piauí figuram além das Escolas Públicas – Escola Normal (hoje Instituto Superior de Educação Antonino Freire) e Liceu Piauiense (hoje Colégio Estadual Zacarias de Góis) – as escolas fundadas por iniciativa da Igreja Católica e dirigidas por esta até hoje – Colégio Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs de Teresina), Colégio Nossa Senhora das Graças (Colégio das Irmãs de Parnaíba), Colégio São Francisco de Sales (Colégio Diocesano de Teresina) e Colégio São Luiz Gonzaga (Colégio Diocesano de Parnaíba); e que estas escolas católicas apesar de sempre serem mencionadas nas pesquisas sobre e/ou relativas a educação piauiense, o são de modo muito simplório e superficial, ou seja, faz-se referência à sua existência, mas não se faz uma análise mais consistente sobre seu papel e a sua atuação na formação educacional da sociedade piauiense.

Outro fator que nos motivou a redirecionar as nossas pretensões de pesquisa para a educação católica foi o despertar de um questionamento enquanto fazíamos a leitura de alguns textos sobre a Educação no Piauí republicano e que o material já produzido a respeito das escolas católicas não conseguia responder. Este questionamento pode ser sintetizado da seguinte forma: como as escolas fundadas pela Igreja Católica e sob controle desta conseguiram manter-se sólidas e hegemônicas na educação dos filhos e filhas das famílias mais abastadas do Estado, mesmo quando havia intensas e reiteradas “campanhas” para combater a presença e a influência da Igreja nas instituições seculares, especialmente as de ensino.

A partir daí pudemos vislumbrar que a educação confessional católica no Piauí possui vários aspectos que merecem ser estudados e que sua análise nos dará respostas a este questionamento sobre a manutenção da hegemonia das Escolas Católicas no processo de

¹⁰ A dissertação de mestrado de Soares (2004) defendida na UFPI, embora não tenha o mesmo problema de pesquisa imaginado por nós no início de nossa trajetória no Curso de Mestrado em Educação, responde satisfatoriamente aos nossos questionamentos iniciais.

escolarização dos herdeiros e herdeiras da elite piauiense e a outros que persistem sem elucidação a respeito da História da Educação no Piauí.

Passamos, então, a redefinir nossos referenciais de pesquisa, tanto nas orientações individuais recebidas quanto nas disciplinas cursadas ao longo do Curso (especialmente em: Planejamento de Pesquisa, História e Historiografia da Educação no Piauí, Autobiografia, Memória e Escritos de Si e Fundamentos Históricos da Educação). E, finalmente (ou era o que parecia naquele momento em fins de 2004) definimos o nosso objeto de pesquisa *A Atuação da Igreja Católica na Formação Educacional dos Jovens e das Jovens Piauienses no Período de 1906 a 1973*.

Definido o novo objeto de pesquisa, passamos a fazer a “pesquisa” (propriamente dita), aí nos apareceu outra das muitas frustrações de que é feita uma pesquisa: o objeto era enorme! As dúvidas recomeçaram. Afinal teria de estudar quatro instituições de ensino, cada uma com um século de existência; sendo duas exclusivamente femininas e duas exclusivamente masculinas; sendo que as duas primeiras eram dirigidas pela mesma Congregação de Religiosas (As Irmãs Catarinas), enquanto as outras duas eram – no período da pesquisa – dirigidas por Congregações Religiosas diferentes, o Colégio Diocesano de Parnaíba permaneceu vinculado à Diocese daquela cidade, enquanto o Diocesano de Teresina (embora mantivesse o nome da época da fundação) foi transferido, em 1960, para Companhia de Jesus (os Jesuítas); teria, ainda, que estudar o gênero masculino e não apenas o feminino.

Novamente tivemos que redefinir a pesquisa. Nesta hora, foi de suma importância a presença, a paciência e a decisão do “Meu Orientador” dizendo: “não se martirize, mas você tem que definir algumas coisas rapidamente e começar a escrever.” Confesso que eu não consegui definir!

Foram necessários alguns meses e a paciência do Orientador para redefinir o objeto e o problema desta pesquisa. Até que juntando o pouco daquilo que já tinha “ouvido” da pesquisa; das leituras prévias que indicou e aquelas com as quais me identificava; retomando algumas indagações feitas sobre o primeiro projeto de pesquisa sobre a educação feminina, o “Meu Orientador” tomou a decisão que não tive a capacidade de empreender sozinha: não estudaria mais as quatro instituições católicas de ensino e, sim, apenas os dois Colégios das Irmãs, pelas semelhanças e pelo fato de serem dirigidos pela mesma Congregação de Religiosas, pela afinidade maior com o estudo do gênero feminino que do gênero masculino.

Então a pesquisa que iniciou de uma curiosidade e que nos últimos dezoito meses me acompanha, foi definida enfim.

Podemos dizer agora que esta pesquisa teve a pretensão de estudar *o processo de escolarização das mulheres piauienses, no período de 1906 a 1973, ocorrido nas Escolas Confessionais Católicas dirigidas pelas Irmãs Catarinas*.

Depois de definido o nosso objeto de estudo: *o processo de escolarização das mulheres piauienses, no período de 1906 a 1973, ocorrido nas Escolas Confessionais Católicas dirigidas pelas Irmãs Catarinas*, passamos a um novo questionamento: qual o “lugar” de nossa pesquisa na produção regional e local sobre a temática que estávamos propondo o estudo?

Para responder a tal questionamento, passamos a buscar informações sobre a bibliografia disponível e relacionada a nossa temática de pesquisa. Deparamo-nos, então, com a constatação das “suspeitas” iniciais formuladas ainda na fase de elaboração do pré-projeto de pesquisa: a produção acadêmico-científica local não tem abordado, senão, superficialmente (quando muito), as Instituições Escolares, e as Confessionais não escapam desta “determinação”. Ao lermos as produções acadêmicas disponíveis percebemos uma lacuna a ser preenchida, não apenas no tocante à História das Instituições Escolares em nosso Estado, mas, também, no que se refere à História da Educação dos Gêneros.

Sobre a produção acadêmico-científica que aborda especificamente a temática da História das Instituições Escolares no Piauí, pudemos elencar apenas quatro obras/produções, são as dissertações de mestrado de: Valdinar da Silva Oliveira Filho, que versa sobre a Escola União Caixeiral de Parnaíba, a de Norma Patricya Lopes Soares, que trata da Escola Normal de Teresina, a de Sandra Mara Kindlein Penno, que aborda o Instituto Batista Correntino, e a de Rozenilda Maria de Castro Silva que trabalha a Companhia de Aprendizes Marinheiros do Piauí. As demais produções na área de História da Educação trabalham a história do processo educativo como um todo, fazendo uma abordagem do contexto educacional local considerando os aspectos políticos, sociais, econômicos, etc; são as produções de Maria do Amparo Borges Ferro (Educação e sociedade no Piauí Republicano), Francisco Iweltman Vasconcelos Mendes (Parnaíba: educação e sociedade na Primeira República), Alcebiades Costa Filho (A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí, 1850-1889), Maria Alveni Barros Vieira (Educação e sociedade picoense, 1850 a 1930), Maria da Glória Carvalho Moura (Educação de jovens e adultos no Piauí: 1970/2000), Roberto Kennedy Gomes Franco (Raízes e memórias: o florescimento histórico-educativo em Esperantina, 1930-1960), Magnaldo de Sá Cardoso (O Centro de Tecnologia da UFPI: trajetória histórica), Salânia Maria Barbosa Melo (Reminiscências do processo de escolarização: a formação da professora normalista piauiense e o ensino primário), Marly Macedo (Memórias de professoras primárias

no cotidiano das escolas públicas estaduais da zona urbana e rural de Teresina (PI): 1960 - 1970), Ana Maria Bezerra do Nascimento (Trabalhadores e trabalhadoras no fio da história das práticas e projetos educativos no Piauí: 1856-1937), Leonardo Borges Ferro (Educação e saúde: o ensino odontológico no Piauí: história, memória e realidade) e Jane Bezerra de Sousa (Picos e a consolidação de sua rede escolar: do grupo escolar ao ginásio estadual).

No que se refere à História da Educação dos Gêneros, a produção ainda é mais escassa, pois na área da Educação há apenas duas obras não publicadas, são as de Jânio Jorge Vieira de Abreu, Educação e gênero: homens no magistério primário de Teresina (1960 a 2000), e de Antônio de Pádua Carvalho Lopes¹¹, Beneméritos da instrução: a feminização do magistério primário piauiense. Enquanto que na área da História há uma obra publicada, a de Elisangela Barbosa Cardoso, Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina – 1930-1970.

Constatamos, assim, que diferentemente de outros locais do país¹², em nosso Estado não se pesquisou nem se produziu, ainda, suficientemente sobre as nossas Instituições, excetuando-se a Escola Normal de Teresina¹³ sobre a qual há uma produção acadêmica significativa, e o Liceu Piauiense, que nos últimos anos passou a ser objeto de pesquisas (mas estas ainda estão em fase de elaboração e/ou conclusão) e que tem sido ao longo de sua História motivo de escritos não acadêmicos (no sentido formal deste termo).

Após estas constatações restou-nos definir “os caminhos que esta pesquisa iria tomar”, uma vez que o nosso objeto de estudo, apesar de não inexplorado, carecia de estudos mais aprofundados, que trouxessem ao cenário científico maiores esclarecimentos sobre a constituição, as estruturações, o papel educacional e social, além das repercussões do ensino oferecido às mulheres piauienses nas Instituições Confessionais Católicas.

Juntamente com o Orientador estes “caminhos” foram traçados. O estudo a ser empreendido deveria compor-se a partir dos conceitos da História da Educação e dentro desta, na linha de pesquisa da História das Instituições Escolares. Mas, além disto, durante a pesquisa devia-se tentar superar os impasses metodológicos e as dúvidas quanto ao campo de

¹¹ Do mesmo autor foi publicado em 2005 o artigo Pão do espírito, sol radioso: o discurso e ação educacional católicas e as polêmicas anticlericais no Piauí (1890 – 1930).

¹² Para tal constatação, observe-se a produção acadêmico-científica nos Estados do Paraná, Rio Grande do Norte e Ceará.

¹³ Sobre esta Instituição Escolar há pelo menos cinco trabalhos acadêmicos em que esta figura como objeto de estudo ou é estudada para contemplar o objetivo dos pesquisadores. No rol desta produção podemos citar as já mencionadas dissertações de Abreu (2003), Soares (2004), Lopes (1996), some-se a estas a tese de doutorado em Sociologia da Educação de Leite (2001), Modernidade e tradição na educação piauiense: o mito de Antonino Freire - educador ou político?, e a dissertação de mestrado de Pereira (1996), Escola Normal: do fato ao fenômeno.

conhecimento ao qual vincular-se-ia a História da Educação, se à História, se à Educação. Pois, para esta pesquisa, “*o ponto de partida é o problema educacional assumido como compromisso político. E a história é que nos ajudará a entendê-lo*” (LOPES, 2002, p. 44), compreendendo, assim, que – conforme Lopes (2002) - educação é um conceito historicamente produzido (construído), porque se refere a um aspecto da prática social que é também historicamente produzida. Passamos, então a adotar, em nossa pesquisa, a perspectiva de que História da Educação deve ser estudada não apenas partindo-se dos fatos educacionais em si, “*mas que sejam buscados os seus determinantes estruturais (econômicos) e suas relações com o político e o social*” (LOPES, 2002, p. 44).

Por conta desta opção tivemos, também, que deixar clara a postura historiográfica que orientaria a pesquisa. Para tanto foi necessário aprofundar e/ou rever as leituras no campo da História Cultural e fixar alguns conceitos que norteariam as nossas interpretações documentais, porque na História, tal como as demais Ciências Humanas e Sociais, “*vivemos em uma era de linhas indefinidas e fronteiras intelectuais abertas, uma era instigante e, ao mesmo tempo, confusa*” (BURKE, 2002, p. 37). Constituiu-se no campo historiográfico, nas últimas décadas do século XX, diferentes possibilidades de tratamento e objetos de investigação. Em nossa pesquisa escolhemos o “*estudo da dimensão cultural de uma determinada sociedade historicamente localizada*” (BARROS, 2004, p. 56), ou seja, *o processo de escolarização das mulheres piauienses, no período de 1900 a 1973, ocorrido nas Escolas Confessionais Católicas dirigidas pelas Irmãs Catarinas.*

Neste trajeto, também nos foi necessário ter acesso a maiores informações sobre as pesquisas que estão sendo desenvolvidas dentro da área da História da Educação no campo temático da História das Instituições Escolares, para percebermos que nosso trabalho estava sendo desenvolvido dentro das perspectivas e abordagens temáticas e paradigmáticas coerentes com os preceitos acadêmicos constituídos neste campo de pesquisa¹⁴. Nesta busca, nos foram úteis as produções de Gatti Júnior (2005; 2002) que confirmou-nos que a “*História das Instituições Educacionais, tem ocupado cada vez mais espaço no cenário da pesquisa histórico-educacional ...*” (2002, p. 30) e, que as pesquisas sobre estas instituições têm de buscar “*a apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte...*” (2002, p. 30).

¹⁴ Sobre os paradigmas que norteariam a produção da História das Instituições Escolares ver o texto de Gatti Júnior (2002), no qual aponta a influência da renovação do campo historiográfico na produção da História da Educação e que a História das Instituições Educacionais insere-se neste “*rompimento com as velhas tradições e de construção de novas modalidades interpretativas*” (p.19).

Apoiadas, também, na produção de Magalhães (2004) buscamos construir nosso trabalho tendo como referencial que

compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição, ..., é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. (p.133-134).

Assim, podemos dizer que os caminhos desta pesquisa são, então, norteados pela História da Educação e dentro desta pela temática da História das Instituições Escolares, no que se refere ao campo específico da Educação, e, pela História Cultural no que tange à História.

Conforme explicitamos anteriormente, a produção historiográfica educacional piauiense, pouco tem se ocupado da pesquisa sobre temáticas relacionadas à História da Educação dos Gêneros e à História das Instituições Escolares, no entanto, estas são temáticas recorrentemente abordadas na recente produção historiográfica da educação brasileira¹⁵.

Por isso, neste trabalho ousamos buscar *estabelecer a relação mulher e educação, no contexto sócio-cultural piauiense, investigando um de seus cenários (espaço social) – Colégios Confessionais Católicos – e algumas das estratégias empregadas na educação da mulher piauiense no período compreendido entre 1906 a 1973.*

Para empreender com sucesso nosso objetivo, assumimos como categoria central para condução de nossas pesquisas e interpretações a categoria gênero. Esta definição se pautou a partir da compreensão de que tal centralidade, e neste ponto concordamos com Gouvêa (2002, p. 1),

mostra-se imposta pelo próprio objeto, à medida que historicamente o papel de formação das novas gerações, tanto no interior do espaço doméstico, quanto nos espaços formais de educação, foi sendo naturalizado como atribuição feminina, associado ao exercício da maternidade. Assim uma construção social foi submetida a uma leitura biologizante. Os trabalhos recentemente desenvolvidos no campo da história da educação vem contemplando tal dimensão. Tais estudos vem se voltando, via de regra, para a análise da produção e difusão de representações de um ideal feminino pelo campo educativo, bem como das práticas associadas. Considerando que as representações buscam produzir condutas, mas não constituem o molde que informa o real, já que os sujeitos delas apropriam-se, significando-as a partir de seus lugares sociais, cabe indagar de que forma as representações sobre o feminino foram apropriadas e significadas pelos sujeitos concretos, as mulheres em seu cotidiano, para além do espaço escolar.

¹⁵ Para verificar a recorrência destas temáticas nas pesquisas mais recentes, basta verificar-se a quantidade – que se avoluma – de trabalhos publicados nos últimos encontros de pesquisadores, tanto da área da Educação quanto da área da História, que abordam estas temáticas aqui apontadas.

Utilizando-nos, assim, a categoria gênero, nos foi propiciado “*ultrapassar os limites do campo da história da educação e estabelecer um diálogo com a recente produção da história das mulheres, ampliando o referencial de estudos.*” (GOUVÊA, 2002, p. 1) e buscar respostas para outras perguntas que povoavam nossa pesquisa: Qual a inserção da população feminina na vida social piauiense, em diferentes momentos históricos do século XX? Qual a proposta educacional das instituições confessionais católicas para as mulheres piauienses? Como a população piauiense dialogava com as instituições escolares confessionais católicas?

Afirmamos, então, que nossa pesquisa tem uma dupla pretensão: compreender a constituição da História dos Colégios Confessionais Católicos Femininos Piauienses; e, dar continuidade à construção da História das Mulheres no Piauí.¹⁶ Esperamos, sinceramente, que esta pretensão tenha sido alcançada, pelo menos parcialmente, tendo em vista que nestas temáticas têm muito a ser pesquisado.

Expomos anteriormente a nossa linha de pesquisa que é a História das Instituições Escolares, cuja pesquisa será norteadas pelos referenciais da História Cultural, com especificação na temática da História das Mulheres e para tanto, adotamos como categoria de análise central o Gênero. Por definição do método de pesquisa histórico, exige-se que apontemos nosso recorte espacial e temporal, pois em nossa pesquisa devemos apresentar os dados e análise de forma consistente e coerente com as informações existentes na atualidade, como enfatiza Richardson (1999). A construção desta pesquisa terá como espaço geográfico duas cidades bem definidas e representativas para análise de nosso objeto de estudo – *o processo de escolarização das mulheres piauienses, no período de 1900 a 1973, ocorrido nas Escolas Confessionais Católicas dirigidas pelas Irmãs Catarinas* – as cidades de Teresina e Parnaíba.

A escolha destas cidades dentro do universo de cidades piauienses que tiveram ou têm Escolas Confessionais Católicas Femininas, se deve ao fato de que as escolas fundadas no mesmo período nestas cidades são as mais antigas no Estado do Piauí que ainda estão em

¹⁶ Sobre História das Mulheres no Piauí temos, também, uma bibliografia produzida e publicada, ainda, escassa. Dentre as obras/publicações podemos citar além das já mencionadas obras de Cardoso (2003) Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina 1930-1970, Lopes (1999 e 1996) Imagens do masculino e do feminino: co-educação e profissão docente no Piauí 1874-1910, e Beneméritos da instrução: a feminização do magistério primário piauiense; a obra precursora desta temática em nosso Estado de Castelo Branco (1996) Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na Primeira República. É necessário, frisar que sobre esta temática, ou seja, História das Mulheres nos últimos anos tem sido crescente o número de monografias de conclusão de cursos de graduação e pós-graduação, tanto na área de História quanto na área da Educação.

funcionamento e sob o controle direto da Igreja Católica através da Congregação das Irmãs Catarinas, enquanto que outras cidades, tais como em Piripiri, a Escola das Irmãs passou para a administração municipal e de católica preservou-se apenas o nome.

Some a isto o fato de que Teresina, capital do Estado do Piauí, por sua condição política ser a primeira a receber as influências provenientes de outras regiões, foi, também, uma espécie ou buscou ser o “espelho” da sociedade piauiense. Além do fato de ser a capital do Estado o espaço geográfico onde se tornou mais perceptível os diferentes e diversos “campos” de embate ideológico, político e cultural das duas facções da elite: a laica e a religiosa (ou daqueles sujeitos vinculados a esta). Bem como, pelo fato da facilidade de acesso aos documentos necessários para a elaboração e condução da pesquisa, sejam publicações de outros autores ou fontes primárias na sede do Colégio das Irmãs desta cidade, que foi a primeira das escolas confessionais católicas para mulheres fundadas no Estado do Piauí.

Parnaíba desenvolveu-se, desde fins do século XIX, como centro polarizador de atividades comerciais no Estado e manteve por causa disto contato com os demais centros brasileiros e, por vezes, estrangeiros, tendo acesso rápido às modernidades e inovações do progresso, tanto no tocante às comodidades materiais – luz elétrica, cinema, rádio, carros, sorvete, máquina de costura, diesel, calçamento das ruas, construção de prédios de andares, etc. – quanto a hábitos e comportamentos sociais – prática de esportes, novas sociabilidades. Neste contexto, Parnaíba passa a reconhecer a importância e a necessidade de estabelecimentos escolares de qualidade e consistente que preparessem seus filhos para darem continuidade aos negócios dos pais e as filhas para fornecerem sabiamente os primeiros rudimentos de educação aos jovens filhos daquela cidade, e por conta disso, dispõem de uma elite que apóia diretamente – tanto com recursos materiais quanto financeiros – a instalação de escolas (não apenas as católicas) naquela cidade.

O recorte temporal de nossa pesquisa foi feito utilizando dois critérios. Para definir o marco cronológico inicial, utilizamos o ano de fundação das Escolas Católicas mais antigas do Estado do Piauí – Colégio das Irmãs e Colégio Diocesano de Teresina, ambos fundados em 1906. E para definir o marco temporal final escolhemos o ano de 1973, o qual para as Escolas Católicas piauienses, representa o fim da educação e das escolas exclusivamente femininas ou masculinas, porque é a partir deste ano que as Escolas Católicas em nosso Estado passam a ser mistas, ou seja, a aceitar matrículas para um mesmo prédio e estabelecimento de ensino tanto de meninas quanto de meninos.

Ao estudarmos a História brasileira, seja qual for o segmento e/ou temática específica, devemos sempre ter em mente que a estrutura sócio-econômica brasileira, desde o período colonial, demarca a diferenciação entre as classes (grupos) sociais que a integram, por meio do estabelecimento dos papéis e das funções sociais que compete a cada tipo de membro que constitui a sociedade nacional. A República pouco ou em nada alterou esta situação, pois a “República” brasileira, conforme Carvalho (1999), foi “feita” não pelo povo, mas por aqueles, membros de uma parcela da elite, que temerosos diante das possíveis reações populares, tomaram para si a “responsabilidade” da fundação do novo regime político, o qual deveria mudar este país-continente tirando-o de seu atraso colonial e imputando-lhe cultura e desenvolvimento que o Império, por suas ligações intensas com a velha metrópole, não foi capaz e/ou não quis implementar.

Neste contexto de nascimento e afirmação do regime republicano,

o discurso sobre a importância da educação na modernização do país era recorrente. As críticas ao abandono educacional em que se encontrava a maioria das províncias estavam presentes nos debates do Parlamento, dos jornais e até mesmo dos saraus (LOURO, 2000, p. 443-444).

A valorização da instrução pública e laica era patente, acreditando-se que o fornecimento das “letras” levaria o país a deslanchar como potência na nova era que nasceu sob a égide da Revolução de 1789. Contudo, há de se considerar que os republicanos conhecem bem o poder da educação enquanto instrumento de manutenção, ordenação e reprodução de uma ordem social, porque ainda eram visíveis e sentidas no seio da sociedade brasileira os resquícios de valores, posturas e condutas morais e sociais adquiridos no esteio da educação fornecida pelas escolas – especialmente as confessionais católicas – durante o período imperial.

Em se tratando da questão educacional o que a República trouxe de diferente foi, em alguns momentos, a aparente oposição entre o ensino laico e o confessional, em outros a exacerbação da rivalidade entre escolas confessionais e laicas na busca por alunos, pois não raras vezes escolas fechavam por falta de quem nelas se matriculasse. Outras vezes, católicos e leigos conservadores se põem lado a lado visando controlar e/ou extirpar as mudanças em marcha na sociedade e que podem comprometer a ordem social vigente.

Por tudo isto é que o estudo da História da Educação¹⁷ – especialmente o que concentra-se no recorte temporal republicano – carece de sólida fundamentação teórica e

¹⁷ Lembremos, aqui, que por um longo período, no circuito da produção acadêmica, para a História, a História da Educação foi excluída pois é “ciência da educação ou ciência auxiliar da educação”, “nesse processo, foi

consistente embasamento e coerência do referencial que serve de aporte e suporte para as interpretações das temáticas ligadas a esta área de conhecimento e saber. Caso contrário, o pesquisador poderá incorrer em grotescas e incoerentes considerações acerca do evento que se dedica a estudar.

Nesta busca por um aporte teórico que nos fornecesse chaves de leitura para desenvolvermos a nossa pesquisa, definimos a História Cultural (conforme mencionado anteriormente) como referencial teórico primordial para dar consecução às nossas pretensões. Essa seleção respondeu de modo satisfatório às nossas ambições, uma vez que esta concepção de produção do saber admite primeiramente, e antes de qualquer outra definição, que:

os historiadores reescrevem continuamente a História, [...] a História não é transparente e não se deixa interpretar imediatamente, enquanto é vivida, embora o contemporâneo não esteja impedido de fazer reflexões imediatas ainda em seu “tempo quente” [...]. O presente é ambíguo [...] assim, o historiador [...] não tem certeza se pode conhecer o passado [...] (REIS, 2002, p. 7).

Mas é preciso, neste ponto do trabalho, esclarecer os referenciais teóricos adotado, no que concerne à concepção de construção do saber definida a partir dos princípios da História Cultural, esta é a mais ampla e sólida das fundamentações de que nos utilizamos no decorrer de nossa pesquisa, pois é desta corrente que derivaram o conceito e as interpretações da categoria de gênero, também, são desta concepção historiográfica os autores que nos servem como interlocutores e em nossas argumentações. Dentre tantos, figuram: Burke, Perrot, Le Goff, Del Priore, Pinto, Muraro, Rago, Louro, Nunes, Lopes, etc.

Devido à importância e à amplitude que assumiu ao longo de nosso trabalho, é conveniente procedermos a algumas ponderações sobre tal corrente histórica. Pois bem, a mais recente das correntes teóricas que norteiam a construção do saber no campo da ciência histórica surgiu na França, em meados do século XX, associada à proposta do grupo denominado de *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*, um grupo que pode ser definido como “*unido apenas naquilo a que se opõe*”, nas palavras de Peter Burke (1992, p. 10), contrário à concepção tradicional de produção e

apartada do campo da investigação histórica e, ao mesmo tempo, secundarizada no campo da educação (...) subordinada à Filosofia, configurou-se como disciplina escolar de caráter formativo, marcadamente moralizador.” (CARVALHO, 1998, p. 329-330). E esta postura por diversas vezes mantém arraigada no processo de investigação da História da Educação, por isto deve-se ter bastante atenção no momento de empreender pesquisas sobre esta temática para não se incorrer em velhas práticas e renovar àquele caráter.

domínio do saber, calcada no positivismo comtiano ou rankeriano¹⁸. Portanto, uma definição categórica e simples desta linha de construção do saber histórico não é algo fácil de se obter, mas podemos dizer, e sem medo de sermos frívolos, que, segundo a História Cultural:

tudo tem uma História, tudo tem um passado que pode em princípio ser reconstruído e relacionado ao restante do passado. Daí a expressão “história total”, tão cara aos historiadores dos *Annales*. A primeira metade do século testemunhou a ascensão da história das idéias. Nos últimos trinta anos nos deparamos com várias histórias notáveis de tópicos que anteriormente não se havia pensado possuírem uma história, como, por exemplo, a infância, a morte, a loucura, o clima, os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo [...], a feminilidade [...], a leitura [...], a fala e até mesmo o silêncio. O que era considerado imutável é agora encarado como uma “construção cultural”, sujeita a variações, tanto no tempo quanto no espaço. (BURKE, 1992, p. 11).

É justamente esta “novidade” de considerar tudo como receptáculo e detentor de uma História, que faz desta linha teórica a mais adequada e propícia para o desenvolvimento de estudos e análises no campo das ciências sociais e humanas (incluindo-se aí a Educação), pois permite e fortalece a abertura de um permanente e crítico debate acerca das produções empreendidas por cada área do saber e, ao mesmo tempo, desnuda a volatilidade e efemeridade destes saberes, demonstrando que, a não ser que as barreiras entre as diferentes (mas não divergentes) ciências sejam rompidas, os saberes produzidos se tornam inúteis. Isto porque a consciência dos seres humanos altera-se conforme as experiências sociais vivenciadas por eles e a realidade na qual estão inseridos. Apontando, assim, que as pesquisas e a produção do saber são inerentes e correspondem aos anseios e preocupações presentes em um grupo social num determinado momento histórico.

Cabe-nos, aqui, ainda, fazer esclarecimentos acerca da categoria Gênero – amplamente utilizada nesta pesquisa – pois compreender a situação da mulher e promover estudos sobre a vida feminina – formas de trabalho, corpo, prazer, afetos, escolarização, oportunidades de expressão e de manifestação artística, profissional e política, modos de inserção na economia e no campo jurídico – deu origem, no mundo acadêmico, ao termo e a estudos sobre *gênero*, o qual passa a ser usado com o significado distinto e distante do termo sexo, numa tentativa de,

¹⁸ Esta concepção de produção do conhecimento teve origem na França, ainda no século XVIII, e dominou todas as áreas de saber quase que hegemonicamente. O Positivismo define-se a partir dos pressupostos da objetividade, imparcialidade e distanciamento frente ao objeto e/ou evento a ser estudado, estabelecendo normas rigorosas quanto às interpretações que devem ser procedidas e o tipo de documento válido para tal fim. Sobre esta temática sugerimos a leitura de Chauí (1997) e Cardoso e Vainfás (1997).

rejeitar um determinismo biológico implícito no uso de termos como sexo ou diferença sexual, (...) desejam acentuar, através da linguagem, o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. O conceito serve, assim, como uma ferramenta analítica que é, ao mesmo tempo, uma ferramenta política.[...] O conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são trazidas para a prática social e tornada parte do processo histórico. (LOURO, 1997 p. 21-22).

Permitir a reflexão sobre a definição dos papéis sociais (em geral, gerados e tendo como referencial a distinção sexual) e das identidades sociais estabelecidas e definidas por uma sociedade e que expressam as “tramas do poder” intrínsecas, implícitas e explícitas e que assumem as formas do masculino e do feminino, se faz necessário e importante para compreendermos o porquê de, durante tanto tempo, em particular, a mulher (ou melhor, o gênero feminino) ter sido afastada dos espaços públicos e, conseqüentemente, do processo de escolarização (e quando ingressam neste é sob a tutela de instituições religiosas e/ou governamentais) e as motivações político-ideológicas que lhe fizeram “quebrar a redoma de cristal” em que foi colocada.

Este tipo de postura deu início, na virada do século XIX para o XX, a uma corrente e a uma busca frenética para tornar visível àquela que fora ocultada¹⁹, e, envolta em inúmeros e múltiplos discursos²⁰, onde a mulher era caracterizada, até aquele momento, como integrante reclusa (confinada) e “peça social importante”, estritamente pertencente à esfera do espaço do privado, do doméstico, pois se acreditava piamente que:

o homem tem sua vida real e substancial no Estado, na ciência ou em qualquer outra atividade e no trabalho que o opõem ao mundo exterior e a si mesmo. A mulher, pelo contrário, é feita para a piedade e o interior [...]. Pois elas não agem conforme as exigências da coletividade, mas segundo os caprichos de sua inclinação e seus pensamentos [...] em virtude da “espécie de estado infantil contínuo” que caracteriza o sexo feminino. O doméstico não lhe poderia ser entregue sem controle; mas concorda-se em confiar às mulheres – dentro de certos limites – a família, a casa, núcleos da esfera privada (PERROT, 2001, p. 177-178).

Ao se forjar, academicamente, o termo *gênero*

a pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. (...) Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser contraditórias. Assim, o sentido de pertencimento aos diferentes grupos (...) constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse empurrado em diferentes direções, (...). Ao afirmar que o gênero institui a identidade

¹⁹ Sobre esta discussão ver: LOURO (1997, p. 17), SCOTT (1995, p. 71-99).

²⁰ Entenda-se aqui discurso a partir das concepções fundamentadas no pensamento de Foucault (2001) em que discursos não são apenas compostos por palavras, e sim um conjunto e/ou um aparato de elementos que denotam e demonstram o ordenamento e fixação social presente em determinado momento histórico.

do sujeito (assim como a etnia, a classe, ou a nacionalidade, por exemplo) pretende-se referir, portanto, a algo que transcende o mero desempenho de papéis, a idéia é perceber o gênero fazendo parte do sujeito, constituindo-o. (...) (LOURO, 1997, p. 24-25).

Partindo deste pressuposto, é necessário enfatizar que, ao percebermos a “construção do conhecimento”, até meados do século XX, como um local social privilegiado e dominado pelo elemento masculinizante, ou seja, pelo gênero masculino, é preciso, também, observar, quase concomitantemente, que as formas de difusão destes conhecimentos ficaram durante muito tempo restritas ao domínio, e sob a égide, dos homens.

Por isso ao mencionarmos a relação entre gêneros, não podemos ocultar o poder a que estes gêneros – feminino e masculino – estão submetidos e que constantemente disputam. Para compreender esta disputa, neste instante, recordemos a paulatina substituição do poder feminino (dominante no período Paleolítico) pelo masculino no controle da sociedade humana a partir do desenvolvimento da agricultura (período Neolítico), e, posteriormente, a partir do século XVIII (com a Revolução Industrial), o embate e a disputa (nunca pacífica, pois se em algumas situações e momentos não há a prática da violência física como forma de repressão e tentativa de manutenção do poder do masculino, esta violência está sempre presente de forma emocional, psicológica, social e cultural) por espaços públicos e privados e de domínio.

A alteração e a alternância de forças controladoras da sociedade despertam questionamentos e interpretações variadas e variantes a respeito do poder e do controle social presente nos grupamentos humanos, pois as mudanças são reflexos de algo mais lento e contínuo que está se desenrolando no entremeio das relações sociais. Esta disputa faz-nos refletir sobre a necessidade de

pensar o que muda no cotidiano e na vida privada é pensar as relações entre os múltiplos deslocamentos e as formas públicas em que se afirma a ruptura das relações de dominação. Há uma grande complexidade entre os deslocamentos materiais e as clivagens subjetivas que modificam as relações da ordem dos nomes e dos discursos, bem como a ordem dos corpos e das contradições que configuram o espaço, no interior do qual as relações entre os grupos sociais são percebidas. Relações que tornam visível o invisível, ou que dizem o que estava silenciado. (DEL PRIORE, 1997, p. 273)

para, então, compreendermos a amplitude e a necessidade prática de solucionarmos a questão dos gêneros em nosso meio social, para que assim possamos perceber as “regras” integrantes e mantenedoras de uma situação social que persiste em manter uma co-relação de forças desiguais entre o elemento masculino e o elemento feminino.

Mas voltando à questão da relação entre os gêneros, pode-se observar que um

aspecto que se ressalta dos estudos sobre gênero reside na rejeição ao caráter fixo e permanente da oposição binária – masculino versus feminino – que, por tanto tempo, alimentou as demandas feministas. Para isso, enfatiza-se a importância de uma desconstrução autêntica, nos termos de Jacques Derrida; revertendo-se e deslocando-se a construção hierárquica, em lugar de aceitá-la como óbvia ou como estando na natureza das coisas – antevendo-se para o futuro a transcendência dessa dualidade cultural. (SOIHET, 1997, p. 279).

Tal postura só se torna atingível quando passamos a reconhecer a existência desse ordenamento social, fincado nas diferenciações de gênero e preservado através da manutenção e reprodução, além da imposição, de estratégias de submissão de um pelo outro.

Compreender, então, o processo que imputa a identidade social ao gênero feminino – que obrigatoriamente não corresponderia ao sexo feminino, posto que as determinações de gênero não são e não devem ser atreladas às questões biológicas, mas que em nossa sociedade é quase um binômio inquebrantável: mulher/feminino – é algo amplo e complexo e resulta na difusão de novos valores e na desestruturação de modelos de sociabilidades pré-estabelecidos. Compreender as formatações tradicionais determinadas para o gênero feminino, em muito, facilita a compreensão dos papéis assumidos, desempenhados e recusados pelas mulheres e homens dentro de uma sociedade humana.

Lembramos, então, que o modelo social vigente no Ocidente é importado, quase que em toda a sua integralidade, da Europa e que foi incorporado pelas demais sociedades, a partir da difusão da civilização européia, desde o século XIV²¹. Essa sociedade, em relação à mulher, estabeleceu e adotou uma definição quase estática e que perdurou até o século XIX²², sem sofrer praticamente nenhuma alteração, o que é resultado de um conjunto processual de formulações mítico-religiosas, “saberes” políticos, médicos e filosóficos que determinaram e justificaram racional e coerentemente (aos olhos de seus contemporâneos) a inferioridade do ser feminino. Pois a mulher era mais frágil para desempenhar as atividades produtivas e, portanto, não poderia manter-se e sustentar-se e, muito menos, defender-se sozinha; mais

²¹ O período da História conhecido como Grandes Navegações e Expansões Marítimas (séculos XIV a XVII) marca a difusão do pensamento e do comportamento europeus para todos os continentes, com o processo de colonização das áreas e territórios conquistados, solidificando a idéia de que civilização corresponde ao modelo social vigente na Europa. É a partir desse período que o mundo passa a conhecer a expressão eurocentrismo e que cultura passa a ser sinônimo de civilização. Sobre esta discussão sugerimos a leitura das obras de Silva (1991), *Descobrimto e Colonização*; Todorov (2000), *A conquista da América*.

²² É a partir desse século que a indústria passa a requisitar cada vez mais mão-de-obra e preços baixos, e a mulher das classes operárias vai para a fábrica junto com filhos para tentar aumentar a renda familiar e obter a remuneração mínima para assegurar a sobrevivência da família. É, também, nesse momento que a classe burguesa inicia uma renovação em seus padrões culturais, em razão do acúmulo de capital e da adoção de diferentes formas de demonstração do *status* social. Dentro destas modificações está o fornecimento de uma educação mais esmerada, que vai além das prendas domésticas, às mulheres - fator que será o indicativo e o fomento inicial para a alteração dos papéis femininos tradicionais. Sobre estes aspectos ver Hobsbawm (2000), *Os mundos do trabalho*, Perrot (2001), *Os excluídos da História*.

dócil e por isto mais facilmente enganada, além de mais suscetível às investidas dos seres demoníacos. E por tudo isso deveria ser sempre vigiada (para que não se envolvesse com as coisas erradas), sustentada, protegida (porque não pode sustentar-se sozinha como um homem faz) e orientada (para que saiba se comportar como uma mulher “descendente” e seguidora dos preceitos sociais a ela determinados) pelos elementos masculinos de seu grupo social²³. Assim, passava sempre, e incondicionalmente, da tutela de seu progenitor para a tutela de seu esposo (amo) ou, então, para a tutela da Igreja – sempre chefiada por homens – tornando-se, nesta, de certo modo, também, esposa (de Cristo) e mãe (dos pobres e dos órfãos).

Assim, a sociedade ocidental definiu, de forma tácita, os papéis sociais femininos: esposa, genitora, mãe devotada, filha obediente e incapaz de questionar as ordens paternas, religiosa, pronta a receber as determinações de seus superiores. Papéis que não deveriam variar jamais, pois qualquer alteração destes implicaria a desobediência às regras e desembocaria no surgimento de um tipo de mulher desprezível (a “rapariga”, a que pertence a todos e a nenhum homem, indigna de olhar qualquer outro ser humano de frente) e não adequado à sociedade machista e centrada no poder masculino de controlar e ordenar os espaços sociais. Nessa perspectiva,

o homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria (PERROT, 1998, p. 7)

porque não tem a seu lado um homem que lhe assegure o seu lugar social de submissão e obediência incondicional.

A variação deste papel secundarizado no espaço público e de submissa no ambiente privado, será alterado, embora timidamente, ao longo dos séculos XIX e XX, quando seguindo a visão capitalista de lucratividade, não se admite mais que a mulher esteja “ociosa” em casa, uma vez que *“a economia política reforça essa visão das coisas, ao distinguir produção, reprodução e consumo. O homem assume a primeira e a mulher o terceiro, e cooperam na segunda.”* (PERROT; 2001, p. 178). Permitindo, assim, à mulher a “ampliação” dos espaços de atuação profissional para que também possa auxiliar no custeio das despesas domésticas. Portadores destes referenciais, buscamos, nesta pesquisa, verificar como estas

²³ Sobre o processo de construção da identidade e dos papéis sociais atribuídos à mulher na Europa, ver as obras de Barros (2001), Del Priore (1995) e Souza (1999).

transformações tiveram lugar no espaço social piauiense, tendo como “palco” as escolas confessionais católicas femininas.

No empreendimento desta pesquisa, concomitante a definição de nosso referencial teórico, definimos a metodologia de pesquisa a ser empregada na condução do trabalho. Para tanto, selecionamos como técnicas de pesquisa:

- *revisão bibliográfica* que nos possibilitou conhecer parte da produção científica já existente sobre a educação católica no Brasil e no Piauí no período da República, a situação sócio-econômica e política de nosso Estado e a inserção nesta das estruturas educacionais piauienses, bem como seus papéis sociais;
- *análise documental* em jornais e periódicos do período referente à pesquisa, os quais forneceram uma gama variada de informações sobre o contexto da época estudada e o discurso vigente na sociedade piauiense sobre os fatos pesquisados; aliamos a estes os documentos produzidos pelas próprias Escolas Confessionais Católicas Femininas;
- *entrevistas e aplicação de questionários* às ex-alunas dos Colégios das Irmãs, por meio destes tivemos acesso às memórias daquelas que freqüentaram e são sujeitos vivos desta História.

Para contactarmos as ex-alunas que se transformaram em sujeitos desta pesquisa, recorreremos à rede de relações familiares e de amizades existentes entre aquelas que estudaram nos Colégios. Fomos apresentados a algumas ex-alunas que nos indicaram outras e assim por diante. Como critério para a seleção dos sujeitos desta pesquisa, utilizamos o ano de ingresso de nossas entrevistadas no Colégio das Irmãs, ou seja, foram consultadas mulheres que freqüentaram os cursos dos colégios no período de nossa pesquisa (período em que os Colégios eram freqüentados apenas por mulheres).

Nossas entrevistadas foram as senhoras:

Amariles das Graças Santana de Sousa;

Angélica Maria Moura Albuquerque;

Eva Maria Evangelista Leal;

Jeanne Maria do Vale Soares;

Josina Maria de Oliveira Jacobino;

Maria das Graças Bastos Sousa;

Maria Geni Batista de Moura;
Maria Hilda Moura Fé;
Maria Inêz Moura da Silva;
Maria Luiza de Castro Teles;
Maria Ozeni Batista de Moura;
Tânia Maria de Oliveira Jacobino;
Teresinha de Jesus Soares Meireles.

2.2 A ESTREITA RELAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA COM A SOCIEDADE BRASILEIRA

A constituição da sociedade e do Estado brasileiro está atrelada à presença da Igreja Católica. A marca desta interligação se faz sentir quando fazemos menção a posturas e a princípios que norteiam nossas práticas cotidianas, em geral, definidos, não em termos profissionais ou políticos, mas em termos ético-religiosos fincados no catolicismo.

Estado e Igreja, aliadas ou não, foram instituições formatadoras das feições e normatizações que geraram e engendraram a sociedade brasileira. Lembremos, então, as palavras de Fausto (2003, p. 59-60) que nos aponta a sobreposição destas instituições no início de nossa formação social (período colonial):

as duas instituições básicas que, por sua natureza, estavam destinadas a organizar a colonização do Brasil foram o Estado e a Igreja Católica. Embora se trate de instituições distintas, naqueles tempos uma estava ligada à outra. Não existia na época, como existe hoje, o conceito de cidadania, de pessoa com direitos e deveres com relação ao Estado, independentemente da religião. A religião do Estado era a católica e os súditos, isto é, os membros da sociedade, deviam ser católicos.

Tomando esta perspectiva Mainwaring (2004), ao abordar a relação entre Igreja Católica e política no Brasil, afirma que a Igreja sempre esteve inserida no bojo da complexa instituição estatal patrimonialista existente no Brasil e que aparece, na História Nacional, “*vinculada ao Estado e às classes dominantes até 1964*” (2004, p. 9) quando, por conta dos governos militares entra em confronto direto com o Estado, para defender os direitos humanos e criticar o regime autoritário. Mas no período anterior ao regime militar,

muitas figuras históricas importantes ... eram padres e, durante os anos de domínio da Igreja da neocristandade²⁴, clérigos destacados cultivaram amizades com políticos com o fito de extrair favores do Estado. Aqueles religiosos formaram uma liga eleitoral para dizer aos católicos como deveriam votar ... (MAINWARING, 2004, p. 11).

Assim, percebemos que a penetração e presença da Igreja nos diferentes setores sociais e políticos brasileiros fez parte de um projeto de organização desta instituição no Brasil, inclusive, “o Vaticano encorajou os esforços da Igreja brasileira para fortalecer a presença da Igreja na sociedade” (MAINWARING, 2004, p. 43). A pretensão da Igreja Católica brasileira era, que sendo o Brasil uma nação católica,

a Igreja deveria tirar proveito desse fato e marcar sua presença muito mais forte na sociedade. A Igreja precisava cristianizar as principais instituições sociais, desenvolver um quadro de intelectuais católicos e alinhar as práticas religiosas populares aos procedimentos ortodoxos. (MAINWARING, 2004, p. 41).

Perseguindo esta pretensão, durante todo o período republicano, a Igreja coordenou e implantou uma série de ações e medidas, dentre as quais figurava com destaque a fundação de colégios e associações religiosas, a fim de instruir a elite político-econômica nacional, no intuito de obter a manutenção desta estreita relação com a sociedade brasileira.

Tomando esta relação como referência, podemos utilizar-nos da caracterização da ação religiosa católica no Brasil proposta por Maria (1981, p. 9) quando afirma que no período colonial,

a religião e o descobrimento das terras brasileiras se confundem num só fato histórico; e a *primeira missa*, a *posse divina*, o *jesuíta* são os três mais belos episódios do drama grandioso que o cristianismo veio representar neste cenário americano.

No período monárquico, a religião não pode ser considerada pelo historiador sem que, ao lado do profundo sentimento católico que anima o povo e do prestígio que ela tem para as massas, se mostrem bem salientes estes fatos: o regalismo, o enfraquecimento das ordens religiosas, o desprestígio do clero, a reação enérgica, mas efêmera, do episcopado e do elemento católico contra as usurpações do poder público, o racionalismo ou cepticismo das classes dirigentes.

No período republicano, separada a Igreja do Estado, a religião tem no Brasil uma nova e tão enérgica afirmação, que não é lícito apontar, ..., os erros e os excessos dos legisladores republicanos, sem reconhecer, ao mesmo tempo, os proveitos e vantagens que de fato implicou para o Brasil o novo regime.

²⁴ Segundo Mainwaring (2004) entende-se por Igreja da Neocristandade o movimento iniciado por alguns líderes da Igreja Católica no Brasil em 1916 e que vai até 1955, e que pretendia “promover uma presença mais marcante na sociedade” (p. 42), onde a Igreja fosse a fonte abalizadora de um catolicismo vigoroso e presente nas principais instituições e governos, atinge seu apogeu durante o governo de Getúlio Vargas quando a Igreja Católica consegue influenciar “o sistema educacional, a moralidade católica, o anticomunismo e o antiprotestantismo” (p.43)

Nesta pesquisa, não nos cabe remontar ao período colonial para demonstrar a já mencionada relação entre Igreja e sociedade brasileira, buscamos, sim, neste momento demonstrar, que embora separada legalmente do Estado desde 1890²⁵, e reafirmado na Constituição de 1891, e em todas as demais que o Brasil possui, a Igreja Católica ainda exercia influência nos círculos constitutivos do poder do Estado Brasileiro republicano.

Com o fim do Padroado Real²⁶, a Igreja Católica no Brasil buscou se reorganizar e

o fato de sentir-se ameaçada levou a Igreja a realizar reformas internas que ajudaram a melhorar sua imagem. Auxiliada por um novo fluxo de clero estrangeiro, a Igreja começou a reverter a decadência institucional das décadas anteriores. As ordens religiosas, ..., começaram a recrutar e a importar novos membros. Foram criadas novas dioceses e o controle episcopal sobre as atividades clericais cresceu. (MAINWARING, 2004, p. 42).

A separação do Estado, em termos de autonomia e organização interna, ao invés de enfraquecer a Igreja, ao contrário, lhe deu mais força e espaços de atuação antes cerceados pelo Estado, em outras palavras “*assegura à Igreja Católica no Brasil uma certa soma de liberdade que ela jamais logrou no tempo da monarquia*” (MARIA, 1981, p. 103).

Mas não podemos esquecer que,

as duas primeiras décadas do regime republicano constituíram um momento particularmente crítico para a Igreja Católica brasileira. Tendo que enfrentar movimentos sociais da magnitude de Joazeiro, Canudos e Contestado, e encontrar soluções viáveis para manutenção e expansão de suas instituições, os dirigentes eclesiásticos viram seus esforços condicionados, quer pela necessidade de acertarem fórmulas de acomodação com as elites oligárquicas, quer pelas diretrizes impostas pela política pontifícia de “romanização” nas regiões periféricas. As perspectivas de expansão que então se abriram à corporação eclesiástica em diversos domínios de atividade, mormente no sistema de ensino, sucediam em meio a toda sorte de conflitos político-religiosos com que se defrontaram os prelados. (MICELI, 1988, p. 123).

Outro elemento contra o qual a Igreja Católica – não apenas a brasileira, mas o próprio Vaticano – lutou no início do século XX foi o avanço da modernidade, pois “*a Igreja percebia o mundo moderno como sendo essencialmente maligno porque corroía ... fê devota e encorajava o culto da personalidade, do prestígio, do dinheiro e do poder. ...*” (MAINWARING, 2004, p. 44); na visão da Igreja a “*sociedade moderna também corroe um*

²⁵ Em 07/01/1890, o Governo Provisório Republicano, publica decreto da separação da Igreja e do Estado, “abolindo no art. 4º - o padroado com todas *as suas instituições, recursos e prerrogativas*; proibindo no art. 1º ao Governo federal leis, regulamentos ou atos administrativos sobre religião” (MARIA, 1981, p. 103).

²⁶ Segundo a Constituição Brasileira de 1824, a religião oficial do Brasil era o catolicismo e a Igreja Católica era atrelada ao Estado, na prática a Igreja do Brasil era uma “repartição pública” a serviço e sob as ordens imperiais.

grande número de valores relacionados com a religião, tais como a família tradicional e o respeito pela autoridade.” (MAINWARING, 2004, p. 45), por isso as ações eclesiais eram voltadas para a manutenção da ordem cristã tradicional e isto implicava na manutenção e preservação da sociedade brasileira em termos conservadores e de diferenciação social; a missão da Igreja deveria ser a de ganhar católicos e interferir na sociedade, “*catolicizar as outras instituições para salvaguardar o caráter cristão da vida social*” (MAINWARING, 2004, p. 48) mas sem alterar a ordem social vigente até então.

A busca por penetrar nas instituições seculares brasileiras foi conquistando espaços e seguidores, a tal ponto de nas décadas de 1920 até 1940, a Igreja ser identificada com o país, tanto que “*Frei Agnelo Rossi, ..., escreveu em 1942: ‘Defendamos sempre a Igreja Católica e estaremos defendendo o Brasil’.*” (MAINWARING, 2004, p. 48). Ao lado desta aproximação/identificação entre Igreja e país, figurava também a ação da Liga Eleitoral Católica (LEC)²⁷ que tinha o propósito de orientar os católicos como votar e suas orientações em geral pendiam para posições e candidatos conservadores e defensores das questões católicas da época.

Nas décadas de 1940 e 1950

uma das mais importantes mudanças realizadas pela Igreja ... foi a reforma do catecismo e da educação religiosa. Líderes religiosos achavam preciso ‘levantar o deprimido nível dos costumes, purificar o culto da vergonhosa mescla com exterioridades vazias e práticas supersticiosas, firmar a piedade em bases sólidas’. A educação religiosa deveria ser contínua, ao invés de orientada somente às crianças que estavam se preparando para a primeira comunhão. (MAINWARING, 2004, p. 50).

A primeira metade do século XX, no Brasil marcou a atuação da Igreja Católica orientada pelos preceitos e modelos da Neocristandade, mas estes foram tornando-se insuficientes na defesa dos interesses da instituição religiosa. Porém, durante o período que vigorou, conseguiu fazer com que a Igreja Católica brasileira, mesmo carente de pessoal qualificado, atingisse e permanecesse em contato direto com as elites governantes e as classes dominantes; no setor educacional fortaleceu-se, tornando suas escolas e colégios instituições reconhecidas pela qualidade educacional e pela formação intelectual de seu alunado; no setor

²⁷ A LEC foi criada em 1932 pelo cardeal Dom Sebastião Leme, não estava oficialmente ligada a nenhum partido político mas atuava como combatente do comunismo. A maioria dos candidatos favorecidos pela LEC na Assembléia Constituinte de 1933 foram eleitos e a Constituição de 1934 atendeu a maioria das exigências da Liga, tais como apoio financeiro do Estado à Igreja, reconhecimento do casamento religioso, proibição do divórcio, subsídios estatal para as escolas católicas e educação religiosa no horário regular de aulas.

social, manteve a sociedade estável e ordeira sem alterações bruscas da ordem estabelecida; além de ter obtido de Vargas a contemplação de muitos aspectos da doutrina social da Igreja.²⁸

No pós-guerra, preceitos e modelos da Neocristandade foram substituídos pela orientação reformista da Igreja Católica²⁹ que pregava, dentre outras coisas: a missão social da Igreja; importância do laicato dentro da Igreja; valorização do diálogo ecumênico; a Igreja é o povo de Deus; modificação da liturgia e adoção da língua vernácula na celebração dos ritos religiosos.

No esteio destas reformas, a Igreja Católica brasileira passou a se comportar como sendo parte do mundo secular e buscando ter neste uma participação ativa, adotando programas de cunho local e nacional que promoviam mudanças eclesiais. Uma destas é a criação da CNBB em 1952 que conferiu unidade aos discursos e posturas da Igreja brasileira. Outro exemplo destas mudanças foi a adoção da concepção da Igreja como povo de Deus e não mais pura e simples constituição de clero e hierarquia.

Essas iniciativas significavam aceitar ao invés de lutar contra a secularização, criticar ao invés de tolerar as desigualdades da sociedade e trabalhar com os pobres assim como com as elites. Inspiradas em parte pelo anticomunismo, essas inovações rompiam com as práticas tradicionais. Ao invés de ensinar a aceitação da pobreza, promoviam soluções que apontavam na direção de se superar ou de aliviar a miséria. (MAINWARING, 2004, p. 67).

Por conta desta nova postura, a Igreja passou a exercer um papel mais forte dentro da sociedade brasileira como um todo, conseguindo, assim, reforçar sua presença para melhoria da sociedade humana. É nesta fase de reformas que a Igreja Católica brasileira começou a se envolver com a questão agrária no país, pedindo inclusive a reforma agrária, embora a Igreja não concordasse com as Ligas Camponesas nem com os sindicatos rurais. A perspectiva de mudanças no campo e a solução da questão agrária, na perspectiva da Igreja Católica brasileira, é, segundo Mainwaring (2004, p. 76), “*um tanto ingênuos em sua crença de que os proprietários rurais se dispõem a apoiar as reformas defendidas pela Igreja.*”

O período que se iniciou com o Golpe Militar de 1964, marcou para a Igreja Católica uma fase de contradições, enquanto parte da Igreja apóia o Golpe, outra tecia críticas e defendia os direitos humanos. Neste momento autoritário, também, aconteceu a tentativa, por parte do Estado brasileiro, de neutralizar a ação do clero progressista, tentativa esta que foi

²⁸ Documentos da Igreja Católica que orientam seu posicionamento frente a ordem social mundial, a relação entre trabalho e capital. Em geral a doutrina católica permanece conservadora.

²⁹ No período de 1955 a 1964, a Igreja Católica é conhecida como Igreja Reformista, pois são promovidas reformas importantes, ocorrendo inclusive o Concílio do Vaticano II que introduz uma série de reformas no seio e nas práticas da Igreja Católica.

repudiada amplamente por todos os setores da Igreja Católica. Durante os anos de 1964 a 1970, a Igreja no Brasil passou a assumir características de Igreja popular, dentre as inovações mais importantes estava o surgimento das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base)³⁰.

Mesmo com a repressão imposta pelo Regime Militar, nesta fase, a Igreja se mostrou mais próxima tanto das classes menos favorecidas, através de ações populares, por meio do rádio, da educação de adultos e das CEBs, quanto das classes médias por meio da defesa dos direitos humanos e das liberdades democráticas, participando ativamente dos movimentos de combate à tortura e ao regime autoritário. Neste contexto, a Igreja influenciou cada vez mais a tomada de decisões pela sociedade brasileira, pois se fez cada vez mais presente nos locais e momentos onde esta sociedade anseia por proteção e acalento.

A tentativa de reconstituir alguns meandros da relação estabelecida entre Igreja Católica e sociedade brasileira, nos leva a afirmar que de fato, a Igreja, enquanto instituição organizada social e politicamente, embora estivesse separada do Estado, por meios legais desde o fim do Império, quando tratamos de comportamentos sociais e influência política, a Igreja manteve-se como instituição presente e forte nas disputas em torno da orientação e definição dos assuntos de Estado. Para comprovar esta afirmação, basta olhar os vários episódios da política nacional em que a Igreja mobiliza seus fiéis e interfere direta e claramente nas “políticas” nacionais. Só para citar alguns exemplos, lembramos que: “*a Igreja levou a massa da população católica a apoiar o novo governo*” (FAUSTO, 2003, p. 333) que ascendera ao poder em 1930 e tinha como presidente Getúlio Vargas; na década de 1960, “*a Igreja Católica promoveu no Nordeste a sindicalização rural, ao mesmo tempo que se opôs frontalmente às Ligas Camponesas*” (FAUSTO, 2003, p. 446); em 1964, a Igreja promoveu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade; o veto durante muitos anos a aprovação da lei que permitia o divórcio no Brasil; a mobilização das entidades católicas enquanto grupo de pressão na defesa do ensino privado durante a tramitação da LDB no Congresso Nacional; reintegrar a educação religiosa no horário regular de aulas; dentre outros.

Ou seja, a Igreja Católica em relação ao Estado, se comporta como instituição autônoma no sentido de ter a liberdade de gerenciar suas diferentes formas de atuação no seio da sociedade brasileira sem a intervenção do Estado. Mas a Igreja não se declara nem se comporta como instituição distanciada dos assuntos de Estado, pois utilizando variadas

³⁰ CEB é um grupo pequeno (com média de 15 a 25 integrantes) que se reúne para discutir a Bíblia e sua relevância face as questões contemporâneas. Seus membros coordenam as cerimônias religiosas e auxiliam na tomada de decisões nas comunidades na qual estão inseridos.

estratégias – diferenciadas daquelas do período imperial – continua interferindo nos rumos e formatações da sociedade brasileira, por meio da intervenção de seus fiéis que imbuídos de uma orientação e de uma formação moral-religiosa defendem os interesses daquela instituição nos mais diferentes espaços sociais, inclusive o Estado.

3 A ATUAÇÃO DA IGREJA CATÓLICA NA FORMAÇÃO EDUCACIONAL DAS MULHERES PIAUIENSES

3.1 A AÇÃO EDUCACIONAL DA IGREJA CATÓLICA PARA O BRASIL NO SÉCULO XX

Segundo Moura (2000), nos últimos anos do século XX ocorreu um decréscimo no número de escolas católicas no Brasil, especialmente, os cursos de ensino fundamental sentiram a retirada gradativa da presença da Igreja Católica. Mas, ao contrário do que ocorreu progressivamente desde o último quartel do século passado, a Igreja Católica, no Brasil, iniciou o último século com um movimento de franca e alardeada expansão de instituições escolares pelo país, pois, conforme Moura (2000, p. 93), é a partir da Proclamação da República (1889) que cresce vertiginosamente o *“número de novas congregações religiosas que vieram radicar-se no Brasil, muitas delas seriamente empenhadas no ideal da educação.”*

Neste contexto inicial de expansão dos institutos religiosos dedicados à educação em inícios do século XX, assistimos, também, a alteração das relações entre Estado e Igreja, por conta do novo regime que se instala no Brasil e que finda o regime de Padroado³¹. A Igreja autônoma por força da Constituição promulgada em 1891, perdeu a credencial de religião oficial do país, mas ganhou mais liberdade de atuação nas diferentes esferas sociais,

prova disso foi o aumento progressivo do número de circunscrições eclesiásticas (arquidioceses, dioceses, prelazias e prefeituras apostólicas) no Brasil de 1889 a 1930. De 1890 a 1900, as dioceses passaram de 12 para 19; de 1900 a 1910, de 19 para 41; de 1910 a 1920, de 41 para 59; e, de 1920 a 1930, de 59 para 88 dioceses.(MOURA, 2000, p. 93).

Alie-se a isto, *“o processo de recomposição institucional”* (NUNES, 2000, p. 491) da própria Igreja Católica no país o qual visava a “clericalização” do catolicismo brasileiro, ou seja, tornar indispensável à rotina religiosa dos fiéis a presença da figura do padre – e conseqüentemente da Igreja Católica Oficial – por meio de uma ação religiosa centrada nos sacramentos, excluindo-se assim a importância política e religiosa das Irmandades³², comandadas por leigos.

³¹ Conforme determinava a Constituição Imperial Brasileira a religião oficial do Brasil era o catolicismo e a Igreja no país estava subordinada diretamente às ordens e ao controle imperial.

³² Desde o período colonial, devido à escassez de clérigos, “os dois núcleos de organização e transmissão das crenças e práticas religiosas eram as irmandades ou confrarias leigas e as famílias” (NUNES, 2000, p. 490). Isto

Neste processo de reordenamento institucional, a Igreja Católica brasileira, tendo a necessidade de um público mais receptivo às novas normas, “*torna as mulheres um alvo privilegiado*” (NUNES, 2000, p. 491), passando a desenvolver ações e projetos específicos dirigidos à população feminina católica, tais como as associações femininas de piedade, escolas para meninas, dentre outras. Tal ação da Igreja visava tornar mais aceitável as idéias reformistas e a preservação dos espaços político-religiosos daquela instituição, através da ação feminina, pois “*na educação religiosa familiar, as mulheres estavam presentes influenciando na formação do espírito religioso de seus filhos e filhas*” (NUNES, 2000, p. 490), então, educar as mulheres brasileiras conforme os preceitos do catolicismo emanados do Concílio de Trento³³ era assegurar a “*manutenção do modelo familiar cristão tradicional*” (NUNES, 2000, p. 495). Para empreender esta tarefa de educar os jovens na fé cristã, a Igreja Católica brasileira solicitou o apoio de religiosos estrangeiros, por isto neste período é crescente o número de Ordens e Congregações Religiosas que vieram fixar-se no país.

No Império, duas congregações femininas iniciam aqui suas atividades: as Filhas da Caridade, em 1849, e as Irmãs de São José de Chambéry, em 1858. A partir de 1891, intensifica-se a vinda de religiosas estrangeiras, em sua maioria francesas e italianas. Entre 1872 e 1920, cinquenta e oito congregações européias se estabelecem em terras brasileiras; outras 19 também são fundadas no Brasil por essa época. O trabalho educativo nos colégios, o cuidado com os doentes, das crianças e dos velhos em orfanatos e asilos constituirão suas principais atividades. (NUNES, 2000, p. 492).

Neste momento de abertura de novos espaços de atuação social³⁴, chegam em 1903, as Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena³⁵, atuando inicialmente na cidade de Belém (Pará), onde seis irmãs fundam o Colégio Santa Catarina de Sena dando “*início às atividades de formação cristã, alfabetização e trabalhos manuais para as crianças pobres*” (HISTÓRICO DO COLÉGIO SANTA CATARINA DE SENA, 2005, p. 1).

faz com que no Brasil, as Irmandades adquirissem poder político e religioso, e, em contrapartida fragilizavam institucionalmente a Igreja Católica.

³³ Reunião de bispos e cardeais da Igreja Católica, ocorrida de 1545 a 1563, na cidade italiana de Trento. Definiu as principais ações da Igreja Católica contra a expansão do movimento da Reforma Protestante. As principais definições deste Concílio foram: estabelecer a idade mínima para o sacerdócio (25 anos); instituição de seminários destinados à formação dos clérigos; definição dos sete sacramentos; fortalecimento da autoridade pontifical; adoção do latim como língua litúrgica; determinação do celibato clerical.

³⁴ Na Europa, em conseqüência da difusão dos ideais da Revolução Francesa e de sua ideologia laicizante, ocorreram conflitos políticos e ideológicos entre a Igreja e os Estados europeus, o que dificultou e, em alguns momentos impediu a atuação social de religiosos e religiosas. “As Congregações encontram então na vinda para o Brasil uma solução para esse problema, mostrando-se motivadas pela idéia da ‘missão’ em terra estrangeira e legitimando, oportuna e religiosamente, o êxodo da Europa” (NUNES, 2000, p. 492).

³⁵ A Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena foi fundada em Sena na Itália, em 08 de setembro de 1873, pela Bem Aventurada Savina Petrilli, seu carisma fundamenta-se na espiritualidade assemelhar-se a Cristo como Sacerdote e Vítima, servindo aos irmãos e na educação da infância e juventude pobre e abandonada.

Outro elemento, neste contexto, que contribuiu para o aumento da iniciativa e presença da Igreja Católica no setor educacional, foi a supressão do ensino religioso³⁶ do curriculum das escolas oficiais, medida legal, também sustentada pela Constituição de 1891 e pelo pensamento laicizante que começava a fincar raízes na sociedade brasileira. No esteio da exclusão do ensino religioso nas escolas oficiais e da afirmação da laicidade do ensino oficial – única alteração de fato promovida pela República naquele momento no sistema educacional brasileiro – abriu-se espaço para a disputa entre o pensamento liberal (geralmente vinculado à grupos maçônicos) e o católico pelo controle do sistema educacional particular, único realmente estruturado no início da República. Disputa esta que não se pautava no modelo e nas técnicas educacionais adotadas por um ou por outro grupo, mas, sim, na postura ideológica e modelo de cidadão defendida por cada grupo.

Para a Igreja Católica, a educação e fé são indissociáveis, “*educar é formar cristãmente as pessoas*” (PASSOS, 2002, p. 185), então, a educação católica

em linhas gerais, teve por princípio formar as inteligências para a verdade. O objetivo central era garantir a formação religiosa e a educação da fé. A concepção que orientava o pensamento cristão, num primeiro momento, baseava-se na teoria do pecado original. Todo processo formador do ser humano é um processo de volta àquela imagem do homem perfeito, criado por Deus. Ou seja, não se trata de construir um novo ser, mas de voltar ao ser perfeito, destruído pelo pecado. A inspiração deste princípio era agostiniana e articulava as categorias de graça e pecado. (PASSOS, 2002, p. 187).

Enquanto para os defensores do pensamento liberal, a educação

é vista como sendo o veículo integrador das gerações às novas condições de um mundo em mudança. Ela deve organizar-se como instrumento de adaptação às situações novas de um meio social essencialmente dinâmico. Neste sentido a educação é tão imprescindível que do seu sucesso ou não, depende o crescimento ou perecimento da civilização [...] a educação é também a própria condição do humanismo tecnológico. Ela é tida como maior e o mais difícil problema proposto ao homem, já que ela deve formar o espírito e a unidade da nação, restabelecer o equilíbrio social e aproximar cada vez mais os homens. (CURY, 1984, p. 80-81).

Mas, a despeito desta disputa,

o esforço da Igreja no campo da educação parece ter tido êxito. Nos anos de 1930, cerca de 80% dos estudantes secundários do país se encontram em escolas particulares, sendo que a maior parte deles pertence à Igreja. Por volta de 1931,

³⁶ Esta medida atinge também as faculdades de direito de Recife e de São Paulo que têm que retirar de seus cursos as cadeiras/disciplinas de direito canônico e eclesiástico, em 14 de novembro de 1890, por conta do Decreto nº 1036-A.

(...), há poucas escolas primárias, mas três quartos das 700 escolas secundárias eram católicas (MOURA, 2000, p. 99).

Diante do quadro que se desenhou para a Igreja Católica no Brasil, podemos afirmar que “*a partir da era republicana a promoção da escola católica passou a constituir outro componente importante da ação pastoral da Igreja*” (AZZI apud MOURA, 2000, p. 100). Tanto que, em 1931, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, o ensino religioso – de caráter facultativo – voltou a fazer parte do curriculum das escolas oficiais, nos cursos primário, secundário e normal, e, em 1934 e em 1937, as Constituições então promulgadas ratificam “*a educação religiosa dentro do horário escolar e o Estado podia subvencionar as escolas católicas (art.153)*” (MOURA, 2000, p. 121). Durante a Era Vargas, a Igreja, apesar de concentrar suas ações educacionais nos cursos primário, secundário, normal e técnico comercial, começa a voltar-se, também, à educação de nível superior, fundando inclusive “*a primeira escola católica de serviço social, também a primeira desse gênero no Brasil*” (MOURA, 2000, p. 130), que foi a Escola de Serviço Social³⁷ de São Paulo, em 1936, criada pelo Centro de Estudos e Ação Social.

Outras instituições são criadas:

em 1940 é criada a Faculdade de Filosofia do Recife pela Congregação Santa Dorotéia do Brasil. Também em 1940 foi fundado, no Rio de Janeiro, o núcleo de duas faculdades, que possibilitariam no futuro a criação de uma universidade católica: a Faculdade Católica de Filosofia e a Faculdade Católica de Direito, que se converteriam, em 1946, na PUC do Rio.

Em 1944 foi fundada em Curitiba a Escola de Serviço Social, pela Ação Social do Paraná, estruturada como sociedade civil.

Em 1945, criou-se a Escola de Serviço Social de Porto Alegre, e em Natal surgia a Escola de Serviço Social de Natal, que, embora pertencendo à Juventude Feminina Católica, tinha personalidade jurídica e patrimônios próprios. (MOURA, 2000, p. 131).

No Piauí a iniciativa da Igreja Católica para instalação de ensino superior se concretiza em 1958 com a criação da Faculdade de Filosofia em Teresina.

Ainda no que se refere à atuação de católicos no campo da educação é importante ressaltar a instalação no final de 1945 da Associação de Educação Católica do Brasil (AEC), que congregou as escolas particulares católicas e passou a veicular orientações para a atuação uniforme das escolas católicas.

Em 1946 é promulgada uma nova Constituição para o Brasil, esta mantém o ensino religioso como disciplina regular nas escolas oficiais, mas de matrícula facultativa ao aluno.

³⁷ A segunda Escola de Serviço Social no Brasil foi criada, também, por iniciativa da Igreja Católica em 1937 no Rio de Janeiro, sob o patrocínio de Dom Sebastião Leme e por iniciativa de Alceu Amoroso de Lima e Stela Faro.

Contudo, é no setor da educação superior que a ação da Igreja Católica se torna mais contundente a partir deste ano, pois foram criadas e/ou reconhecidas: Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1948); Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1950); Universidade Católica de Pernambuco (1952); Universidade Católica de Campinas (1955); Faculdade de Filosofia de Teresina (1958); Universidade Católica de Minas Gerais (1958); Universidade Católica de Goiás (1959); Universidade Católica do Paraná (1960); Universidade Católica de Pelotas (1960); Universidade Católica de Salvador (1961); Universidade Católica de Petrópolis (1961).

Em 1961, em se tratando de educação, a Igreja voltou-se para a educação de jovens e adultos, criou-se com o objetivo de promover a alfabetização de adultos, o Movimento de Educação de Base (MEB) que se erigia:

sobre o tripé da escolarização, grupalização e animação popular, o MEB se propunha a: transmitir a educação de base às regiões subdesenvolvidas do Nordeste, Norte e Centro-Oeste do Brasil, através de programas radiofônicos com recepção organizada; criar em torno de cada escola uma vida comunitária, despertando nos alunos o espírito de iniciativa e responsabilidade social; velar pelo desenvolvimento social, econômico e espiritual do povo de cada região, preparando a comunidade para as indispensáveis reformas que necessariamente viriam a surgir. (MOURA, 2000, p. 141).

Para empreender suas ações o MEB utilizou-se da rede de emissoras católicas e em março de 1961, o presidente Jânio Quadros assegura ao MEB o fornecimento de recursos financeiros para o empreendimento da educação de adultos.

Em 1967, sob o governo dos militares o Brasil ganhou uma outra Constituição, que ao referir-se à educação, traz uma inovação e avanço em relação à anterior, pois estabelece o ensino obrigatório a todas as crianças de sete aos quatorze anos. E, em se tratando do ensino religioso o mantém como sendo disciplina obrigatória dos curriculum do grau primário e médio, mas de matrícula facultativa ao aluno.

Cabe-nos, aqui, lembrar que a partir de 1965, a Igreja passou a orientar as suas atividades na área educacional, pelos preceitos não mais do Concílio de Trento e, sim por aqueles emanados do Concílio do Vaticano II³⁸, que aprova a “Declaração sobre a Educação Cristã da Juventude” (20/10/1965) na qual afirma “*a gravíssima importância da educação na*

³⁸ Iniciado em 1962, pelo Papa João XXIII, e encerrado em 1965, pelo Papa Paulo VI, o Concílio do Vaticano II é unanimemente reconhecido como o maior acontecimento da história da Igreja, quiçá do mundo, do século passado. Isso porque ele introduziu na Igreja, bem como no relacionamento da Igreja com o mundo, e com todas as religiões, uma nova mentalidade nunca antes apregoada pelos Papas, pois adotou e implantou na Igreja a doutrina e o método do Modernismo.

vida do ser humano e seu reflexo cada vez maior no progresso social do nosso tempo” (MOURA, 2000, p. 152-153) por isso a Igreja deve se interessar pela educação e pronunciar-se sobre esta porque cabe a Ela cuidar *“de toda a vida do homem, mesmo da terrena enquanto está relacionada com a vocação celeste, assim tem a sua parte no progresso e ampliação da educação.”* (MOURA, 2000, p. 153). Nesta nova proposta de educação cristã, a Igreja procurou conciliar *“os progressos da psicologia, pedagogia e didática”* (MOURA, 2000, p. 153) com a intenção de fazer com que os batizados *“se tornem cada vez mais conscientes da fé que receberam.”* (MOURA, 2000, p. 154). O Concílio reiterou a primazia da escola, enquanto instituição mister na tarefa de educar os jovens, por isto afirmava que deveriam ser livres os pais para escolherem a escola que desejavam que seus filhos estudassem. Portanto, ao enfatizar esta liberdade de escolha dos pais, o Concílio reiterou a necessidade precípua da manutenção de escolas católicas, pois acreditava que, dentro da sociedade civil, *“a presença da Igreja manifesta-se de modo particular por meio da escola católica”* (MOURA, 2000, p. 154). Para dar cumprimento àquilo proposto pelo Concílio, por meio da Declaração sobre a Educação Cristã da Juventude, os colégios católicos passaram por profundas modificações,

tais como a adoção do regime da coeducação, admitindo alunos de ambos os sexos e a consagração de maior empenho na formação integral de alunos e alunas, incluindo a formação sexual, o acompanhamento psicológico e a formação social e profissional. (MOURA, 2000, p. 155).

Mas, em se tratando de educação, algo permanece idêntico ao início do século, é a certeza de que o processo de educação é uma continuidade do processo de evangelização, ou seja, educar, continua sendo um dos veículos alternativos para preservação da fé cristã e da posição da Igreja enquanto instituição norteadora das práticas cristãs. Então as escolas católicas devem *“formar simultaneamente bons cristãos e bons cidadãos”* (MOURA, 2000, p. 159).

Apesar das alterações pelas quais passaram as escolas confessionais católicas ao longo do século XX, podemos depurar da proposta educacional da Igreja Católica, as seguintes linhas mestras:

- um ensino que evita a massificação e pautado numa grade curricular tida como de excelente nível acadêmico;
- um quadro de profissionais com alto índice de qualificação e baixo índice de rotatividade;
- uma estrutura de serviços e de equipamentos auxiliares, bastante sofisticada e considerada como atual e eficaz;
- uma ‘aura’ de respeitabilidade e credibilidade;

- uma pedagogia inspirada e inspiradora de comportamentos de cunho liberal;
- uma assistência religiosa ‘discreta’, onde ser católico não implica em ser católico praticante. (CRESPO, 1991, p. 145).

Seguindo esta proposta, “*os colégios religiosos, por sua vez, veiculam uma educação de caráter fortemente conservador, centrada na manutenção do modelo familiar cristão*” (NUNES, 2000, p. 495), onde professor e aluno assumiam papéis previamente estabelecidos na instituição escolar, porque ao primeiro é dada a autoridade da posição e dos conhecimentos do qual é portador, e ao segundo cabe ser orientado e conduzido à construção de práticas e vivências cristãs e cidadãs.

3.2 AS ESCOLAS CONFESSIONAIS CATÓLICAS PARA MULHERES NO PIAUÍ: O COLÉGIO DAS IRMÃS

A criação das instituições escolares católicas piauienses insere-se dentro do contexto geral de expansão das atividades educacionais da Igreja Católica em território brasileiro. Pois conforme a análise feita por contemporâneos à fundação destes,

Colégios Católicos, seja do sexo masculino que feminino, deram em breve tempo, os melhores resultados quanto à instrução assinalada pela virtude que neles é ensinada e é capaz de instilar no coração da juventude nobres sentimentos de amor a Deus, ao próximo, à religião e à Pátria. (CHEGADA DAS IRMÃS À TERESINA PIAUÍ-BRASIL, s/d, p. 20)

Embora conhecidos popularmente sob o mesmo codinome *Colégio das Irmãs* e dirigidos por religiosas oriundas de uma mesma Congregação – Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena – estas instituições são autônomas entre si, fato que fica tácito na existência de diretoras/superioras diferentes, mas, também, é fato que as duas escolas seguem, em linhas gerais, a mesma proposta pedagógica, a que é definida pela Congregação como pedagogia saviniana³⁹.

O processo de constituição da educação católica em território piauiense, com a implantação dos colégios confessionais femininos e masculinos, não é resultado dos esforços isolados deste ou daquele grupo ligado à Igreja Católica, mas sim a consolidação das ações da Igreja que visavam minimizar a influência social e cultural – além de política – dos pensadores e intelectuais maçônicos. Estas ações ganharam mais impulso com o Bispo D.

³⁹ A referência saviniana corresponde à princípios e proposta educacional elaborada por Madre Savina Petrilli, fundadora e superiora da Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena. Segundo esta pedagogia, educar as crianças e as jovens é uma missão e esta deve ser cumprida “sob o prisma dos valores cristãos” (HISTÓRICO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 2).

Joaquim Antonio de Almeida⁴⁰ que governou a Diocese de Teresina de 12 de março de 1906 a 02 de novembro de 1910. No transcurso de sua gestão instalou o Seminário e o Colégio Diocesano, em Teresina, destinados à educação de rapazes, e, solicitou o auxílio⁴¹ da Congregação Italiana das Irmãs Pobres de Catarina de Sena para a abertura de escolas destinadas a educação das mulheres piauienses, sendo prontamente atendido. Em outubro de 1906 foi aberto o Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina, e em junho de 1907 foi inaugurado o Colégio Nossa Senhora das Graças em Parnaíba.

No contexto das disputas político-religiosas entre Igreja e Maçonaria, a iniciativa de D. Joaquim com a fundação de colégios católicos⁴² consolidava o cumprimento de suas funções episcopais – reforçar a presença mais contundente da Igreja Católica no seio da sociedade piauiense – que buscava formar desde cedo o pensamento e o comportamento dos fiéis, pois os momentos de formação moral-religiosa dos fiéis não seriam mais restrito às missas e celebrações, confissões ou preparações para o recebimento dos sacramentos, os fiéis – com a instalação dos colégios – dispõem agora de instituições confiáveis para educar seus filhos e filhas. Assim,

para a Igreja, a instrução religiosa visava à formação das gerações nascentes, dentro do ideal católico. Era pela educação católica que a sociedade seria salva do abismo dos equívocos modernos, pois a formação religiosa era a única capaz de combater tais erros e guiar as futuras gerações no caminho do bem, da moral e dos bons costumes cristãos. Ressaltava-se a necessidade de combater uma educação sem Deus. “A religião deve ser a base da educação, presidindo-a para cessar de ser uma educação falsa e manca”. O pai de família não deveria entregar a formação de seus filhos a educadores ímpios, que os afastariam da religião, aprendendo considerá-la com indiferença. A instrução sem religião estaria fadada à falsidade, seria desastrosa, sem moral, uma vez que a base de toda a educação deveria ser buscada na religião católica. A educação sem Deus estaria minada de preconceitos funestos, depravados, de hábitos venenosos. Era preciso formar a criança com base na Religião. [...] Somente a educação religiosa seria capaz de regular e limitar as ambições, dominar as paixões nocivas e fortificar a vontade na prática do bem. (PINHEIRO, 2001, p. 64-66)

Inicialmente, os Colégios funcionaram tendo as religiosas italianas como professoras, centrando-se na *“formação religiosa das alunas e ao ensino de trabalhos manuais, música,*

⁴⁰D. Joaquim Antonio de Almeida atuava como clérigo no Rio Grande do Norte, com 37 anos de idade foi nomeado como o primeiro Bispo para a Diocese de Teresina, a designação foi feita pelo Papa Pio IX através da *bula Cunctis ubique pateat* de 14 de dezembro de 1905. (BISPOS E ARCEBISPOS DA ARQUIDIOCESE DE TERESINA, 2006, p. 1).

⁴¹ O Bispo envia à Madre Geral da Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena, Savina Petrilli, no ano de 1906, pedido para fundar um Colégio dedicado à educação da juventude feminina piauiense primeiramente em Teresina, e, em uma segunda solicitação pede a fundação de um Colégio nos mesmos moldes na cidade de Parnaíba.

⁴² Ainda na gestão de D. Joaquim foi instalado o Colégio Diocesano em Parnaíba que funcionou, nesta primeira fase, por apenas três anos; e engendrado esforços – embora ineficazes – para vinda dos religiosos Salesianos com a finalidade de fundar colégios católicos em São João do Piauí, Parnaíba, Picos e Corrente.

pintura e rudimentos de línguas estrangeiras (italiano e francês)” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, EVOLUINDO, REFORMANDO-SE E REAFIRMANDO-SE, 1973, p. 1), uma vez que as irmãs falavam italiano e compreendiam pouco o português.

A primeira dificuldade enfrentada na instalação dos Colégios no Piauí foi a comunicação, pois as irmãs designadas para atuar aqui vieram diretamente da Itália, embora já houvesse desde 1904 irmãs da mesma Congregação instaladas em Belém do Pará. Para Teresina foram designadas as irmãs: Edvige Pescucci (superiora), Cristina Daddi, Zita Gavilli, Vicenza Pratolongo, Orsolo Bindi e Tecla Doro; enquanto para Parnaíba foram encaminhadas as irmãs: Annunziata Amália Petri (superiora), Maria Guzzarri, Maria Laura Giovine e Josefina Taccini. Esta dificuldade persistiu nos primeiros anos, o que afetou a situação funcional dos Colégios que atuavam junto a um número ainda reduzido de alunas, *“as irmãs estudavam o idioma, mas ainda não dominavam o difícil português, mesmo assim desejavam a ampliação da comunidade educativa.”* (HISTÓRICO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 1).

FOTO 1

IRMÃS FUNDADORAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – PARNAÍBA



FONTE: Arquivo do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

A ampliação tão desejada pelas irmãs italianas tem um outro empecilho, o local de funcionamento, os Colégios haviam dado início a suas atividades em casas cedidas por membros da comunidade católica local, sendo estas inadequadas para o atendimento de um número maior de alunas. Em Teresina, a primeira sede do Colégio das Irmãs e também local de residência das religiosas foi uma pequena casa cedida pelo Dr. João Elias Martins situada

na Rua Bela⁴³, depois transferiram-se para o local Tabajara⁴⁴ de propriedade do Monsenhor Joaquim Lopes, até que em fins do ano de 1906, recebem de Leocádio José Santos a doação de terreno⁴⁵ e de “*casa térrea, de piso de tijolo, para elas habitarem e abrirem uma escolinha*” (COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, EVOLUINDO, REFORMANDO-SE E REAFIRMANDO-SE, 1973, p. 1). Já em 1906 é iniciada a construção do novo prédio para abrigar o Colégio, somente concluída em 1930. A área da sede da Congregação das Irmãs Pobres de Santa Catarina de Sena é ampliada em 5 de outubro de 1909 com a aquisição de terreno contíguo e de propriedade do Bispo de Teresina, D. Joaquim Antonio de Almeida, pelo valor de quinhentos e quinze mil réis. Quanto ao Colégio de Parnaíba teve duas sedes, a primeira na mesma casa modesta em que residiam as irmãs, e a segunda, local da atual sede, em terreno comprado do Sr. Bernardo Borges Leal pelas irmãs, em 30 de junho de 1911 e situado à praça Santo Antônio, tendo sua construção iniciada em 30 de dezembro de 1918, passando em 1924 pela primeira reforma devido ao alagamento provocado pela enchente daquele ano e que afetou as estruturas do prédio do Colégio.

⁴³ Atual Rua Teodoro Pacheco.

⁴⁴ Atualmente no Local Tabajara encontra-se o Convento dos Capuchinhos. Este local também já abrigou o Colégio São Francisco de Assis.

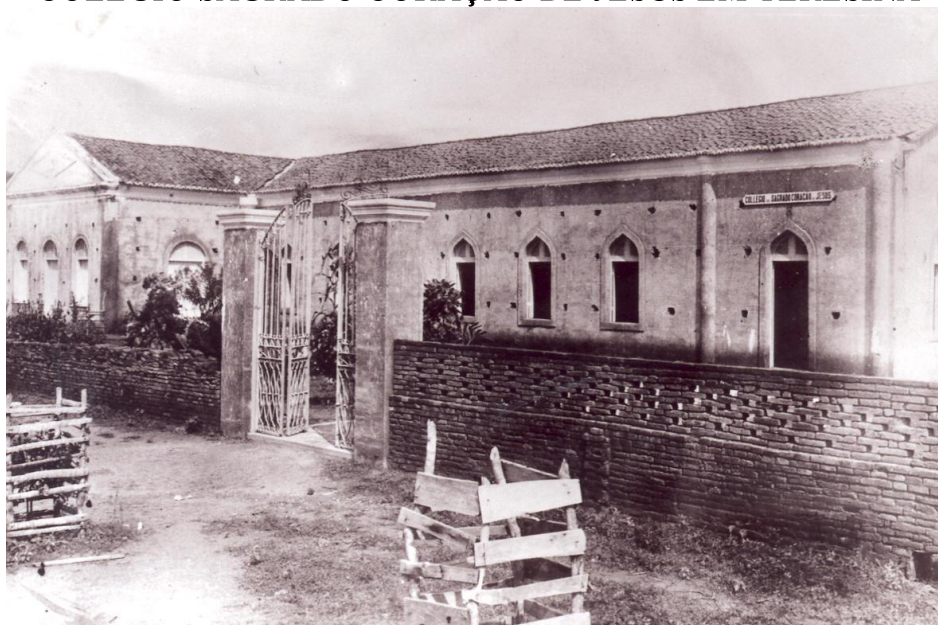
⁴⁵ O terreno recebido em doação constitui parte da atual sede do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina, na Avenida Frei Serafim.

FOTO 2
COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS EM PARNAÍBA



FONTE: Arquivo do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

FOTO 3
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

A construção das sedes dos Colégios das Irmãs foi possível devido a campanhas de doação de recursos financeiros, materiais e mão-de-obra empreendidas durante toda a primeira metade do século XX, pelas religiosas, suas alunas e ex-alunas junto a comunidade católica local. Nestas campanhas deram contribuições de particulares e representantes dos governos estadual e municipal. Considerando o empenho das religiosas e de suas alunas e somando-se a isto a invocação de que o auxílio às obras dos Colégios se constituía num gesto cristão e de caridade, tais campanhas tinham um grande poder de mobilização da comunidade

local, incluindo-se aí as ex-alunas dos referidos Colégios, que mesmo residindo fora do Estado prestavam auxílio ao seu Colégio, tal como ocorreu na época da construção da Capela do Colégio de Teresina, em 1925, em que a *“ex-aluna, Anita Burlamaqui, agora esposa de um grande médico estava arrecadando em São Paulo, ajuda para a nossa Capela.”* (MEMÓRIAS... DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DE 1906 A 1933-FATOS PRINCIPAIS, s/d, p. 32) e enviou cheque no valor de setecentos mil réis às Irmãs através de sua irmã Áurea, esta também aluna do Colégio.

FOTO 4
CAPELA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

As escolas confessionais católicas femininas piauienses, foram paulatinamente, agregando valores pedagógicos e melhorando a qualidade do ensino oferecido a suas alunas, tanto que em 1925 o Colégio de Teresina ampliou seu quadro docente, antes restrito às religiosas, com a contratação do Dr. Daniel Paz para lecionar Língua Portuguesa, e, em 1928 a mesma atitude é adotada pelas irmãs do Colégio de Parnaíba que contratam professoras normalistas para lecionar Língua Portuguesa.

Outro ponto relativo ao ensino que é relevante mencionar é o que concerne aos níveis e cursos oferecidos pelos Colégios, pois este era no início de suas atividades educacionais apenas o Curso Primário e aulas livres eminentemente práticas e voltadas para a aprendizagem de atividades vinculadas diretamente à condução das lidas domésticas, tais como: pintura, bordado, corte e costura para recém-nascidos, canto, estas se constituíam, também, em aulas voltadas para o refinamento estético das mulheres piauienses. Mas a partir dos anos 1930, os Colégios começaram a expandir suas atividades educacionais com a oferta dos seguintes Cursos, em Teresina: Curso Normal (1931), Jardim de Infância (1934), Curso Ginásial (1938), Curso Técnico em Comércio (1954), Curso Científico (1959); em Parnaíba: Curso Normal (1934), Curso Técnico em Comércio (1935), Curso Ginásial (1936), Jardim da Infância (1960) e Curso Científico (1985).

Considerando que os dois Colégios das Irmãs enquadram-se na categoria de escolas particulares, pois havia a cobrança de anuidade às alunas que variavam de acordo com o Curso ou aulas escolhidas para freqüentarem, mas também são religiosos, *“dedicavam-se não só as filhas dos mais abastados, mas também aquelas mais pobres que se achegavam a elas”*. (HISTÓRICO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 1). Para tanto ambos os Colégios mantinham escolas gratuitas, anexas às escolas principais. Em Teresina foi instalada a Escola Santa Inês, no mesmo prédio do Colégio Sagrado Coração de Jesus, a distinção entre as alunas era feita através do uniforme escolar que era diferenciado. Em Parnaíba foi instalada a Escola São José no prédio do Colégio Nossa Senhora das Graças, a distinção entre as gratuitas e as pagantes era feita através das salas de aulas, havia salas distintas para cada categoria de aluna.

“Permanecendo fiel à tradição de ser fonte e berço de uma educação à luz dos valores religiosos” (HISTÓRICO DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 3), os Colégios também fundaram organizações religiosas que funcionavam nas suas dependências, como por exemplo: Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Aspirantado.

Podemos afirmar, então, que os Colégios Confessionais Católicos femininos piauienses reiteravam fielmente a máxima da educação católica de formar bons cristãos (no caso do Colégio das Irmãs, boas cristãs) e bons cidadãos, tanto que em 1973, ao preparar seu próprio histórico, o Colégio das Irmãs de Teresina cita que o seu grande valor perante a sociedade da cidade e do Estado do Piauí é *“constatado pelo testemunho de suas ex-alunas, a grande maioria das mães de família teresinenses, dando o melhor de si mesmas nos mais variados setores sociais da Capital do Piauí e de cidades circunvizinhas”* (COLÉGIO

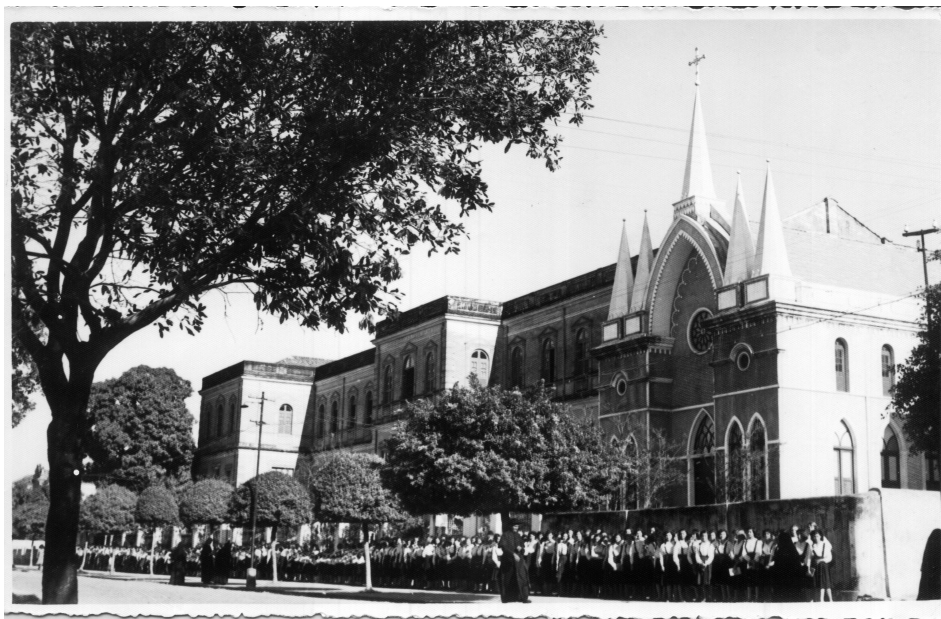
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS, EVOLUINDO, REFORMANDO-SE E REAFIRMANDO-SE, 1973, p. 1). Enquanto, o Colégio das Irmãs de Parnaíba divulga, naquele mesmo ano, que o Colégio tratava-se de *“uma instituição educativa, com o objetivo de dar à juventude formação integral, afim de prepará-la ao perfeito conhecimento de seus deveres para com Deus, a Igreja e a Pátria”*. (DADOS GERAIS DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS ALUSIVAS AO CURSO PEDAGÓGICO, 1973, p. 1).

FOTO 5
COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS EM PARNAÍBA



FONTE: Arquivo do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

FOTO 6
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

3.3 CURRÍCULO E ENSINO NAS ESCOLAS CONFESSIONAIS CATÓLICAS PIAUIENSES: O COLÉGIO DAS IRMÃS

Os Colégios das Irmãs, ao longo de seu processo histórico, passaram a oferecer diversos Cursos e de forma que gradativamente foram formulando seus currículos e o ensino adequado às exigências legais, sociais e aos seus objetivos de formação religiosa.

Igualando-se à maioria das instituições de ensino existentes na primeira metade do século XX, os Colégios das Irmãs passavam por constantes inspeções escolares e, pela direção destes colégios terem optado por vinculá-los ao sistema federal de ensino, as visitas de inspeção, que no seu cerne eram disciplinadoras e normatizadoras das rotinas do colégio, eram empreendidas por inspetores federais.

Devido à importância social atribuída aos Colégios das Irmãs, o Colégio de Teresina passa a abrigar em suas dependências uma sala de inspeção e tem dentro do grupo de funcionários a nomeação por órgão federal de um inspetor da instrução pública. Este inspetor acompanhava pessoalmente o desenvolvimento das atividades didático-pedagógicas do Colégio de Teresina e, por meio de relatórios, correspondências e visita orientava, coordenava e autorizava a realização das atividades escolares do Colégio de Parnaíba. A presença do inspetor federal nas dependências do Colégio persiste até 1962, quando o Colégio celebra

convênio com a Inspeção Seccional do Ministério da Educação e Saúde, passando a partir de então a não carecer mais da presença constante de um inspetor para que se autorizasse atividades rotineiras do Colégio tais como: o início e o término do período de matrículas; o período de aplicação dos exames parciais e finais; datas para a aplicação dos exames orais; listagem de conteúdo a ser ministrado em cada disciplina; transferência de alunas para outro estabelecimento escolar, etc.

QUADRO 1
RELAÇÃO DE INSPETORES FEDERAIS QUE ATUARAM NO COLÉGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA

<i>PERÍODO QUE EXERCEU A FUNÇÃO DE INSPETOR FEDERAL</i>	<i>INSPETOR FEDERAL NOMEADO</i>
1951-1953	Benjamin do Rego Monteiro Neto
1954	Cláudio Francisco Ferreira
1955-1956	Maria Mercedes Ferraz Martins
1957	James da Costa Azevedo
1958	Manoel Paulo Nunes
1959	Maria Mercedes Ferraz Martins
1960-1961	Cláudio Francisco Ferreira

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

3.3.1 Jardim da Infância

Quanto ao ensino ofertado nos Colégios, este atendia exclusivamente às mulheres a partir do primário, mas nas classes de Jardim de Infância (abertas em 1934) no Colégio Sagrado Coração de Jesus (Teresina) e no Colégio Nossa Senhora das Graças (instalado em 1960) ocorria a matrícula de alunos de ambos os sexos, ou seja, ocorria a co-educação a qual iria ser adotada plenamente somente a partir de 1976.

O Curso do Jardim da Infância⁴⁶ atendia a alunos com idades entre três e seis anos de idade e funciona também como classes de alfabetização, onde ao final do período letivo os alunos, dependendo do rendimento e avaliação das irmãs-professoras, poderiam ser promovidos para a 1ª série do Curso Primário, neste momento havia a separação entre

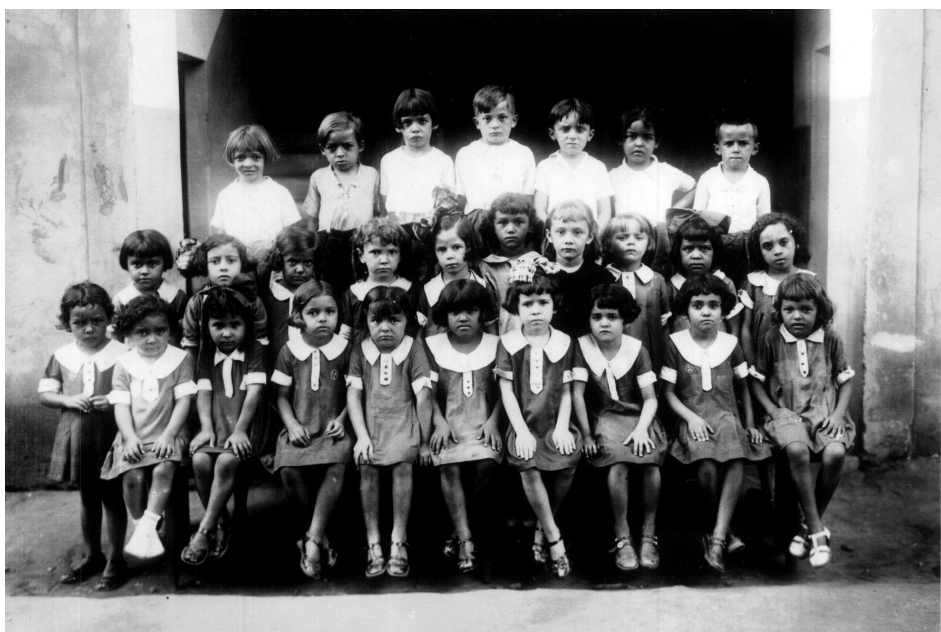
⁴⁶ Oficialmente o Curso é registrado, junto aos órgãos oficiais e de ensino, como Jardim de Infância do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Teresina, e em Parnaíba é denominado Jardim de Infância do Ginásio Nossa Senhora das Graças.

meninos e meninas. Em geral os meninos são encaminhados para o Colégio Diocesano, enquanto as meninas continuam seus estudos, via de regra, no Colégio das Irmãs.

O curriculum do Jardim de Infância, além dos rudimentos de escrita e leitura, é composto até 1962 por: aulas de religião e normas de conduta (socialização); a partir de 1963 passa a ser composto por: aulas de religião, normas de conduta (socialização) e conhecimentos gerais. Os critérios de promoção para a 1ª série eram baseados na idade do aluno, na frequência obtida durante o período escolar (anual) e no rendimento/aprendizagem satisfatório ou não do aluno em relação aos conhecimentos de religião e normas de conduta (socialização).

Quanto à aceitabilidade e procura pela sociedade teresinense pelos serviços do Jardim de Infância do Colégio das Irmãs, podemos dizer que era alta junto à elite da cidade, pois, desde a sua inauguração foi sempre crescente o número de alunos matriculados ano após ano, conforme pode-se constatar no Livro de Matrícula do Jardim de Infância (1935 a 1972). Fato interessante, observado neste mesmo Livro de Matrícula, é a forma com a qual se designava a anuidade paga pelas famílias que matriculavam seus filhos no Jardim de Infância, este pagamento recebia o nome de jóia e era registrado o valor pago – quer seja de 10C\$ ou de 5C\$ – ao lado do nome do aluno no referido Livro de Matrículas.

FOTO 7
ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA DO COLÉGIO SAGRADO
CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

Embora o Colégio aceitasse matrículas de meninos e meninas conjuntamente para o Jardim da Infância, pelos dados do Livro de matrícula, há sempre a predominância de matrículas de meninas, exceto no ano de 1938 quando se tem 22 dois meninos e 20 meninas matriculados naquele Curso.

Dentre os filhos de famílias pertencentes às camadas socialmente privilegiadas de nossa Capital e que estudaram como alunos no Jardim de Infância do Colégio das Irmãs em Teresina, citamos:

- Em 1935: matriculados os filhos do Dr. Leônidas Melo, alunos Regino Melo e Yolanda Melo; filho de Lindolfo do Rego Monteiro, aluno Clesio Paes do Rego Monteiro; filho de Elias João Tjra, aluno Jesus Tjra.
- Em 1939: matriculada a aluna Célis Portela Nunes.
- Em 1947: matriculada a aluna Fides Angélica de Castro Veloso Mendes.
- Em 1948: matriculado o aluno Torquato Pereira de A. Neto.
- Em 1960: matriculado o filho do Professor José Camillo da Silveira Filho, aluno Charles Carvalho Camillo da Silveira.
- Em 1961: matrícula da filha do Professor Olímpio de Castro de Oliveira, aluna Walkiria Leite de Castro.
- Em 1962, matriculada a filha do Professor José Camillo da Silveira Filho, aluna Elizabeth Carvalho Camillo da Silveira; e filha de Petrônio Portela Nunes, aluna Patrícia Almendra Freitas Portela Nunes.

Neste ponto cabe um questionamento: por que até os seis anos de idade, ou seja, na pré-escola se admitia a co-educação e a partir daquela idade não se mais aceita esta modalidade de ensino? A resposta para tal dúvida, pode ser encontrada no pensamento transposto pela educadora católica Santa Edith Stein (1999) afirmando categoricamente que a *“harmonia no trabalho educativo encerra portanto a reivindicação de uma formação abrangente e equilibrada de todas as forças físicas e psíquicas naturais”* (p. 15), então, para ser harmoniosa, a educação deve observar e pautar-se de acordo com a diferença que existe entre os dois tipos de seres humanos, ou seja, a formação dos jovens deverá ser abrangente e equilibrante de todas as forças físicas e psíquicas naturais conforme a natureza individual e específica de homens e mulheres, portanto não se pode num mesmo espaço escolar, nem de forma igual educar a homens e mulheres, porque isto poderia propiciar *“o desenvolvimento desequilibrado da personalidade, por uma formação unilateral ou inadequada das forças, leva fatalmente a conflitos ou deficiências na postura religiosa”* (STEIN, 1999, p. 15) e, antes de formar cidadãos aptos a vida pública, as escolas católicas formam cristãos aptos à prática virtuosa da religião católica e até mesmo à vida religiosa.

TABELA 1
MATRÍCULAS NO JARDIM DE INFÂNCIA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS – TERESINA NO PERÍODO DE 1935 A 1972

<i>ANO</i>	<i>MATRÍCULA</i>			<i>ANO</i>	<i>MATRÍCULA</i>		
	<i>Meninos</i>	<i>Meninas</i>	<i>Total</i>		<i>Meninos</i>	<i>Meninas</i>	<i>Total</i>
1935	41	52	93	1954	30	59	89
1936	33	48	81	1955	26	71	97
1937	20	41	61	1956	35	77	102
1938	22	20	42	1957	35	54	89
1939	13	14	27	1958	36	74	110
1940	10	24	34	1959	38	61	99
1941	18	23	41	1960	35	84	119
1942	11	20	31	1961	30	100	130
1943	08	23	31	1962	38	75	113
1944	09	30	39	1963	40	80	120
1945	19	37	56	1964	42	73	115
1946	06	35	41	1965	48	67	115
1947	16	43	59	1966	24	59	83
1948	16	46	62	1967	35	80	115
1949	26	36	62	1968	30	71	101
1950	21	39	60	1969	24	60	84
1951	23	50	73	1970	34	65	99
1952	17	53	70	1971	28	61	89
1953	23	59	82	1972	33	106	139

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

FOTO 8
ALUNOS DO JARDIM DE INFÂNCIA DO COLÉGIO SAGRADO
CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

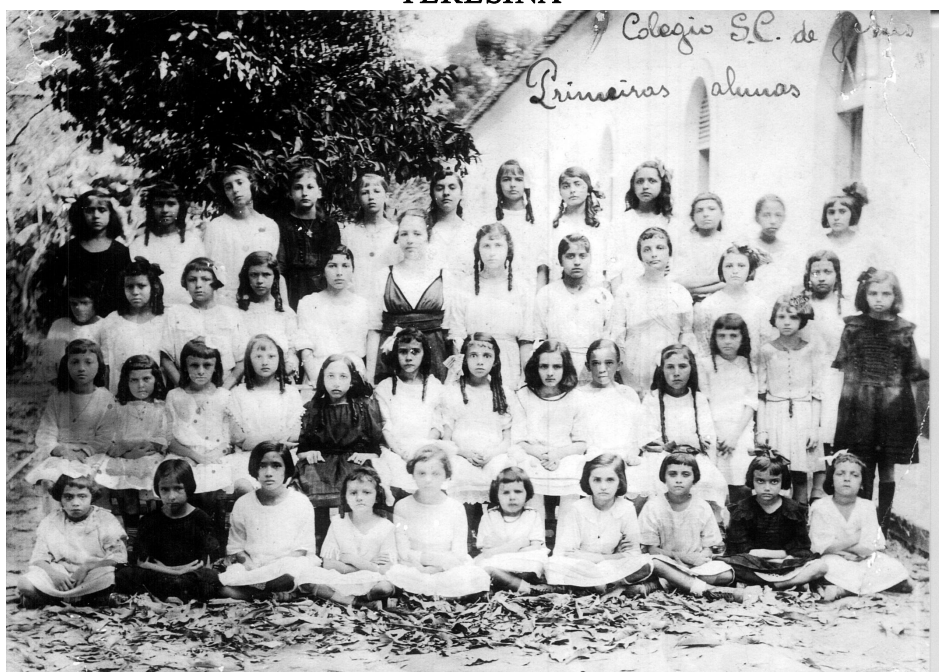
3.3.2 Curso Primário

Embora o ensino infantil do Colégio Sagrado Coração de Jesus (Teresina) tenha tornado-se referência na cidade, este não era o Curso que as irmãs davam maior atenção. O Curso Primário era o centro das atenções e recebia uma quantidade relevante de alunas, sendo, inclusive, responsável, juntamente com o Curso Ginásial, pela manutenção do regime de internato. Este curso também era oferecido na Escola Santa Inês e Escola São José (gratuitas).

Em 04 de outubro de 1906, as atividades do Colégio de Teresina eram iniciadas com aulas do Curso Primário para “*apenas uma menina (...) mas, aos poucos , o número foi aumentando e no final de novembro tínhamos 8 alunas externas e uma interna. As férias iniciaram no dia 1º de dezembro indo até 4 de fevereiro de 1907, quando foi reaberta a escola, com matrícula de 13 externas e 3 internas.*” (MEMÓRIAS... DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DE 1906 A 1933 - FATOS PRINCIPAIS, s/d, p. 1).

O Colégio de Parnaíba iniciou suas atividades em 03 de junho de 1907 “*com 08 alunas. Em agosto do mesmo ano, o Colégio já contava com 50 alunas*”. (ALGUNS DADOS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p.1).

FOTO 9
ALUNAS DO CURSO PRIMÁRIO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS -
TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

TABELA 2
MATRÍCULA DO CURSO PRIMÁRIO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS –TERESINA, PERÍODO DE 1935 A 1944

ANO	MATRÍCULA EXTERNATO				MATRÍCULA INTERNATO			
	1 ^a série	2 ^a série	3 ^a série	4 ^a série	1 ^a série	2 ^a série	3 ^a série	4 ^a série
1935	23	17	19	34	0	0	02	0
1936	24	16	17	sem dados	0	0	07	0
1937	37	25	15	27	02	0	01	10
1938	40	28	18	17	0	0	09	06
1939	18	33	27	29	0	0	0	0
1940	16	13	23	27	01	01	0	0
1941	16	22	15	18	00	01	02	06
1942	31	10	22	29	0	0	0	0
1943	22	21	08	21	0	0	0	0
1944	17	10	13	13	0	0	0	0

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

Pelos dados de matrícula podemos afirmar que a média de alunos por sala era de 23 alunas nas classes de 1^a e 4^a séries (só foi ultrapassada esta média em 1938 quando se teve a matrícula de 40 alunas na 1^a série e em 1935 quando teve-se 34 alunas matriculadas na 4^a

série), 19 e 17 alunas respectivamente nas classes de 2ª série e 3ª série (sendo que em 1942 teve-se a matrícula de apenas 10 alunas na 2ª série e em 1943 teve apenas 08 alunas matriculadas na 3ª série).

A grade curricular do Curso Primário varia com o passar dos anos. Inicialmente é composta por disciplinas como Língua Portuguesa, Francês, Italiano, Trabalhos Manuais, Aritmética, Religião, Geografia e História. Entre 1969 e 1974, o currículo foi integrado pelas disciplinas: Português, Matemática, Ciências, Estudos Sociais e Educação Religiosa; enquanto que entre 1978 e 1994 era constituído pelas disciplinas Comunicação e Expressão, Iniciação às Ciências, Matemática, Integração Social e Educação Religiosa.

Para efeito de avaliação e promoção, eram atribuídas notas para: os exames escritos realizados mensalmente (parciais), bimestralmente e ao final de cada semestre; comportamento; cumprimento de exercícios (aplicação) e o comparecimento (frequência). A escala de notas varia de zero até 100 pontos e a média aprovativa equivalia a obtenção de valor igual ou superior a 50% da pontuação total. Os exames finais eram os mais tensos, tanto para as alunas quanto para as irmãs e professores, pois o Colégio é, de certa forma, avaliado, uma vez que para os exames são designados pelo Diretor da Instrução Pública (depois substituído pelo equivalente ao Secretário de Educação) professores que compõem o quadro da Escola Normal Oficial e um fiscal de exames⁴⁷, também oriundo da Escola Normal Oficial.

Ao final de cada ano letivo, após os exames finais escritos e orais, o Colégio organizava, em seu Auditório, a solenidade de distribuição de prêmios (medalhas de honra ao mérito) às alunas com melhores rendimentos e “*distintas em Religião, comportamento e aplicação*” (LIVRO DE ATAS DE APROVAÇÃO DO CURSO PRIMÁRIO – 1960 A 1971, p. 9), em geral, para esta solenidade são convidadas “*as famílias mais distintas da sociedade teresinense, e, enfim, todos os que quiserem participar*” (MEMÓRIAS... DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS DE 1906 A 1933 - FATOS PRINCIPAIS, s/d, p. 3), bem como o Bispo e demais autoridades eclesiais, além do Governador do Estado e Prefeito da capital. Nestas solenidades, as alunas apresentavam números musicais, recitam poesia e discursos nas três línguas que aprenderam (português, francês e italiano), além de exporem seus trabalhos manuais, de corte e costura, de bordado e de pintura. Este tipo de solenidade também é realizada para as alunas da Escola Santa Inês, mas em dias e horários distintos.

Embora a realização de solenidades de premiação aos melhores alunos ao fim do ano letivo seja uma ação comum dentre os estabelecimentos escolares piauienses, as solenidades

⁴⁷ Nos anos de 1960 a 1962 o fiscal de exames nomeado para o Colégio das Irmãs – Teresina foi a senhorita Darci Fortes Rebelo (LIVRO DE ATAS DE APROVAÇÃO DO CURSO PRIMÁRIO - ANOS 1960 A 1971).

realizadas pelo Colégio das Irmãs tinham grande destaque social, sendo um evento aguardado por toda a sociedade teresinense para o qual acorriam todas as atenções, contando, inclusive, com a presença de pessoas que ocupavam altos cargos na administração pública municipal e estadual, além de autoridades eclesiásticas, conforme se comprova nas diversas notícias publicadas nos jornais que circulavam na capital piauiense.

Como fora anunciado, effectuou-se domingo, primeiro de dezembro, a festa da premiação no Collegio do Sagrado Coração de Jesus.

As 3 horas e 5 minutos da tarde, estando já reunido no Collegio o escol da sociedade thesesinense, chegou S. Excia o Sr. Bispo acompanhado de alguns sacerdotes e seminaristas, [...] (O APOSTOLO, nº 30, de 08/12/1907).

No dia 27 do mez, hontem findo, encerraram-se as aulas deste conceituado estabelecimento de instrução, dirigido pelas irmãs Catarina de Sena.

Como acontece todos os annos, enorme foi a concorrência naquelle colégio afim de assistir a festa que alli se realisava e que começou as 5 horas da tarde. Vimos lá diversas famílias e muitos cavaleiros. (PIAUHY, nº 528, de 01/12/1921).

FOTO 10
SOLENIIDADE DE PREMIAÇÃO DO CURSO PRIMÁRIO DO COLÉGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

É, também, o Curso Primário que recebeu, em 1973, a primeira turma mista (co-educação) na 1ª série. Sendo o aluno Leonardo Batista Moura, filho de D. Ozeni Moura o

primeiro menino a ser matriculado no Curso Primário do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Na turma da 1ª série do primário do ano de 1973 foram matriculados ao todo doze meninos.

QUADRO 2
ALUNOS MATRICULADOS NA 1ª SÉRIE DO CURSO PRIMÁRIO EM 1973 NO
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - TERESINA

Álvaro Francisco B. dos S. J	Lauro Soares Cavalcante Filho
Davis Maranhão R. da Silva	Luís Alberto de Araújo
Erasmus de Sousa Borba Filho	Marcus Vinicius N. Nóbrega
Laércio Pereira Andrande	Paulo César Holanda Furtado
Roberto Luís Medeiros Oliveira	Sérgio Soares Pereira
Áureo de O. Neves Filho	Leonardo Batista Moura

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

3.3.3 Curso Ginásial

O Curso Ginásial inicia-se em Parnaíba em 1936 com a matrícula de 26 alunas. Em Teresina, as aulas deste Curso têm início no ano de 1938 com a expressiva matrícula de 100 alunas. E em 26 de setembro de 1946, através do decreto nº 21.862, é feito pelo Ministério da Educação e Cultura o reconhecimento do Curso Ginásial.

As estudantes deste curso têm em média de 12 a 17 anos, mas dentre as primeiras alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, a matrícula da aluna Olindina Maria de Oliveira (natural do Maranhão e filha de Isaías Inácio Oliveira) em 1938 na 1ª série, com 36 anos de idade, é uma exceção que chama a atenção por ser um indicativo de que as famílias passaram a valorizar paulatinamente a instrução feminina.

FOTO 11
TURMA PROF.º WALDIR GONÇALVES DO CURSO GINASIAL DO COLÉGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA ANO 1961



FONTE: Arquivo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

O Curso Ginásial funciona em dois turnos até 1958, quando passa a funcionar num único turno, a tarde no horário de 13h às 18h.

Conforme se vê pelo horário, o ginásio funciona pela manhã e a tarde, sem divisão especial de turmas. As alunas são as mesmas para as aulas da manhã e da tarde. Ainda não foi possível fazer que as aulas só funcionem pela manhã, por falta de professores que lecionam comumente nos diversos ginásios da cidade. (DESCRIBÇÃO DA SITUAÇÃO FÍSICA DO CSCJ PERÍODO 1947-1949, p. 32).

Pelos dados apresentados no Livro de Matrícula do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina, uma média de 30 alunas chegam à 4ª série ginásial. Estes dados indicam também a crescente procura por matrículas no Curso Ginásial que desde sua implantação recebe uma média anual de matrículas superior à 100 alunas quando somadas todas as séries.

TABELA 3
MATRÍCULA DO CURSO GINASIAL DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS - TERESINA NO PERÍODO DE 1938-1955

ANO	SÉRIE				
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a
1938	100	-	-	-	-
1939	34	72	-	-	-
1940	39	26	50	-	-
1941	56	34	29	46	-
1942	55	35	30	19	44
1943	69	46	26	26	*
1944	104	35	38	22	*
1945	74	74	37	38	*
1946	114	71	58	29	*
1947	115	80	62	51	*
1948	99	77	66	56	*
1949	100	74	64	62	*
1950	78	77	71	39	*
1951	88	65	67	47	*
1952	77	57	50	44	*
1953	83	65	56	39	*
1954	77	86	69	42	*
1955	106	58	79	51	*

* Registros não foram localizados

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

Os dados de matrícula do Curso Ginásial em Parnaíba também demonstram uma crescente procura por este nível de ensino, tanto que no ano de 1964 e 1967, respectivamente, foram matriculadas 172 e 185 alunas nas quatro séries deste curso.

O Livro de Matrícula do Curso Ginásial 1938 a 1955 do Colégio Sagrado Coração de Jesus -Teresina, nos dá uma idéia da procura crescente das famílias para matricularem suas filhas no Ginásio do Colégio das Irmãs, mas também denota a grande flutuação do número de alunas matriculadas nas séries subseqüentes a 1^a série. Pelos dados contidos nos livros de matrícula, podemos afirmar que algumas das alunas simplesmente abandonavam os estudos sem dá maiores satisfações aos Colégios, no entanto outras – como citando, por exemplos, a aluna Laura Rosa Falcão que em 1952 foi transferida para o Ginásio Estadual da Escola Normal Antonino Freire, e aluna Catarina Rocha Araújo que foi transferida em 1958 do

Colégio Nossa Senhora das Graças para outra escola não especificada – foram transferidas para outros estabelecimentos de ensino.

TABELA 4
MATRÍCULA DO CURSO GINASIAL DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS
GRAÇAS – PARNAÍBA NO PERÍODO DE 1950-1973

ANO	SÉRIE			
	1ª	2ª	3ª	4ª
1950	70	47	34	34
1951	43	49	41	29
1952	27	30	43	42
1953	39	31	32	40
1954	50	29	30	32
1955	45	43	26	30
1956	64	47	41	26
1957	93	49	39	34
1958	42	47	33	39
1959	61	66	46	31
1960	48	40	49	42
1961	50	36	26	41
1962	75	34	30	24
1963	59	41	23	29
1964	100	49	22	21
1965	93	53	37	21
1966	62	51	33	30
1967	63	49	45	27
1968	52	45	47	31
1969	41	51	46	36
1970	47	44	42	28
1971	42	43	25	33
1972	68	41	41	23
1973	72	86	58	44

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Nossa Senhora das Graças - Parnaíba

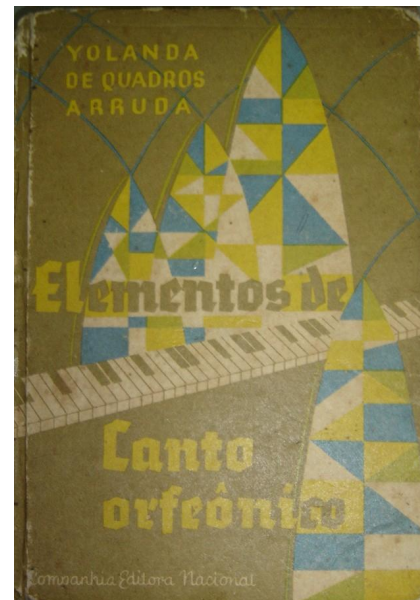
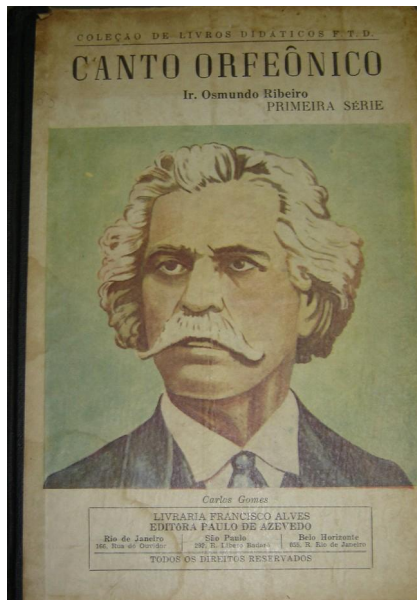
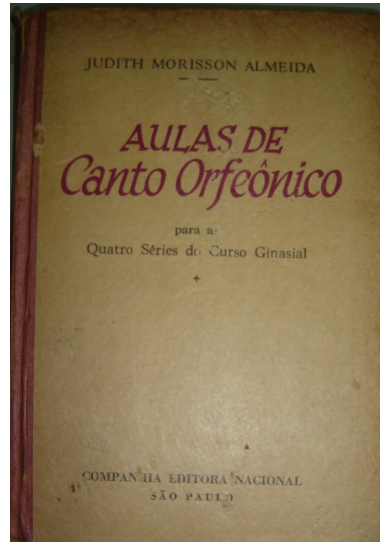
As matrículas no Curso Ginásial nos Colégios das Irmãs indicam a crescente ampliação nos anos de estudos das mulheres piauienses provenientes das camadas mais abastadas da sociedade, pois, além do ensino primário, as meninas prosseguem seus estudos chegando a concluir o curso ginásial. Fator este que indica que cada vez mais as famílias locais estavam investindo econômica e socialmente na formação intelectual das mulheres,

tendo em vista as novas exigências de sociabilidades que se incorporavam ao cotidiano da sociedade piauiense. Este aumento progressivo na matrícula do Curso Ginásial é sentido de modo significativo a partir de 1944 em Teresina e em 1950 em Parnaíba.

O currículo do Ginásio variou ao longo dos anos, mas um elemento manteve-se nos diferentes currículos, foi a presença incontestada das disciplinas voltadas para a formação moral e religiosa das alunas, tais como: Desenho (1938), Trabalhos Manuais, Desenho e Canto Orfeônico (1950), Religião e Artes Femininas (1962); Instrução Moral, O. S. P. B. e Religião (1966); Educação Religiosa, Moral e Cívica, O.S.P.B, Artes Femininas (1970).

Sobre a disciplina Canto Orfeônico é importante mencionar a informação de Melo (2005, p. 78) que afirma que esta disciplina *“é tomada como de suma importância para disciplinar e doutrinar tal como é o objetivo do Estado [...]”* e que o ensino da referida disciplina tornou-se obrigatório a partir de 1932 pelo Decreto nº 18.890 de 18 de abril de 1932 assinado por Getúlio Vargas. O canto é visto como veículo de propagação do civismo nacional e moral. E a esta disciplina é dada tanta visibilidade dentro do currículo escolar ginásial, que dentre os livros raros preservados na Biblioteca do Colégio das Irmãs de Teresina, constam três diferentes títulos didáticos que eram utilizados na disciplina Canto Orfeônico, são eles: Canto Orfeônico de Ir. Osmundo Ribeiro (Livraria Francisco Alves), Elementos de Canto Orfeônico de Yolanda de Quadros Arruda (Companhia Editora Nacional) e Aulas de Canto Orfeônico de Judith Morrison Almeida (Companhia Editora Nacional).

FOTO 12
CAPAS DOS LIVROS DE CANTO ORFEÔNICO



Fonte: Biblioteca do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 3
CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL ANO 1938

SÉRIES	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, Francês, Matemática, Geografia, Ciências, História da Civilização, Desenho.
2ª SÉRIE	Português, Francês, Matemática, Inglês, Geografia, Ciências, História da Civilização, Desenho.
3ª SÉRIE	Português, Francês, Matemática, Inglês, Geografia, Ciências, História da Civilização, Desenho, História Natural.
4ª SÉRIE	Português, Francês, Matemática, Inglês, Latim, Geografia, Ciências, História da Civilização, Desenho, História Natural, História do Brasil, Física, Química.

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 4
CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL ANO 1950

SÉRIES	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, Latim, Francês, Matemática, História Geral, Geografia Geral, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico.
2ª SÉRIE	Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, História Geral, Geografia Geral, Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico
3ª SÉRIE	Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências, História do Brasil, Geografia do Brasil, Desenho, Canto Orfeônico.
4ª SÉRIE	Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências, História do Brasil, Geografia do Brasil, Desenho, Canto Orfeônico.

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 5
CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL ANO 1962

SÉRIES	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, História, Geografia, Matemática, Ciências (Iniciação à Ciência), Canto Orfeônico, Artes Femininas, Educação Física, Religião.
2ª SÉRIE	Português, História, Geografia, Matemática, Ciências (Iniciação à Ciência), Canto Orfeônico, Artes Femininas, Educação Física, Religião.
3ª SÉRIE	Português, História, Geografia, Matemática, Inglês, Latim, Francês, Artes Femininas, Educação Física, Religião.
4ª SÉRIE	Português, História, Matemática, Inglês, Latim, Francês, Ciências Físicas e Biológicas, Artes Femininas, Educação Física, Religião.

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 6
CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL ANO 1966

SÉRIES	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Religião, Instrução Moral, Português, Matemática, Ciências, História, Geografia, Desenho, Canto, Artes, Educação Física.
2ª SÉRIE	Religião, Instrução Moral, Português, Inglês, Matemática, Ciências, História, Geografia, Desenho, Canto, Artes, Educação Física.
3ª SÉRIE	Religião, Instrução Moral, Português, Inglês, Francês, Matemática, Ciências, História, Geografia, O.S.P. B., Canto, Artes, Educação Física.
4ª SÉRIE	Religião, Instrução Moral, Português, Inglês, Francês, Matemática, Ciências, História, O.S.P. B, Canto, Artes, Educação Física.

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 7
CURRÍCULO DO CURSO GINASIAL ANO 1970

SÉRIES	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Religiosa, Moral e Cívica, Inglês, Artes Femininas, Educação Física, Educação Moral e Cívica.
2ª SÉRIE	Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Educação Religiosa, Moral e Cívica, Inglês, Artes Femininas, Educação Física, Educação Moral e Cívica.
3ª SÉRIE	Português, Matemática, História, Geografia, Educação Religiosa, Moral e Cívica, Inglês, Educação Física, Desenho, O.S.P.B., Educação Moral e Cívica.
4ª SÉRIE	Português, Matemática, História, Ciências, Educação Religiosa, Moral e Cívica, Educação Física, Desenho, O.S.P.B., Educação Moral e Cívica, Preparação Pedagógica.

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

O sistema de avaliação do Curso Ginásial era feito através de notas mensais (abril, maio, junho, julho, agosto, setembro, outubro, novembro), notas parciais (maio, julho, outubro, novembro) e exames finais.

FOTO 13
ALUNAS DO CURSO GINASIAL DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
TERESINA



FONTE: Arquivo Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

3.3.4 Curso Técnico de Comércio

O Curso Técnico Comercial Sagrado Coração de Jesus⁴⁸ funcionou no período de 1953 à 1959, no turno diurno no horário de 7 h às 12h e 13h às 16 h/18h. Este curso teve uma diretora específica – Ir. Hilza Soares de Almeida – e seu currículo era distribuído em três séries e objetivava a formação de técnicas em contabilidade. Devido à baixa matrícula o curso foi fechado em 1959.

Em Parnaíba, “*em março de 1935, atendendo aos anseios da juventude parnaibana foi fundado o Curso Comercial que teve a duração de 30 anos, deixando de funcionar em 1965 por falta de alunas.*” (DADOS GERAIS DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – ALUSIVOS AO CURSO PEDAGÓGICO, 1973, p. 1). A longevidade deste Curso em Parnaíba pode ser atribuída à existência de um setor comercial forte e em expansão naquela cidade, quando este setor começa a entrar em decadência tem-se a redução da procura pela formação de técnico em contabilidade (guarda-livros).

⁴⁸ Em Teresina, o nome com o qual o Colégio registrou o curso de contabilidade foi Escola Técnica de Comércio Sagrado Coração de Jesus.

QUADRO 8
CURRÍCULO DO CURSO TÉCNICO DE COMÉRCIO

SÉRIE	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Física e Química, Contabilidade Geral, Mecanografia, Economia Política.
2ª SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Biologia, Organização Técnica, Contabilidade Comercial, Merceologia, Prática Jurídica.
3ª SÉRIE	Português, Geografia e História do Brasil, Prática Jurídica, Estatística, Contabilidade Industrial, Contabilidade Bancária, Contabilidade Pública.

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 9
LIVROS DIDÁTICOS ADOTADOS NO CURSO TÉCNICO DE COMÉRCIO

SÉRIE	TÍTULOS	AUTOR(es)
1ª	Contabilidade Geral	Edgard Wilken
	Português para o Curso Técnico	José Cratella Júnior
	Manual de Economia Política	Edgard de Aquino Rocha S.D. B.
	Correspondência Comercial Inglesa	J.L. Campos Jr
	Física e Química	Carlos Costa
2ª	Português para o Curso Técnico	José Cratella Júnior
	Correspondência Comercial Inglesa	J.L. Campos Jr
	Merceologia para o Curso Técnico	Virgilio Sobrinha
	Contabilidade Mercantil	Francisco D'Auria
	Técnica Comercial	Paulo de Freitas
	Noções de Física, Química e Biologia	Antonio Antunes Jr e José Antunes
	Prática Jurídica	Clovis Bevilaqua
3ª	Português para o Curso Técnico	Automar Cehlmeyer
	Lições de Estatística	Silvio Todeschi
	Geografia Humana do Brasil	Aroldo de Azevedo
	Contabilidade Bancária	Erimá Carneiro
	Prática Jurídico-Comercial	José Queirós Mattoso e Abílio Pereira
	Manual de Contabilidade Pública	Edgard Wilken

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

Para funcionamento deste Curso existia, tanto em Teresina quanto em Parnaíba, um escritório modelo, no qual havia máquinas para manejo das alunas e coleções de livros de escrituração comercial, modelos de cheques, promissórias, duplicatas, faturas, etc.

Este é o curso sobre o qual há menor número de documentos e registros, por isso não podemos apresentar um quadro comparativo completo com os dados de matrícula e alunas formadas neste curso. Dentre o material pesquisado localizamos apenas os dados referentes a turma de concludentes de 1957 em Teresina, a qual contabilizou dez alunas formadas. Além desta há outra especificidade do Curso de Técnico de Comércio que merece ser mencionada, era o fato de o Colégio das Irmãs tinham de encaminhar à Diretoria do Ensino Comercial do Ministério da Educação e Cultura, os diplomas de Técnico em Contabilidade acompanhado do histórico escolar das alunas, para que fossem feitos os devidos registros dos diplomas naquela Diretoria do Ensino.

TABELA 5
MATRÍCULA DO CURSO DE TÉCNICO DE COMÉRCIO SAGRADO CORAÇÃO
DE JESUS - TERESINA 1954-1957

ANO	SÉRIE		
	1 ^a	2 ^a	3 ^a
1954	*	11	-
1955	*	*	*
1956	19	*	*
1957	26	24	10

* Registros não foram localizados

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

3.3.5 Curso Normal

O Curso Normal do Colégio Sagrado Coração de Jesus é inaugurado em 01 de maio de 1931, e em 17 de outubro de 1932, através do decreto nº 1.498, é equiparado ao Curso Normal Oficial. Depois de 1947 passa a chamar-se Curso Pedagógico⁴⁹, o Colégio oferece este curso até o ano de 1974.

A instalação do Curso Normal é feita em 04 de maio de 1931, numa solenidade que contou com a presença de diversas autoridades. No dia 28 de maio de 1931 foram realizados os primeiros exames para a admissão de alunas no Curso Normal do Colégio das Irmãs. A Banca Examinadora foi presidida pelo Professor Anísio Britto e composta pelo professores Julio Antonio Martins Vieira e Firmina Sobreira Cardoso (professora da Escola Normal Oficial). Foram submetidas ao exame e aprovadas as candidatas inscritas: Aymer de Cavalcante, Maria Olívia Abreu, Maria de Lourdes Martins e Zephinha Santos. A média de idade das alunas matriculadas no Curso Normal era de 13 a 23 anos.

Em Parnaíba “*em 1947 foi fundado o Curso Pedagógico com 16 alunas*”. (DADOS GERAIS DO GINÁSIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – ALUSIVOS AO CURSO PEDAGÓGICO, 1973, p. 1).

Os dados de matrícula, tanto de Teresina quanto de Parnaíba, revelam que a procura pelo Curso Normal era razoável, pois girava em torno de 30 alunas em Teresina e de 40 alunas em Parnaíba (exceto nos anos de 1967 e 1968 que as matrículas foram de respectivamente 81 e 93 alunas).

Uma informação importante que se deduz dos dados de matrícula neste curso é mais uma vez a ampliação dos anos de estudos das mulheres piauienses integrantes das classes mais abastadas, além de indicar que estas mulheres estavam buscando uma formação profissional específica – formação como professoras normalistas ou primárias – o que denota que estas mulheres começam, ainda que timidamente, a romper com os padrões sociais tradicionais que destinavam à mulher como única alternativa de vida o casamento, mas por outro lado reforçam outro padrão social que afirmava que as mulheres deveriam exercer funções profissionalizantes e remuneradas quando estas fossem correlatas às suas “vocações naturais maternas” e dentro destes arquétipos foi enquadrada a profissão de professora primária.

⁴⁹ A partir de 1957 o curso Pedagógico passa a ser registrado como Escola Normal Sagrado Coração de Jesus.

TABELA 6
COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS - TERESINA
MATRÍCULA DO CURSO NORMAL 1931-1946
MATRÍCULA DO CURSO PEDAGÓGICO 1947-1955

ANO	SÉRIE				
	1ª	2ª	3ª	4ª	5ª
1931	28	-	-	-	-
1932	12	22	-	-	-
1933	15	10	19	-	-
1934	34	14	10	17	-
1935	83	27	17	12	17
1936	16	55	25	13	10
1937	17	13	50	22	13
1938	30	16	11	51	22
1939	13	33	14	17	50
1940	15	13	30	12	19
1941	16	19	20	29	11
1942	22	16	20	16	26
1943	7	24	22	31	15
1944	*	10	24	35	26
1945	*	*	13	29	29
1946	*	*	*	33	29
1947	16	6	34	*	*
1948	27	15	6	*	*
1949	32	23	12	*	*
1950	27	23	19	*	*
1951	20	20	17	*	*
1952	18	20	20	*	*
1953	33	22	17	*	*
1954	29	16	12	*	*
1955	49	22	17	*	*

* estas séries foram extintas em face da reforma do currículo

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

TABELA 7
COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS - PARNAÍBA
MATRÍCULA DO CURSO PEDAGÓGICO 1947-1973

ANO	MATRÍCULA	ANO	MATRÍCULA
1947	16	1961	43
1948	26	1962	36
1949	41	1963	29
1950	52	1964	28
1951	45	1965	43
1952	39	1966	64
1953	27	1967	81
1954	38	1968	93
1955	41	1969	82
1956	45	1970	75
1957	48	1971	53
1958	53	1972	43
1959	38	1973	167
1960	41	–	–

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

O currículo do Curso Normal/Pedagógico passou por várias alterações, a mais significativa alterou a duração do Curso. Inicialmente o curso era ministrado em cinco anos, depois de 1947 passa a ter o seu currículo integralizado num período de três anos. Nas diferentes reformulações do Currículo, tem uma que incluiu no 1º ano a disciplina Educação Doméstica que era ministrada pela Professora Adélia Waquim.

QUADRO 10
CURRÍCULO DO CURSO NORMAL ANO 1937

SÉRIE	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, Francês, Matemática, Geografia, Música, Desenho, Trabalho**.
2ª SÉRIE	Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia, História Universal, História Natural, Música, Desenho, Trabalho.
3ª SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Física, Geografia, Biologia, História Universal*, História Natural, Música, Desenho, Trabalho.
4ª SÉRIE	Português, Psicologia, Didática, Metodologia, História do Brasil, Higiene, Química, Música.
5ª SÉRIE	Psicologia, Didática, Metodologia, História da Educação, História do Piauí, Desenho, Relatório, Música#.

* em 1937 foi alterada para História da Civilização.

** em 1938 esta disciplina é excluída do currículo.

#disciplina incluída em 1939

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus -Teresina

QUADRO 11

CURRÍCULO DO CURSO NORMAL ANO 1947

SÉRIE	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Religião, Português, Matemática, Física e Química, Anatomia, Desenho, Música.
2ª SÉRIE	Religião, Biologia, Higiene, Anatomia, Didática, Psicologia, Metodologia, Desenho, Música.
3ª SÉRIE	Religião, Didática, Sociologia, História e Filosofia da Educação*, Psicologia, Metodologia, Higiene, Desenho, Música.

* em 1951 esta disciplina transforma-se em História da Educação

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

A associação das funções de professora primária com as de mãe era uma tônica no ensino do Curso Normal, tanto que um dos livros utilizados na formação das futuras professoras o Livro de Orientação para o Mestre da Sórora Maria Adolpho de Sion (1959), traz em seu primeiro capítulo as seguintes expressões “Orientação às Jovens Mães e às Professoras do Jardim de Infância na Formação Religiosa dos Pequenininhos” e enfatiza que a educação religiosa deve acontecer com o auxílio da família e que a professora primária deve trabalhar conjuntamente com a família.

O Estágio do Curso Pedagógico do Colégio das Irmãs de Teresina passa a partir de 1973 a ser realizado na Escola Experimental Irmã Maria Catarina Levrini, localizada no Bairro Memorare, que em 1975 já contava com duzentos alunos matriculados.

FOTO 14
ESCOLA EXPERIMENTAL IRMÃ CATARINA LEVRINI – MEMORARE



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Em 1972 foi firmado convênio entre o Colégio das Irmãs e a Secretaria Estadual da Educação, e “O colégio Sagrado Coração de Jesus, (...), recebeu 545 alunas excedentes do 1º

ano Pedagógico da Escola Normal Oficial, no turno noturno...” (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES FILANTRÓPICAS E EDUCACIONAIS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM 1972, 1973, p. 1).

FOTO 15
TURMA YARA VILARINHO DE OLIVEIRA DO CURSO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA ANO 1964



FONTE: Acervo Particular Erice de Moura Rodrigues

As solenidades de conclusão do Curso Normal/Pedagógico, tal como as solenidades de encerramento do ano letivo para o Curso Primário, eram noticiadas com grande ênfase pelos jornais locais e era prestigiada pela elite teresinense e parnaibana que iam aplaudir e parabenizar as normalistas do Colégio das Irmãs. As solenidades assumem tal importância para a sociedade local que a Ir. Florina Castelo Branco, em 1945-1946, compõe o Hino das Professorandas, que passa a ser entoado nestas solenidades.

HINO DAS PROFESSORANDAS

I

Nós que somos futuras Professoras
Nosso título hoje vimos consagrar!
Pois sabemos da missão que nos espera
Pelas letras que iremos ensinar!
Compreendemos o valor do nosso trato
E, contentes cumprimos o dever
De ensinar com muito amor os filhos vossos,
Do Brasil os são direitos defender!

ESTRIBILHO

Professoras normalistas
Nesta nossa mocidade
O Brasil então confia
Com a mais justa ansiedade
Prometemos, Prometemos!
Os seus filhos instruir,
E faremos glorioso
O Brasil que há de vir!

II

Nosso lema que será “pelo Brasil”
Esta pátria gloriosa e bem fadada!
O’ por ela nós faremos coisas mil
Educando a juventude bem amada
Nosso feito é engrandecer a nossa terra
Esta terra que ainda é de Santa Cruz
Pois ostenta lá no alto o Corcovado
Num complexo o grande vulto de Jesus

ESTRIBILHO

III

Neste dia que hoje festejamos
Este ato de nossa colação
É justo que também não esqueçamos
Os mestres que devemos gratidão!
Num gesto de carinho destacamos
As Irmãs que nos deram instrução
De bem saber salvar as nossas almas
No ensino da sã Religião

O Hino das Professorandas contempla em sua letra os ideais ensinados e perpetuados ao longo da existência dos Colégios Confessionais Católicos, ou seja, a preparação intelectual e moral da juventude de forma que esta: venere e respeite a Deus e à Igreja; preserve e divulgue o catolicismo; desdobre-se em patriotismo por meio do respeito às leis da nação; obedeça e cuide para a manutenção das estruturas hierárquicas e sociais vigentes.

O juramento proferido pelas alunas concludentes do Curso Pedagógico traz, também, a marca da vinculação do ensino (formal) com construção do caráter e da moralidade dos indivíduos que estavam sob a orientação das escolas confessionais católicas, tanto as normalistas quanto os seus futuros aprendizes. Observemos, a seguir, o conteúdo do referido juramento.

JURAMENTO

Prometo, como professora, cumprir as leis da República e do Estado, devotar-me ao aperfeiçoamento de minha individualidade, capacidade, tendência, e aplicar relativamente às crianças todo o meu esforço na formação de valores que concorrem para o melhoramento físico, intelectual e moral da humanidade.

Assim Prometo.

FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

FOTO 16
TURMA DE CONCLUDENTES DO CURSO PEDAGÓGICO DO COLÉGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA ANO 1966



FONTE: Acervo Particular Angélica Maria Moura Albuquerque

3.3.6 Curso Científico

O Curso Científico/Colegial é implantado em 1959 em Teresina, contempla a formação de ensino secundário não profissionalizante. O curso era integralizado em três anos e havia ainda o terceiro ano clássico, o qual era opcional às alunas.

A implantação de um Curso com a intenção exclusiva de preparar as moças para o ingresso nos cursos superiores denota a mudança de atitude que vinha ocorrendo progressivamente em nossa sociedade desde o início da década de 1950. Ou seja, demonstra a alteração da mentalidade das ricas famílias piauienses que passam a incentivar e investir no ingresso nas faculdades e na profissionalização de nível superior para as mulheres – fato que só era pensado anteriormente para os homens.

QUADRO 12
CURRÍCULO DO CURSO CIENTÍFICO ANO 1966

SÉRIE	DISCIPLINAS
1ª SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Religião, Instrução Moral, Artes, Educação Física.
2ª SÉRIE	Português, Inglês, Matemática, Física, Química, Biologia, História, Psicologia, Religião, Instrução Moral, Artes, Educação Física.
3ª SÉRIE	Português, Inglês, Física, Química, Biologia, História, Religião, Doutrina Social da Igreja, Instrução Moral, Artes, Educação Física.
3ª SÉRIE CLÁSSICO	Português, Francês, Inglês, História da Filosofia, Estudos Sociais, Doutrina Social da Igreja, Religião, Instrução Moral, Artes, Educação Física.

FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus –Teresina

FOTO 17
TURMA DE CONCLUDENTES DO CURSO CIENTÍFICO DO COLÉGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA ANO 1961



FONTE: Acervo Particular Amariles das Graças Santana de Sousa

3.3.7 Curso Preparatório para Exame de Admissão

O Curso de Admissão eram turmas de preparação para as alunas que eram consideradas de rendimento escolar menor e/ou oriundas de outras instituições escolares e que iriam se submeter ao Exame de Admissão à 1ª série ginásial no Colégio das Irmãs.

O Exame de Admissão era normatizado pela Lei Orgânica de Ensino Secundário (Decreto nº 4.944 de 09/04/1942 e 8.947 de 10/12/1945) e era constituído por provas escritas e orais das disciplina de: Português, Aritmética, História do Brasil e Geografia. As alunas que se submetiam ao exame e eram aprovadas recebiam um Certificado de Aprovação atestando estar apta a se matricular na 1ª série ginásial.

FOTO 18
TURMA DO EXAME DE ADMISSÃO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS – TERESINA ANO 1962



FONTE: Acervo Particular Eva Maria Evangelista Leal

3.4 OS PROFESSORES, A ADMINISTRAÇÃO E AS FORMAS DE MANUTENÇÃO DOS COLÉGIOS DAS IRMÃS

O quadro de professores do Colégio das Irmãs sempre foi tido como sendo de alto nível e com pouca rotatividade dos docentes que o integravam, era constituído por professores laicos e por algumas religiosas. Exemplos desta baixa rotatividade dos docentes são os professores Luzia Couto (Educação Física) e Waldir de Figueiredo Gonçalves⁵⁰ (História Geral) que ingressaram no corpo docente do Colégio de Teresina ainda na década de 1930 e permaneceram trabalhando até a década de 1970; e o professor José de Lima Couto (Inglês) admitido no Colégio de Parnaíba em 1934 e permaneceu na ativa até a década de 1970. Além da exigência legal, para assegurar-se da qualificação e titulação dos docentes, estes eram registrados no Ministério da Educação.

Outro indicativo da qualidade do corpo docente dos Colégios é o posterior ingresso de membros de seu corpo docente nos quadros funcionais das Universidades Federal do Piauí (UFPI) e Estadual do Piauí (UESPI), dentre outros como exemplos deste fato, podemos citar os seguintes docentes: Antonio Ferreira de Sousa Sobrinho (professor do DEFE/UFPI), Carlos Said (professor do DGH/UFPI), Catarina de Sena Siqueira Mendes (professora do Departamento de Letras/UFPI), Celso Barros (professor do Departamento de Direito/UFPI), Cleide Maria Teixeira Veloso dos Passos (Departamento de Letras/UESPI), Diogo José Ayrimoraies Soares (DEFE/UFPI), João Gabriel Batista (DGH/UFPI), José Camillo da Silveira Filho (Departamento de Direito/UFPI e reitor da UFPI), Maria do Amparo Borges Ferro (DEFE/UFPI).

Um outro elemento em relação ao corpo docente que é digno de referenciar é o fato de que os novos professores iniciavam suas atividades docentes nas classes noturnas e a partir da avaliação de seu desempenho eram inseridos como regentes nas classes diurnas. Tal fato aconteceu com o professor Carlos Iglesias Brandão de Oliveira.

Quanto à administração dos Colégios sempre estiveram à frente das diretorias, Irmãs provenientes da Congregação Religiosa das Irmãs Catarinas, ao longo de sua existência centenária foram administrados por 38 diretoras, sendo que dezenove administraram o Colégio de Teresina e as demais dirigiram o Colégio de Parnaíba. Em relação à administração do Colégio de Parnaíba – até 1945 – as superiores da Congregação Religiosa naquela cidade acumulavam também a função de diretoras do Colégio.

⁵⁰ A professora Luzia Couto foi contratada em 1935 e o professor Waldir de Figueiredo Gonçalves iniciou em 1938.

QUADRO 13
RELAÇÃO NOMINAL DAS DIRETORAS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS – TERESINA

Nº	PERÍODO	DIRETORA
1	1906 – 1910	Irmã Eduwirges Pescucci
2	1910 – 1916	Irmã Tecla Doro
3	1916 – 1926	Irmã Diumira Brizzi
4	1927 – 1944	Irmã Catarina Levrini
5	1945 – 1946	Irmã Florinda Castelo Branco
6	1947 – 1949	Irmã Maria da Conceição Oliveira
7	1950 – 1951	Irmã Carmelita de Castro Veloso
8	1952 – 1955	Irmã Maria de Jesus Sampaio
9	1956 – 1960	Irmã Hilza Soares de Almeida
10	1961 – 1964	Irmã Maria das Mercês Melo
11	1965	Irmã Carmelita Veloso Martins Castro
12	1966 – 1968	Irmã Jacira Cunha de Sousa
13	1969	Irmã Dedi Assunção
14	1970 – 1977	Irmã Maria do Socorro Franco Sá
15	1978 – 1982	Irmã Maria Helena de Araújo*
16	1983 – 1985	Irmã Marianize da Silva Lima
17	1986 – 1991	Irmã Maria Lúcia Mendes Bezerra
18	1992 – 1994	Irmã Maria Helena de Araújo*
19	1995 –....	Irmã Maria das Graças Ferreira de Oliveira

*Atual diretora do Colégio Nossa Senhora das Graças –Parnaíba

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

QUADRO 14
RELAÇÃO NOMINAL DAS DIRETORAS DO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS
GRAÇAS – PARNAÍBA

Nº	PERÍODO	DIRETORA
1	1907 – 1914	Irmã Amália Petri *
2	1914 – 1919	Irmã Maria Catarina Levrini *
3	1919	Irmã Maria Laura Guiovanne *
4	1920 – 1934	Irmã Amália Petri *
5	1934 – 1937	Irmã Maria Guzarri *
6	1937 – 1945	Irmã Abelinda Ducci *
7	1945 – 1951	Irmã Josefina Aires
8	1951– 1955	Irmã Hilsa Soares de Almeida
9	1956 – 1958	Irmã Maria Alci Neiva Arrais
10	1959 – 1963	Irmã Helena Caldas de Oliveira
11	1964 – 1966	Irmã Maria Egídia da Conceição Moura
12	1967 – 1969	Irmã Maria do Socorro Franco Sá
13	1970 – 1972	Irmã Teresa de Jesus Santos Martins
14	1973 – 1975	Irmã Delzuita Gomes da Costa
15	1976 – 1978	Irmã Teresinha Porto
16	1979 – 1985	Irmã Dedi Assunção
17	1986 – 1992	Irmã Marianize da Silva Lima
18	1993 – 2003	Irmã Maria Dalva Ferreira Lima
19	2004 –	Irmã Maria Helena de Araújo

FONTE: Arquivo da Secretaria do Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba

* Irmãs que acumulavam as funções de Superiora da Congregação em Parnaíba e direção do Colégio

A forma de manutenção do Colégio era feita através da cobrança de anuidades escolares, doações de particulares e do recebimento de subvenções provenientes das três esferas governamentais.

O pagamento das anuidades escolares, exceto do Jardim de Infância, eram “*dividida ao meio ficando metade para ser paga no primeiro semestre em (4) parcelas diferentes e metade no segundo semestre dividida também em (4) quatro parcelas desiguais*”. (TABELA DE ANUIDADE DOS DIFERENTES CURSOS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS E NÚMERO DE PARCELAS FIXADAS PARA A COBRANÇA – ANO LETIVO DE 1969, p. 1, 1969). O pagamento da anuidade para o Jardim de Infância era feita em duas prestações de valores iguais, sendo a primeira paga no mês de março e correspondente ao primeiro semestre e a segunda parcela paga no mês de agosto que equivaleria ao segundo semestre.

As subvenções federais eram recebidas na forma de dispensa ou isenção de impostos – como ocorreu em 1945 quando o Governo Federal, por meio do Decreto nº 7.687 (12/06/1945), extingue as taxas de inspeção – ou, ainda, a transferência de recursos públicos (conforme atestam recibos existentes nos Colégios de Teresina e de Parnaíba).

Enquanto as subvenções estaduais ocorrem, concomitantemente, nas formas de:

- a) cessão de equipamentos, como por exemplo ocorreu para o Colégio de Parnaíba quando foram doadas 240 carteiras individuais, mimeógrafo elétrico e mimeógrafo a óleo, além de máquina de escrever; e em Teresina, em 1972 quando são doadas 110 carteiras;
- b) cessão de pessoal, por conta dos convênios celebrados para o recebimento de matrículas nas escolas gratuitas, tanto de Parnaíba quanto de Teresina, a Secretaria Estadual da Educação nomeia professores primários para atuar nas Escolas Santa Inês e São José;
- c) construção de infra-estruturas, em 1983, Secretaria Estadual da Educação perfura um novo poço no Colégio de Teresina e, em 1984, entrega a bomba para o poço;
- d) e, transferências anuais de recursos financeiros através de subvenções sociais ou econômicas inclusas na Lei Estadual de Diretrizes Orçamentárias.

QUADRO 15
SUBVENÇÕES ESTADUAIS PARA O COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
– TERESINA (1965 – 1973)

ANO	VALOR DA SUBVENÇÃO
1965	CR\$ 50.000,00
1966	CR\$ 700,00
1967	*
1968	NCR\$ 1.200,00
1969	NCR\$ 2.250,00
1970	NCR\$ 1.800,00
1971	CR\$ 1.000,00
1972	CR\$ 10.500,00
1973	CR\$3.500,00

Fonte: Leis e Decretos Orçamentários do Estado do Piauí

* Informação não localizada

Quanto às subvenções municipais eram feitas por meio da transferência de recursos financeiros em cada triênio e fixadas na Lei Orçamentária – como ocorreu em 1968 quando o

Colégio de Teresina recebeu doze cruzeiros novos (NCR\$ 12,00) através da Lei nº 1.145 de 20/11/1967 em 1972 quando recebeu cento e cinquenta cruzeiros (CR\$150,00) por meio da Lei nº 1.343 de 06/12/1971. O município de Teresina, também, concedeu a isenção de impostos como o IPTU.

Outra parte do orçamento dos Colégios das Irmãs era constituída por doações provenientes de pessoas das classes sociais mais abastadas, para citar, como exemplo, temos a doação feita, em 1935, pelo Desembargador J. Vaz da Costa que doou a quantia de oitocentos e trinta e sete mil quatrocentos reis (837\$400).

3.5 AS ATIVIDADES NÃO-CURRICULARES E A FORMAÇÃO DO CARÁTER E DAS CONDUTAS DAS MULHERES PIAUIENSES

Uma das crenças ilusórias que o imaginário republicano brasileiro entreteceu e que se estendeu ao século XX foi a fê do liberalismo no poder da escola. Como baluarte da concretização dessa crença, erigiu-se um outro emblema: a destinação vocacionada feminina para educar a infância. Essa imagética, que se estruturou nos finais dos oitocentos e persistiu ao longo do século XX, estava voltada principalmente para um simbolismo atávico ancorado no potencial de redenção pela pureza e amor ao próximo, atributos dos quais as mulheres eram/são possuidoras. (ALMEIDA, 2004, p. 61).

Estas crenças fizeram com que, durante o século XX, a educação feminina – seja ela informal ou formal – fosse permeada e entremeada de preceitos e normatizações que preconizavam e reforçavam a “vocaçãõ natural feminina” de educar as crianças. Por isso, as escolas femininas, além dos componentes curriculares efetivos, contemplavam e incentivam em seus “projetos pedagógicos” atividades que contribuíssem para a formação do caráter e da conduta das “futuras mães e educadoras primeiras das crianças brasileiras”.

Partindo desta perspectiva, observamos que, o que hoje nomeamos de atividades não-curriculares, eram parte importante das atividades escolares nos colégios destinados a formação de mulheres. A intenção clara destas atividades era reforçar os tradicionais papéis sociais atribuídos às mulheres, ou seja, fazer com que as alunas valorizassem e almejassem tornar-se esposas e mães devotadas. Assim, reforçava-se uma vez mais a crença em que *“mulheres atuando em sala de aula e seu poder na educação dos filhos desde a mais tenra idade possibilita uma reafirmação dos valores femininos no ambiente escolar”*. (ALMEIDA, 2004, p. 63-64).

As escolas católicas não fugiram à essa “formatação” para a educação feminina e desde a fundação⁵¹ mantinham atividades consideradas essencialmente femininas, tais como os cursos/aulas de artes femininas, os quais incluíam pintura, desenho, bordado, música, culinária, noções de puericultura, higiene do lar, etc. Considerava-se estas aulas extremamente essencial para a formação das alunas, já que a “destinação natural” das mulheres era tornar-se esposas e mães. Neste ambiente escolar ocorria também a formação e a reafirmação da religiosidade das alunas, inculcando-lhes os preceitos do catolicismo, por meio das mais diferentes atividades.

Neste ponto é válido lembrar as palavras de Almeida (2004) quando refere-se a força religiosa na arquitetura de corpos e mentes femininos, afirma que

o modelo normativo de mulher, criado desde meados do século XIX, inspirado nos arquétipos do cristianismo, espelhava a cultura vigente instituindo formas de comportamento em que se exaltavam virtudes femininas como castidade e abnegação, forjando uma representação simbólica de mulher por meio de uma ideologia imposta pela religião e pela sociedade, na qual o perigo era representado pela sexualidade. Essa ideologia vai desqualificar a mulher do ponto de vista profissional, político e intelectual (ALMEIDA, 2004, p. 68).

valorizando-a apenas quando desempenha o papel abnegado de mãe. A educação feminina visava a preparação das mulheres para o casamento e maternidade, mas esta preparação se fazia através do tolhimento da liberdade e da individualidade feminina, enquanto a *“sexualidade era reprimida e a extremada vigilância da família e da Igreja colaborava para a imposição de valores misóginos”* (ALMEIDA, 2004, p. 66), através da evocação constante e reiterada da imagem do “mito do Éden” e do pecado original. *“Para a missão materna as meninas deveriam ser preparadas desde a mais tenra idade, fosse nos colégios católicos, nas escolas protestantes, nos estabelecimentos de ensino não confessionais ou nas instituições públicas.”* (ALMEIDA, 2004, p. 68).

As escolas católicas femininas prosperaram no Brasil e no Piauí

resguardadas dos ventos da modernidade e das idéias emancipatórias, as famílias tradicionais mantiveram as jovens atreladas ao poder do catolicismo, que veiculava a mesma visão de mundo de sua classe social. Sua esfera de influência também se disseminaria para outras escolas voltadas para as classes de menor poder aquisitivo e até mesmo para escolas públicas que se pretendiam laicas. (ALMEIDA, 2004, p. 69).

⁵¹ Não era raro que as instituições escolares femininas tivessem em seu início ofertado apenas aulas e cursos de artes femininas e que no decorrer de sua existência privilegiassem estas aulas práticas.

Tomando estes aspectos explicitados anteriormente, é que podemos afirmar que a formação do caráter e da conduta das mulheres da elite piauienses passou pelo esteio dos colégios católicos, uma vez que a educação fornecida nestes serviu de modelo e base para as demais instituições de ensino existentes no Estado.

Um dos principais instrumentos utilizados como orientadores para a estruturação do caráter e conduta das alunas dos colégios católicos piauienses, eram os “*Estatutos e Regras Paras as Educandas do Collegio Dirigidos pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catharina de Sena*”, este documento continha as normas a serem seguidas pelas alunas destes estabelecimentos de ensino; e valorizava e enfatizava, dentre outras temáticas, a prática dos princípios do catolicismo, tanto que afirma logo em seu artigo I que: “*todos conhecem a importância da instrução religiosa para formar o coração a pratica dos princípios da fé e da moral catholica; por isso, além dos outros estudos acima mencionados, cada dia haverá neste estabelecimento a pratica e o ensino destes princípios*” (ESTATUTOS E REGRAS PARAS AS EDUCANDAS DO COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 2).

Os Estatutos orientavam como deveria se dar o relacionamento entre as alunas, pois afirma em seu Artigo XXII que:

As meninas se respeitarão e se amarão como irmãs supportando-se seus próprios defeitos, ajudando-se carinhosamente em cada necessidade para conservar entre ellas a paz e a mais perfeita harmonia. A este fim fugirão a inveja, ciúme e gozarão do bem das companheiras e dos seus maior aproveitamento na virtude e na instrução, estudando-se, ao mesmo tempo, de imitar os seus bons exemplos. (ESTATUTOS E REGRAS PARAS AS EDUCANDAS DO COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 5).

E, ainda, afirma no seu artigo XXIII que: as alunas “*serão diligentes no trabalho e no estudo cumprindo com amor todos os deveres de seu estado, conservando sempre uma conduta sabia modesta e virtuosa*”. (ESTATUTOS E REGRAS PARAS AS EDUCANDAS DO COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 5).

O cumprimento das regras e normas estabelecidas pelos Estatutos era assegurado pela vigilância cotidiana realizada pelas irmãs e professores do Colégio. Pois “*as educandas estarão sempre sob as vistas de suas mestras*”. (ESTATUTOS E REGRAS PARAS AS EDUCANDAS DO COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 2) Além de ser proibidas às alunas o recebimento de

“*cartas, livros, estampas, retratos, recados, etc, sem a permissão da Superiora*” (ESTATUTOS E REGRAS PARAS AS EDUCANDAS DO COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 3).

Havia, também, nos Estatutos a recomendação para o asseio e higiene das alunas, além da previsão de castigos para aquelas alunas que não respeitasse alguma das regras estabelecidas.

A confirmação de que os Colégios das Irmãs prezavam pela formação de suas alunas para que estas se tornassem “excelentes donas-de-casa”, está no artigo III dos Estatutos que determina o conteúdo das “Prendas” a ser ensinadas às alunas. Segundo este artigo, “*As prendas compreendem: costura, pontos de marca, serzir em meias o panos etc, ...*”. Ensinar as prendas domésticas às meninas eram um dos atrativos do Colégio junto aos pais piauienses que viam no aprendizado destas atividades “femininas” como sendo educação de qualidade, tanto que em 1907, uma mãe matriculou as três filhas como alunas externas no Colégio das Irmãs de Teresina e recomendou às Irmãs que dedicassem especial atenção às aulas de desenho e trabalhos manuais.

Outro ponto da formação das moças enfatizado pelos Estatutos refere-se à formação religiosa que estas devem ter recebido antes de ingressar no Colégio e que receberão neste. No artigo V dos Estatutos estavam expressos as exigências para a matrícula no Colégio:

- a) idade apropriada: 7 a 16 anos de idade, embora esta exigência, às vezes, não fosse seguida a risca, como no caso da aluna Olindina Maria de Oliveira que, em 1938, se matricula na 1ª série ginasial com 36 anos de idade e concluiu o curso com 39 anos;
- b) certidão de batismo;
- c) e atestado do pároco declarando se freqüentaram ou não aulas de Catecismo na Paróquia em que residiam.

Enquanto os artigos XVII, XVIII e XIX preconizam as orações que devem ser feitas e os sacramentos que devem ser recebidos pelas alunas:

XVII: Sendo a oração a máxima dos deveres e coisa da qual mais necessidade, as alunas rezarão com devota atenção, com religioso respeito e com todo affecto do seu coração, recitando de manhã, de tarde e de noite todas as orações a elas prescritas. As alumnas que depois da primeira comunhão darã prova de bom comportamento serão aggregadas entre as Aspirantes, na Congregação das Filhas de Maria, e, a seu tempo, permittindo a boa conducta, serão admittidas entre as Filhas da Virgem Immaculada. Por isso mostrarão a mais viva e tenra devoção para esta Celeste e carinhosa Mãe, invocando com filial confiança em cada necessidade, procurando ser dignas suas filhas e imitala nas suas santas virtudes.

XVIII: Será para todas um sagrado e doce deve, freqüentar, com as melhores disposições os SSmo. Sacramentos da Confissão e Comunhão, que são os canaes

pelos quaes a nos chegam as graças de Deus e o meio efficaz, para a santificação das nossas almas.

XIX: Receberão o sacramento da Penitencia cada quinze dia, nas principaes solenidades e naas festas de Nossa Senhora. Para a commungar-se obedecerão ao conselho dos seus Confessores. Uma vez por mez, orfferecerão a S. Comunhão para todas as Superiores e bemfeitores vivos e defuntos da Congregação das Irmã dos Pobres. Aquellas admictidas a S. Comunhão e as Aspirantes a mesma, farão em cada anno, os Sanctos Espirituaes Exercícios, ao menos por treze dias. (ESTATUTOS E REGRAS PARAS AS EDUCANDAS DO COLLEGIO DIRIGIDOS PELAS IRMÃS DOS POBRES DE SANTA CATHARINA DE SENA, s/d, p. 4).

FOTO 19
ALUNAS REZANDO NA CAPELA DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS
– TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado de Jesus – Teresina

Além das orações preconizadas nos Estatutos, outro elemento utilizado para a formação do caráter eram os momentos dedicados a atos e celebrações religiosas que ocorriam nos Colégios, como por exemplo, durante o mês de maio – mês totalmente dedicado à Virgem Maria – em que ocorria diariamente a celebração do terço e do Dia das Mães.

Em maio, a cada semana Nossa Senhora visitava as salas de aula e professoras e alunas recitavam o mistério do terço, seguido de um cântico a Nossa Senhora e o sacrificio do dia oferecido a Nossa Senhora e nas várias intenções. O segundo domingo, o dia das mães em todo mundo, o festejamos em dia da semana, por não

ter sido possível na data prevista. Houve cânticos, recitativos, jogral e sorteio. Muitas mães se emocionaram ao presenciar a simplicidade e desembaraço das filhas”. (HISTÓRICO DA ESCOLA SÃO JOSÉ, ANEXA AO COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS, s/d, p. 3).

Também o encerramento do mês consagrado a Maria quisemos que, de algum modo, se tornasse solene. Então, improvisamos um pequeno andor, com velas e fitas onde colocamos a minúscula imagem da Imaculada e quatro de nossas alunas, vestidas de branco, levaram-na em procissão. (...) passamos todo o mês de maio e, juntamente com as alunas, rezamos e elevamos hinos de amor e de alegria a esta bondosa Mãe. (CHEGADA DAS IRMÃS A TERESINA-PIAUI-BRASIL, s/d, p. 21).

... O dia das Mães foi comemorado com a celebração do santo sacrifício da Missa participado por muitas mães e alunas e uma sessão na qual foi exaltada a missão de Mãe e educadora. (ATUALIDADES, s/d, p. 1).

FOTO 20
CELEBRAÇÃO DO MÊS DE MARIA NO COLEGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado de Jesus – Teresina

Podemos perceber que a formação religiosa assume tal importância no cotidiano do Colégio das Irmãs que, em Teresina, desde a fundação do Colégio até 1975, ocuparam o posto de Capelães na Capela daquele Colégio dez religiosos.

QUADRO 16
RELAÇÃO NOMINAL DE CAPELÃES DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS – TERESINA

Monsenhor Alfredo Pegado
Monsenhor João Batista de Melo Lula
Cônego Antonio Cardoso de Vasconcelos
Monsenhor Cícero Portela Nunes
Padre Cícero Santos
Monsenhor Benedito Cantuária de Almeida e Souza
Monsenhor Dr. Zaul Pedreira
Padre Dr. Helvídio Martins Maia
Padre Eurico Freitas Santos
Monsenhor José Luiz Barbosa Cortez

Fonte: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Existia no Colégio a Congregação da Pia União das Filhas de Maria, grupos de orações fundados em Teresina (15 de junho de 1907) e em Parnaíba (10 de maio de 1908), que encorajava as alunas à *“prática da verdadeira piedade e a fuga das vaidades e dos divertimentos mundanos”*. (CHEGADA DAS IRMÃS A TERESINA-PIAUI-BRASIL, s/d, p. 28). Algumas vezes a reunião das Filhas de Maria foi dirigida pelo próprio Bispo, como aconteceu na reunião do dia 04 de maio de 1924, quando Dom Severino Vieira de Melo orientou as alunas à prática dos valores cristãos.

Além das aulas regulares e curriculares de Religião, havia, por diversas vezes, aulas extras de Formação Religiosa, no turno inverso ao que as alunas estudavam. Segundo a senhora Teresinha de Jesus Soares Meireles (ex-aluna do Colégio das Irmãs de Teresina) nas aulas de Formação Religiosa as alunas, também eram orientadas a ir ministrar aulas de Catecismo nas escolas da rede pública.

E a gente ainda tinha aula de catecismo a tarde, de tardzinha, né. ... a Irmã Violeta dava aula de catecismo e a gente ensinava nos Colégios. ...A Irmã Violeta passava e aí ela pedia que quem tivesse Colégio, perto, Colégio do Governo e que não tivesse aula de catecismo que a gente desse – ia eu e uma amiga minha – duas vezes por

semana. A gente dava aula de catecismo no Colégio Anísio Brito, à noite. (TERESINHA DE JESUS SOARES MEIRELES, 2006).

Outro exemplo dos momentos áureos de formação da conduta das alunas e, por vezes, de seus irmãos menores era a preparação para 1ª Comunhão.

É consolador vê-se, aos sábados, mais de sessenta crianças acorrerem ao nosso Colégio, para receberem a devida instrução relegiosa em preparação à 1ª Eucaristia, tendo à frente uma das Irmãs. Além dessas são atendidas também aos sábados outras tantas crianças menores que começam a descobrir a maravilha do amor de Deus, preparando-se remotamente para o grande dia de sua 1ª união com o Divino Mestre. (ATUALIDADES, s/d, p. 1).

78 meninas e 34 meninos. Há mais de um mes duas de nós davamos as intruções necessárias para bem dispô-las ao grande ato e, pela infinita misericórdia de Deus, nossas palavras não foram pronunciadas em vão ... (DESCRICHÃO DA CHEGADA À TERESINA, s/d, p. 18).

A realização das solenidades de 1ª Eucaristia era momento digno de registro nos jornais do Estado, pois nestes eventos reunia-se grande parte da sociedade teresinense e parnaibana.

Uma festa edificante

Foi, certamente, uma festa edificante a que assistimos, no dia 25, naquelle importantíssimo estabelecimento de educação, tão competentemente dirigido pelas Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Senna.

As 6:2 horas da manhã, já a Capella do Collegio estava repleta, quando subiu ao altar, acolytado por alguns alumnos do Seminário, o mons. Joaquim de Oliveira Lopes.

Começou a missa solemne que ouvida pelos fieis presentes com um silêncio que respirava piedade e religião.

Chegou, afinal, o momento sublime – a comunhão. (A APOSTÓLO, nº 08, 07/07/1907, p. 3).

Os Colégios realizavam, ainda, atividades filantrópicas que segundo as Irmãs, além de ajudar os necessitados, era, também, em relação às alunas *“conscientizá-las das necessidades do pobre, tentando dar a essa gente sofredora e mais humilde da cidade um pouco de alegria.”* (RELATÓRIO DAS ATIVIDADES FILANTRÓPICAS E EDUCACIONAIS DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS EM 1972, 1973, p. 1). Observa-se, mais uma vez, que ao fazer as alunas tomarem parte em Campanhas Filantrópicas, os Colégios respaldam e reiteram a noção e a prática social católica a qual prega que os mais abastados, através da caridade, devem socorrer os mais pobres.

FOTO 21
DISTRIBUIÇÃO DE DONATIVOS PELO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE
JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado de Jesus –Teresina

As obras filantrópicas eram organizadas pelo Colégio das Irmãs por meio do Apostolado da Caridade⁵² e da Obras Assistencial São José. O ingresso das alunas nestes Apostolados era incentivado tanto pelas freiras, quanto pelas famílias das alunas que viam nesta prática o exercício das virtudes da caridade e do amor ao próximo – fortes preceitos do catolicismo – valores elogiosos dos quais, principalmente, as mulheres cristãs e honestas devem ser portadoras. As ações do movimento caritativo dos Colégios das Irmãs são compostas de aulas de prendas domésticas (bordado, flores, etc.), aulas de datilografia, “palestras de formação, exposição de trabalhos, distribuição de roupas para crianças e velhos, de gêneros alimentícios. Comemora-se o dia das mães, dia do ancião, dia da criança e as festas do Natal e Páscoa”. (ATUALIDADES, s/d, p. 2).

Como atividade dedicada à formação e preservação do patriotismo das alunas, os Colégios prezavam pela participação de suas discentes nos desfiles de 7 de setembro. Estes eram organizados com vários dias de antecedência: “estamos nos preparando a Semana da Pátria. O reboliço é intenso. Tambores, cornetas a tocar, um misto de entusiasmo e alegria juvenis” (ATUALIDADES, s/d, p. 2), nesta organização as Irmãs eram auxiliadas pelas

⁵² Em Parnaíba foi fundada em 11 de janeiro de 1928.

alunas, através do Centro Cívico existente nos Colégios, tais “*tem como meta desenvolver o sentimento de civismo e o espírito de iniciativa das alunas*”. (ATUALIDADES, s/d, p. 1). A grande intenção dos Colégios, nestes desfiles cívicos, era demonstrar o apreço e cuidado com os símbolos nacionais e despertar o patriotismo tanto nas alunas quanto na platéia.

Outra atividade que ocupava o tempo das alunas era o Grêmio Literário. Em Teresina, era o Grêmio Literário Santa Catarina de Sena, em Parnaíba era o Clube da Leitura Santa Maria Goretti. Ambos os grêmios têm uma Irmã responsável e como presidente de honra têm um professor. O “*clube tinha por fim: 1º) dotar a criança da capacidade de ler com compreensão, rapidez e naturalidade. 2º) Fixar na mesma hábitos de boa leitura, tanto para fim de colheita de informações úteis, como para utilização conveniente das horas de lazer. 3º) Leva-la a compreender a vantagem da leitura como instrumento de aperfeiçoamento cultural...*” (LIVRO DE ATA DO CLUBE DA LEITURA SANTA MARIA GORETTI, 1958, p. 2).

Dentre as atividades extra-curriculares figuram também as apresentações das alunas organizadas pela direção do Colégio em homenagem a visita de autoridades locais e nacionais, nestas apresentações as alunas declamavam poesias, cantavam e tocavam músicas patrióticas e religiosas, além de exporem trabalhos manuais de pintura e bordado. Estes eventos eram registrados pelos jornais locais, dentre os visitantes ilustres do Colégio das Irmãs, estão governadores, prefeitos e outros chefes políticos locais. E em 1933 o Colégio de Teresina recebeu a visita do presidente Getúlio Vargas.

FOTO 22
FOTO DA VISITA DO PRESIDENTE GETULIO VARGAS AO COLEGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS TERESINA ANO 1933



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Teresina

Diante do que expomos anteriormente, podemos afirmar que a formação do caráter e das condutas das mulheres piauienses empreendida no interior dos Colégios Confessionais, era decorrente de ensinamentos cristãos e pautados nos modelos e papéis sociais tradicionais atribuídos às mulheres, ou seja, as alunas eram levadas a admirar e desejar ser esposa e mãe e a ter apreço e zelo pela religião cristã.

4 AS LEMBRANÇAS DO COLÉGIO: MEMÓRIAS DE EX-ALUNAS DAS ESCOLAS CONFESSIONAIS CATÓLICAS

“A história, que se apóia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”. (BOSI, 2004, p. 15). Até este ponto de nosso trabalho nos apoiamos em documentos oficiais e referenciais bibliográficos, mas o que desejamos também evidenciar dos Colégios das Irmãs não está restrito às normatizações e às regras de funcionamento destas instituições escolares. Desejamos saber, também, como se construiu e permaneceu em torno destas instituições a “aura” de excelência educacional e formação moral dentro da sociedade piauiense, ou seja, como se construiu a representação, a imagem social destas instituições de ensino, e, isto, os documentos oficiais não nos mostram de forma clara.

Por isso para a obtenção de informações sobre a imagem social dos Colégios das Irmãs recorreremos à memória das ex-alunas que freqüentaram o Colégio de Teresina. Nos valemos de tal fonte por entender que

a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político, etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2004, p. 15).

Compreendemos, ainda, que

pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando com as percepções imediatas, como também empurra, ‘descola’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2004, p. 36).

Então, partindo destes pressupostos concebemos que a memória ao ser consultada, revela com intensidade a ordem social vigente num dado momento histórico, e demonstra as ordenações e contradições de um determinado ordenamento/conjunto social. Em nossa pesquisa, neste ponto, desejamos evidenciar o Colégio das Irmãs, mas não aquele Colégio que encontramos nos documentos e fotos, mas o Colégio que sobreviveu na memória de suas antigas alunas. Memória esta que guardou e preservou aspectos, momentos e vivências que não encontramos em outro reduto a não ser na mente dos sujeitos que vivenciaram

intensamente momentos de suas vidas no interior do Colégio. Temos a plena consciência que esta

é a história de um passado aberto, inconcluso, capaz de promessas. Não se deve julgá-lo como um tempo ultrapassado, mas como um universo contraditório do qual se podem arrancar o sim e o não, a tese e a antítese, o que teve seguimento triunfal e o que foi truncado. (BOSI, 2004, p. 32-33).

Porque a memória comporta em si uma interpretação pessoal produzida e traduzida pelos sujeitos que viveram o evento. E é justamente esta interpretação/impressão pessoal que desejamos revelar sobre o Colégio das Irmãs, pois são estas percepções que nos revelarão o porquê da sociedade piauiense reconhecer aquela instituição como sendo de referência em qualidade educacional até o presente século. Temos a certeza que foram estas interpretações pessoais dos indivíduos que direta ou indiretamente vivenciaram aquele espaço de formação intelectual e moral que “construíram a fama” do Colégio. Isto é fácil de comprovar ao constarmos que as ex-alunas, em geral, optam por matricular seus filhos, quando atingem a idade escolar, no próprio Colégio das Irmãs ou então no Colégio Diocesano, colégios confessionais, ou sejam, buscam preservar em seus filhos aqueles valores religiosos e morais que lhe foram ensinados quando jovens, conforme comprova a fala de Maria Ozeni Batista de Moura que diz ser um dos motivos de a matricular em no Colégio das Irmãs *“porque minha mãe tinha estudado lá”*.

Saber que o Colégio representa, ainda, hoje, para aquelas que fizeram parte de seu corpo discente, um local em que imperava a ordem, mas que representa também uma época áurea em suas vidas foi uma das descobertas e/ou confirmações que o contato com as lembranças da ex-alunas possibilitou.

Para elaborarmos esta parte de nossa pesquisa recorreremos à memória de treze alunas do Colégio das Irmãs de Teresina, estas mulheres nos revelaram fragmentos de suas lembranças e nos fizeram “imaginar” e “sentir” como era a vivência em uma escola confessional, na sua escola. Embora as ex-alunas tenham nos revelado diferentes momentos de suas lembranças de seu tempo de colégio, optamos por inserir neste trabalho apenas aquelas que se referem: ao seu primeiro dia de aula no Colégio; as aulas e os professores; as horas de orações; a hora do recreio; as festas no Colégio; as colegas de colégio e a disciplina do Colégio.

Sabemos e temos ciência

de que uma história de vida, ou mil histórias de vida jamais substituirão um conceito ou uma teoria da História. Depoimentos colhidos, por mais ricos que sejam, não podem tomar o lugar de uma teoria totalizante que elucide estruturas e transformações econômicas, ou que explique um processo social, uma revolução política. Muito mais que qualquer outra fonte, o depoimento oral ou escrito necessita esforço de sistematização e claras coordenadas interpretativas. (BOSI, 2004, p. 49).

E utilizar a memória como uma referência para a construção de um trabalho de pesquisa, implica em bem mais que “*um reviver de imagens do passado*”. (BOSI, 2004, p. 45). Por isto ao selecionarmos os fragmentos de memória das ex-alunas sujeitos desta pesquisa, intencionalmente, buscamos mostrar e demonstrar a vivacidade das lembranças referentes ao período de tempo em que vivenciaram o cotidiano do Colégio, além, de tentar interpretar estas lembranças no contexto histórico na qual se inscrevem e inserem-se.

Por desejarmos evidenciar as razões pelas quais a sociedade piauiense creditou e ainda credita ao Colégio das Irmãs como sendo uma instituição fornecedora de uma educação de qualidade, os nossos primeiros questionamentos para nossas entrevistadas se pautaram em torno dos motivos apontados pelos seus genitores para as matricularem naquela instituição de ensino. E ao longo das falas das ex-alunas percebemos que estas crêem que estudaram no melhor Colégio que existia na cidade e que este era uma referência dentro e para o sistema educacional local.

No Piauí do século XX, quando estendeu-se a exigência social para que as mulheres tivessem um refinamento educacional, mas com o cuidado de que este não encobrisse e/ou sobrepujasse aos papéis fundamentais desempenhados pelas mulheres – mãe e esposa – o Colégio das Irmãs apresenta-se como sendo “*o melhor colégio*” (Tânia Maria de Oliveira Jacobino), como confirma a fala de Eva Maria Evangelista Leal a qual nos afirmou que “*eles [os pais] achavam que mulher deveria ter uma educação mais aprimorada, aí para mulher escolheria então o Colégio das Irmãs*”.

Podemos extrair destas falas de nossas entrevistadas que o Colégio das Irmãs primava pela formação educacional das alunas, mas corroborava de forma intensa e sistemática para a manutenção dos valores familiares tradicionais cristãos burgueses que estavam se corporificando na sociedade piauiense, além de favorecer o contato entre meninas das classes sociais mais abastadas da região, é o que nos diz Maria Hilda Moura Fé que argumenta “*ser um colégio dirigido pelas irmãs Catarinas de Sena, tendo o melhor corpo docente na época e freqüentado por alunos da nossa melhor sociedade e primaz educação, com certeza me dariam uma boa formação religiosa e cultural*”. E Angélica Maria Moura Albuquerque que afirma que “*na época, era sonho de todo pai de família que morava no*

interior que suas filhas fossem educadas em colégio de freiras, pela formação religiosa, pela ética, pelo respeito". Maria Luiza de Castro Teles nos confirma que *"todas as mulheres estudavam em escolas religiosas"*.

Outro ponto que assumia grande importância para os pais no momento da escolha do Colégio das Irmãs para matricular as filhas era o fato de considerarem que *"por ser um Colégio só de mulheres e era um dos melhores Colégio, né, de Teresina"* (Teresinha de Jesus Soares Meireles) as filhas estavam "protegidas", ou melhor, não teriam o contato precoce com rapazes e estariam a salvo das seduções da vida moderna e mundana.

Podemos elencar, então, os seguintes motivos para a escolha dos pais de condição financeira privilegiada ao optarem por matricular suas filhas no Colégio das Irmãs: reforço dos valores morais cristãos burgueses, incluindo-se aí a manutenção dos papéis tradicionais da mulher; qualidade do ensino ofertado; manutenção dos laços de amizade com meninas oriundas da mesma classe social e proteção dos assédios de rapazes e das modernidades comportamentais.

4.1 O PRIMEIRO DIA DE AULA

Em geral o primeiro contato que as alunas tinham com o "universo" do Colégio das Irmãs era no primeiro dia de aula, e este primeiro encontro causava impacto, em grande parte, devido à imensidão da estrutura física do Colégio que provoca admiração entre as alunas.

A rememoração do primeiro dia de aula evoca nas ex-alunas a admiração que sentiram ao adentrar no Colégio, e chegam a afirmar textualmente que *"eu fiquei encantada com o Colégio. Muito bonito e enorme"* (Tânia Maria de Oliveira Jacobino), pois *"o tamanho do Colégio foi o que mais me impressionou ..."* (Maria Luiza de Castro Teles).

FOTO 23
ALUNAS NO PÁTIO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

Maria Ozeni Batista de Moura diz que *“a imensidão do Colégio, a quantidade de alunos, a beleza dos cartazes e a alegria das pessoas”* a impressionou bastante. Enquanto Teresinha de Jesus Soares Meireles recorda, com admiração, que *“foi o próprio Colégio, pois sua estrutura era belíssima e ao chegar em Teresina me encantei muito com ele”*.

Ainda com referência, ao primeiro dia de aula, Maria das Graças Bastos Sousa, diz que chamou sua atenção *“a organização, a cobrança rigorosa de horário”* existente no Colégio e, segundo Eva Maria Evangelista Leal *“se ... prezava muito pela farda, pra ir bem bonitinha, arrumada e procurar as primeiras cadeiras”*.

O Colégio era um mundo novo que as alunas adentravam que tanto provocava orgulho quanto medo, pois, segundo Josina Maria de Oliveira Jacobino, em seu primeiro dia de aula *“chorei demais, eu não tinha costume de sair de casa, ..., a convivência era em casa, junto com os pais, com os irmãos, então a gente não tinha o hábito de sair de casa e só em pensar que ia sair de casa já era um terror e aquele ambiente cheio de colegas chorando, da mesma idade, todo mundo sem querer deixar a casa, o pai ...”*. A fala de D. Josina que ingressa no Colégio das Irmãs em 1965, com nove anos de idade, dá a dimensão do que era a vida das mulheres piauienses naquele período, pois demonstra o apego demasiado à convivência familiar a ponto de provocar medo o afastamento, ainda que temporário.

Já com Eva Maria Evangelista Leal, o primeiro dia no Colégio foi antecipado, porque *"desde o exame de admissão que eu comecei a fazer a minha matrícula mesmo e não meus pais. Aí eu cheguei, levei o boletim do Engenheiro Sampaio, do Colégio, e aí subi aquelas escadarias, muito bonita ali na frente, fiquei assim radiante chegar lá eu mesma. ..."*

O contato inicial de D. Eva com o Colégio é uma exceção, pois, via de regra as alunas eram levadas pelos pais quando iam efetuar a matrícula destas no Colégio e para o primeiro dia de aula ou chegavam acompanhadas pelas irmãs mais velhas que, em geral, também estudam no Colégio. Miriam O. Jales de Carvalho conta que *"viajei com meu pai (Protázio de Oliveira Costa) e minha irmã Maria das Dores de União para Teresina, afim de estudarmos internadas no Colégio das Irmãs"*. (CARVALHO, 2002, p. 3). Ou como aconteceu com Josina Maria de Oliveira Jacobino que relata que era levada para o Colégio pela sua *"irmã mais velha ainda me deixava na escola, esquecia de me pegar, não tinha costume de ir acompanhada pra escola, aí sempre me esquecia"*.

Para Angélica Maria Moura Albuquerque, o primeiro dia de aula foi marcante, não por causa da imensidão do Colégio, mas porque tendo vindo de uma cidade do interior, onde segundo ela todos se conheciam, chegou *"no primeiro dia de aula me vi entre uma multidão de pessoas desconhecidas e agitadas. Senti-me perdida"*. No entanto o que marcou mais seu primeiro dia no Colégio foi a reprovação de seus estudos anteriores, pois *"na sala de aula a mestra autoritária, Irmã Freitas, mandou que eu lesse. Li péssimo e quase desmaei. Resultado: mudaram-me de sala, não acompanhava a turma"*. D. Angélica foi remanejada da sala do 1º ano do Ginásio para a sala do Curso Preparatório para o Exame de Admissão para que pudesse segundo a direção do Colégio melhorar seu nível de aprendizagem e poder acompanhar as classes do ginásio.

4.2 AS AULAS E OS PROFESSORES

Como afirmamos no Capítulo anterior o corpo docente do Colégio das Irmãs sofria poucas alterações e era reconhecido como sendo, segundo confirma Maria Hilda Moura Fé, *"o melhor corpo docente na época"*. Além da competência de seus mestres as ex-alunas recordam que *"alguns concediam uma relação de mais afetividade, outros nos mantinham a distância"* (Jeanne Maria do Vale Soares), mas todos eram muito rigorosos e exigentes e *"primavam pelo comportamento e atenção, para o bom desempenho dos alunos"* (Maria Luiza de Castro Teles), além de respeito às normas.

Jeanne Maria do Vale Soares, argumenta dizendo que *“vejo nesses professores o autoritarismo próprio do professor da época. A própria conjectura educacional exigia um professor ríspido, sem muita afetividade em relação ao aluno e cobrança de pormenores dos conteúdos da disciplina. Essas ‘qualidades’ faziam do professor o ‘bom professor’”*. Isto também é confirmado por Josina Maria de Oliveira Jacobino que diz que a relação com as irmãs e com os professores *“era um pouco fechada, com pouco diálogo, embora com consideração e respeito, mas tudo isso, devido ao próprio regimento da escola e os costumes da época”*. Neste ponto é interessante lembrarmos que a orientação pedagógica das escolas confessionais sempre seguiu a linha tradicional, linha esta que defende a supremacia de conhecimento do professor frente ao aluno e esta supremacia era explicitada na relação de distanciamento físico e social entre professores e alunos.

Mesmo havendo este distanciamento entre professores e alunas, havia momentos de interação e até mesmo de uma certa desordem permitida por alguns docentes. Teresinha de Jesus Soares Meireles, recorda que *“tinha um professor Caminha, professor de Inglês – era Inglês, não, Francês se não me engano, era Inglês ou era Francês – o professor Caminha se eu falo em professor assim era muito bom. Era um professor calmo, a gente esperava o professor na saída da sala dos professores e a gente começava, né: ele na frente e a gente batendo palmas fazendo barulho. Aí o professor Campos muitas vezes a gente brincava assim também com ele. As meninas faziam assim uns bonequinhos, vestiam os bonequinhos pretos, o de roupinhas amarela e o de roupinha vermelhas, aí o professor Campos chegava – tinha aqueles estrados, a mesa do professor era mais alta... Aquela mesa mais alta. ... Aí dizia assim: professor dê licença a gente botava os bonequinhos assim bem aqui no canto da mesa um do lado do outro. Professor porque hoje o senhor vai explicar tanta coisa difícil aí os bonequinhos vão aprender e depois ensinam pra gente. Português. Ave Maria, excelente professor. Ele dava uma aula que não tinha como você não ficar ligado no que ele tava falando. Você não conseguia, por exemplo conversar, se distrair, nem tá mexendo com outra aluna, sabe, porque ele tomava atenção que você ficava totalmente ligado na aula dele”*.

Enquanto Eva Maria Evangelista Leal nos diz o seguinte dos professores:

“...tinha a Irmã Neide Maria que era professora de matemática falava chi, chi ... chiando o tempo todo cuspidando a gente. O professor Artur ..., de Geografia, Ave Maria, é um doce de pessoa ele até analisava a caligrafia da gente. Ele gostava de analisar a caligrafia. O Professor Valdir ficava sentado o tempo todo. O professor Valdir, dona Eva Maria Evangelista aí se eu não levantasse aí ele ficava esperando enquanto a gente não levantasse para dar presente ele não, não, ficava esperando a gente levantar, ele não dizia nada apenas

esperava O Professor Diogo, ah uma beleza, bem caladinho, comportado, ..., as sandálias desabotoadas, falava bem baixinho, quanto mais a gente – se a gente falava na sala aí ele diminuía a voz pra gente poder ficar calada pra poder prestar atenção. A Irmã Jacira era um pinga fogo, bem pequenininha tomava conta de todas, a ... s, principalmente na, nas festas de 7 de setembro, que ela era diretora do Colégio. Ela prezava muito pelas festas principalmente a de 7 de setembro com ordem militar”.

Um dos professores mais lembrados pelas ex-alunas foi o Professor de História Geral, Waldir de Figueiredo Gonçalves. Este professor é descrito como “*muito sério e exigente*” (Eva Maria Evangelista Leal) e que “*não relaxava com a sabatina depois da aula*” (Maria Ozeni Batista Moura). Era tão exigente que Teresinha de Jesus Soares Meireles lembra que “*... na aula de História, muitas vezes o nosso grupo não sabia, a gente se escondia lá na sala de jogos ... Lá embaixo, na sala de jogos a gente tava lá escondida pra não assistir aula de História Geral. Mandava procurar e a gente tava lá na sala, lá escondidinha, lá na sala de jogos.*”

Nas recordações de Miriam O. Jales de Carvalho, nos trechos em que faz referências aos professores ela afirma que “*as garotas gostavam de apelidar os professores e até mesmo as irmãs. Só que nem eles, nem elas sabiam. Assim o professor de francês (de olhos repuxados) era o ‘Chinês’, um professor que substituiu o de matemática que faleceu (muito magro) era o ‘tripa escorrida’, a professora de inglês era a ‘Baratinha’ e muitos outros apelidos que não lembro.*” (CARVALHO, 2002, p. 5-6).

FOTO 24
ALUNAS NO LABORATÓRIO DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA



FONTE: Arquivo do Colégio Sagrado Coração de Jesus

4.3. AS HORAS DE ORAÇÕES

Por ser um Colégio religioso, uma das missões desta instituição era promover junto às alunas e, por extensão, às suas famílias o hábito da oração e com este a valorização e o respeito das tradições cristãs-católicas e a orientação da formação do caráter das alunas. Por isso, os momentos dedicados às orações eram muitos e conseguiam incutir nas alunas a importância da oração para os cristãos, tanto que Maria Luiza de Castro Teles, descreve estes momentos como sendo *“sempre de muito respeito e dedicação. Formação importantíssima nas nossas vidas. Responsável pela nossa vida cristã ativa. Pela performance de um bom caráter e comportamento. Essencial para todo cristão”*.

Para as alunas internas a exigência no cumprimento das orações era redobrada. Angélica Maria Moura Albuquerque, relembra que *“... nós internas rezávamos às seis horas da manhã, uma Irmã, batendo palmas e dizendo “Viva Jesus”, nos acordava e tínhamos de responder ‘para sempre em nossos corações’. Às sete horas assistíamos à missa. Rezava-se antes e depois de cada refeição. O terço era rezado às quatorze horas. Das quinze às dezessete e das dezenove às vinte horas fazia-se as tarefas e rezava-se antes e depois de cada estudo. A oração da noite era feita na Capela mesmo assim ainda rezávamos no dormitório. Tudo com muito silêncio, atenção, participação e respeito”*.

Miriam O. Jales de Carvalho, que também foi interna do Colégio, relata que *“As Irmãs levantavam-se ao tocar da campã (5 horas) e as alunas ao tocar da segunda campã (5:30 horas). Todas tinham que trocar de roupa calçar meias e sapatos e arrumar a cama com rapidez, sempre rezando a uma hora Santíssima Trindade ‘nós vos adorávamos e bendizemos, glória ao padre, ao Filho e Espírito Santo como era no princípio agora e sempre pelos séculos dos séculos amém. Padre nosso etc, e ave Maria cheia de graça ...etc’. Íamos repetindo: ‘Às duas hora... até às doze horas quando todas as meninas deviam estar penteadas, arrumadas e enfileiradas para entrar na capela para assistir a missa das 6 horas’. A missa era rezada pelo padre em Latim e o padre ficava de costas para nós”*. (CARVALHO, 2002, p.3 - 4).

Para as alunas externas havia uma quantidade menor de orações, mas, segundo Josina Maria de Oliveira Jacobino, na hora das orações imperava *“o silêncio profundo de todas as alunas na capela, ou na gruta, sentíamos uma paz interior e naquele momento parecia que estávamos no céu diante de Nossa Senhora”*. Maria Hilda Moura Fé, lembra,

também, que *“todos os dias era obrigatório a reza do terço e com a ladainha em latim, quem não participasse não assistiria as aulas”*.

Os horários das orações para as alunas externas, segundo Josina Maria de Oliveira Jacobino, *“tinha a primeira oração, tinha o dia que a gente ia pra Capela, ..., mas todo dia ia uma turma, principalmente no mês de maio. A gente rezava na Capela, mas todo dia tinha que rezar e cantar o Hino no pátio, no início, antes de ir pra sala de aula e na sala de aula, todos os professores tinham que rezar antes de começar as aulas. Era raríssimo o professor que não rezava”*.

Além das orações no Colégio, havia, também os retiros espirituais, que eram realizados na propriedade que o Colégio possuía no Bairro Memorare⁵³, o momento dos retiros era muito esperado pelas alunas, pois além de orações havia a parte de lazer. Segundo Josina Maria de Oliveira Jacobino, *“a gente ia rezava, trocava idéias, né e a parte da tarde era lazer, né. Então era muito esperado. Quando elas marcavam, geralmente era professora de ensino religioso que levava a gente, professora Isabel Sá. Aí a gente ficava naquela expectativa, contando os dias, contando as horas, para chegar a hora da gente ir pro retiro. Era muito bom”*. Para Miriam O. Jales de Carvalho, estes momentos no Memorare também eram especiais, porque *“viajávamos no caminhão do colégio, íamos cantando hinos religiosos e muitos felizes. Era um dia diferente e muito gostoso”*. (CARVALHO, 2002, p. 12).

4.4 A HORA DO RECREIO

O intervalo para recreio era em média quinze minutos, segundo Eva Maria Evangelista Leal, *“... na hora que batia a campã pra o recreio, todo mundo saía correndo ... Todo mundo saía correndo pra lanchar rapidinho e ter tempo de conversar e brincar um pouco ... e fazia fila pra comprar tudo, é, comprar o lanche tudo em ordem na fila direitinho. Mas tinha de comer rapidinho pra poder dar tempo de conversar e brincar”*.

A partir da 5ª série ginásial, as alunas passavam a comprar o lanche na cantina do Colégio, segundo Josina Maria de Oliveira Jacobino, os lanches *“naquele tempo era raro o*

⁵³ Segundo Miriam O. Jales de Carvalho, em 1941 “as Irmãs receberam a doação de um terreno para a comunidade. Ficaram felizes e logo procuraram um nome para o sítio. Muitos foram sugeridos. O escolhido foi ‘MEMORARE’, segundo ouvi dizer sugerido por Irmã Conceição. Palavra latina que quer dizer: Lembrai-vos. Logo a Superiora começou a cuidar da nova terra, limpando o mato e começando a plantar árvores frutíferas. Começou a construir um grande galpão e a iniciar uma horta. Em poucos meses estávamos usando verduras da horta”. (CARVALHO, 2002, p. 10).

refrigerante, mas tinha refrigerante, tinha suco, né, e elas vendiam muito pão com carne, pão com doce, pão massa fina com goiabada dentro, elas vendiam... vendiam retalho de hóstia, era uma maravilha, elas, a gente via as freiras cortando as hóstias e a gente ficava querendo. Elas não tem que comprar! E a gente comprava uma moedinha de retalho de hóstia, uma delícia ...”.

Na hora do recreio, também, havia tempo para diversão tanto que Teresinha de Jesus Soares Meireles, diz que *“na hora do recreio a gente brincava muito né, muito mesmo, aí tinha uma parte ficava ali, com a bola jogando voleibol e também muito no salão de jogos, ping-pong, ping-pong. Era fila pra jogar ping-pong A gente levava um radiozin – quando era na hora do recreio muitas vezes num descia, botava o radiozin lá pendurado lá no pé de pau pra poder tá dançando na sala, na hora do recreio – ficava escundidinha lá no grupinho”.*

Na hora do recreio, lembra Eva Maria Evangelista Leal, foi quando aconteceu a situação mais estranha enquanto estudou no Colégio, *“era uma namorada do meu irmão que o único caso que houve esquisito comigo foi com ela realmente. Na hora do recreio, ela ficou comigo jogando bola passando da hora e nós fomos pra sala do esqueleto e ainda pra completar ela ficou quebrando o esqueleto e eu morr ... quebrando os ossinhos do esqueleto que tinha na sala de castigo e eu morrendo de medo”.*

4.5 AS FESTAS

O Colégio das Irmãs promovia várias festas, principalmente, em comemoração à datas religiosas e cívicas, a intenção de tais festas era despertar/reforçar o sentimento de civismo e as vocações religiosas. As maiores festas promovidas pelo Colégio eram: mês de maio, festas juninas, dia de Santa Catarina de Sena, 7 de setembro e festas natalinas (estas, as vezes coincidem com as festas de encerramento do ano letivo).

Estas festas estão tão presentes no cotidiano do Colégio que Eva Maria Evangelista Leal chega a afirmar que *“parece até que vivíamos o tempo todo em festas”*, embora, segundo Jeanne Maria do Vale Soares e Maria Luiza de Castro Teles, estas festas fossem *“simples, mas rica de conteúdo”* eram também *“calmas e marcantes para nós”*.

As alunas envolviam-se em todos os momentos das festas *“principalmente na organização dos eventos... trabalhávamos desde os patrocínios, a decoração, os comes e bebe, até as apresentações, números artísticos apresentados.”* (Maria Luiza de Castro Teles)

“... a participação de várias alunas, umas cantando outras declamando. Uma festa muito bonita realizada no pátio do Colégio”. (Maria Hilda Moura Fé)

FOTO 25
DESFILE DE 7 DE SETEMBRO DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS –
TERESINA ANO 1966



FONTE: Acervo Particular Eva Maria Evangelista Leal

O 7 de setembro era uma das festas mais esperadas do ano, pois, de acordo com Teresinha de Jesus Soares Meireles, *“era o ano todo você sonhando no 7 de setembro pra vestir a farda de gala A saia era a mesma plisada com uma blusa de lingerie branca mangas compridas e tinha bem aqui assim tinha um lacinho de veludo, sabe? Era muito bonita a farda”*.

Também o 7 de setembro era uma das festas mais organizadas, pois as alunas passavam vários dias ensaiando para aprender a marchar. Tanto era prezado o desfile que as alunas do Colégio das Irmãs eram treinadas pelos soldados do 25º BC, como lembra Eva Maria Evangelista Leal, *“era pra ensinar a marchar, durante o período mais longo”*.

Josina Maria de Oliveira Jacobino, relembra que *“... a gente passava num sei quanto tempo ensaiando, de tardzinha, era um calor danado, mas todo mundo ia. Era bom demais os treinos porque aí os meninos do Diocesano vinham e naquele tempo era bicicleta ... Aí*

ficavam passando perto da gente com as bicicletas e tirava foto da gente era maior fofoca do mundo A gente saia com a farda de gala. Tinha que marchar todo mundo igual mas ficava muito bonito o desfile. A gente marchava com a farda de gala, de meiã, cabelo bem penteado, sem nada no cabelo”.

Os uniformes da Guarda de Honra da Bandeira eram copiados dos uniformes da Academia da Agulhas Negras, como, também, lembra Eva Maria Evangelista Leal, “*tinha o Oscar Gondim Cavalcante que ele estudava nas Agulhas Negras, aí a gente trazia a farda pra gente tirar o modelo pra fazer o modelo igual a deles realmente, ... Pra Guarda de Honra, ficar igual a Guarda de Honra das Agulhas Negras e aí eles era pra isso. Tanto ensinava a honra do militar, como tirar o modelo da farda ...*”

FOTO 26
GUARDA DE HONRA DO DESFILE DE 7 DE SETEMBRO DO COLÉGIO
SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS – TERESINA ANO 1966



FONTE: Acervo Particular Eva Maria Evangelista Leal

O 7 de setembro era festa utilizada pelo Colégio para demonstrar a disciplina e organização da instituição, mas a festa mais esperada do ano era o dia de Santa Catarina de Sena, pois *“podia fazer tudo nesse dia, tocava a campainha, fazia tudo nesse dia, descontava o ano todo”* (Josina Maria Oliveira Jacobino).

A festa de Santa Catarina de Sena era uma comemoração interna do Colégio com suas alunas. *“Nesse dia a gente ia pra escola, sem os livros, mas com a farda de gala, aí assistia a missa, tinha as apresentações, né, e depois a gente tava liberada, a escola ficava totalmente aberta, mas a gente passava o dia nessa escola, brincando, aí a gente aprontava nessa escola. Nas salas de aula ficava tudo vazio. A gente levava lanche, aí, às vezes a mãe mandava deixar o almoço, aí se juntava, tipo assim um piquinique, todo mundo comia junto... A gente acabava com a escola. Corria nos corredores, fazendo zoada porque o piso é de assoalho, aí quanto mais forte a gente pisava mais zoada fazia. ... Jogava vôlei, ping-pong, ..., e poucas freiras apareciam pra dá uma reclamação.”*

Para Eva Maria Evangelista Leal, as festas mais marcantes eram as juninas e do Natal, porque *“tinha as Corcundas, nós dançávamos, era umas vestidas de homem outras vestidas de mulher. As quadrilhas também só eram mulher nessa época não tinha homem ainda É, no pátio faziam aquelas barraquinhas só com comidas típicas e as quadrilhas no centro e no Natal tinha as pastorinhas também, que tinha um lado vermelho e o lado azul, a estrela guia. Muito boa essa festa.”*

FOTO 27

ALUNA EVA MARIA EVANGELISTA LEAL VESTIDA DE PASTORINHA



FONTE: Acervo Particular de Eva Maria Evangelista Leal

Uma festa é lembrada como sendo uma exceção no cotidiano do Colégio, segundo Teresinha de Jesus Soares Meireles, foi a festa de debutantes de 1964 promovida pelo Colégio das Irmãs para as alunas que completaram 15 anos naquele ano. Segundo Teresinha de Jesus: *“Eu acho que foi exclusiva essa festa. Eu não me lembro ... de ter tido outra festa de debutante ... Não teve, não teve. Essa festa a gente começou a falar né com a Irmã e aí terminou organizando essa festa, né. Primeir,o foi teve apresentação das debutantes, não eram muito, acho que éramos doze. Era só aquelas que tem mesmo na foto. Primeiro, teve apresentação das debutantes lá na, no auditório né, apresentava tudinho aí falava os nome do pai e da mãe e aí depois teve aquele coquetel. Mas isso foi assim um sonho pra nós, sabe A família, a família e só pessoal mesmo da família né. Então ia apresentando de uma a uma e depois a gente ficava e a quem ia sendo apresentada ia ficando um pouquinho assim atrás né. Aí depois teve o coquetel. Mas aquilo ali, Ave Maria foi um sonho. A gente pelejou, ô Irmã vamos fazer, vamos fazer ...”*

FOTO 28
BAILE DE DEBUTANTES DO COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS –
TERESINA ANO 1964



FONTE: Acervo Particular Teresinha de Jesus Soares Meireles

4.6 AS COLEGAS DE COLÉGIO

O relacionamento entre as alunas do Colégio das Irmãs, segundo as ex-alunas, era saudável e amigável, talvez, porque crescessem juntas, pois uma turma permanecia por muito tempo estudando junta. Tanto que algumas preservam amizades do tempo de Colégio, como afirma Amariles das Graças Santana de Sousa.

Segundo Maria Luiza de Castro Teles, *“como não estudavam homens naquela época, tudo era mais fácil. Sentíamos mais a vontade. As amizades eram sadias, não havia tanta rivalidade...”*

De acordo como Josina Maria Oliveira Jacobino, a relação entre as colegas de Colégio era *“muito boa. Boa amizade. Existia assim uma comunicação muito boa entre a gente porque elas [Irmãs] conservavam as turmas, né. Minha turma mesmo, desde o primeiro mesmo. Do tempo que a gente entrou era 1º ano A, 1º ano B, então foi aquela mesma turminha. A gente foi crescendo junto. Então existia assim um laço de amizade muito grande entre a gente”*.

A interação entre as colegas de turma era grande a ponto de *“a gente passava dias na casa delas. Elas passavam o dia na casa nossa também, pra estudar tempo das provas e tudo”* de acordo com Eva Maria Evangelista Leal.

Amariles das Graças Santana de Sousa lembra que no encerramento do Curso Científico (em 1961), a turma fez um piquenique na propriedade do Professor José Camilo da Silveira – pai de uma das alunas da turma. Guardado do último ano do Curso Científico, Amariles tem um caderno de recordações, onde as colegas de turma expressavam em forma de prosa, poesia e crônicas as relações de amizade existente entre elas. Tanto que a aluna Marlene Maria Matos Silveira escreveu para Amariles o seguinte: *“Nestes últimos dias estamos vivendo uma grande alegria por termos terminado o nosso científico. Em cada uma de nós existe alegria e felicidade por esta vitória. Porém como a vida não é somente de felicidades temos que nos separar; deixarmos aquelas nossas brincadeiras e a tesoura será guardada. Querida colega: parece-me ter sido ontem que nos vimos pela primeira vez naquele saudoso colégio. Em nós transparecia alegria, felicidade, tínhamos aquela vivacidade de garotas, enfim tudo para nós era fácil. Agora, temos de encarar a vida como realmente ela é. Refletir um pouco para prepararmos nosso futuro. Saudades nos acompanhará daqueles anos de ventura...”*

O Colégio das Irmãs tinha seu corpo discente composto, em sua maioria, por alunas oriundas das classes sociais mais abastadas e isto, por vezes, provocava constrangimento entre

as alunas de classes menos abastadas. É o que Maria Inêz Moura da Silva, recorda: *“era tímida, eu me sentia inferior devido meu baixo poder aquisitivo. Mas consegui fazer amigas verdadeiras”*.

Mas mesmo num clima, quase sempre de amizade, existiam algumas rugas entre as alunas, como lembra Teresinha de Jesus Soares Meireles, *“entre todas as alunas o relacionamento era bom. Agora tinha uma inclusive a gente chamava picolé de freira porque tudo que acontecia na sala ela ia contar sabe? Aí nós descobrimos quem era, aí essa a gente isolava, não, quer dizer essa não participava nada com a gente. Ninguém queria porque o que acontecia a Irmã sabia tudo”*.

4.7 A DISCIPLINA

A manutenção da ordem e da disciplina era feita de forma rígida no Colégio das Irmãs. Existiam Irmãs “vigiando” as alunas o tempo todo, tanto dentro como fora das dependências do Colégio, pois as estudantes encarnavam a ação educativa da escola quando usavam a farda da mesma.

Josina Maria de Oliveira Jacobino, afirma que *“olha a gente tinha horário para tudo. Pra chegar, pra cantar o hino, pra formar a fila, pra cantar o hino, pra rezar, pra subir para ir para as turmas, ninguém podia nem pisar mais forte pra não fazer zoada. Quem fosse subindo fazendo zoada tinha que descer devagarinho, todo mundo olhando ...”*.

Eva Maria Evangelista Leal, recorda, que *“se chegasse atrasada, voltava aí no outro dia tinha que levar o boletim e assinado pelo pai ou mãe, pelos pais pra dizer que tinha chegada atrasada. Às vezes que a gente mesmo conseguia. Voltava por baixo, não entrava aí a gente ia pela escada, Irmã eu vim correndo vê se a senhora me dispensa sem meu pai dispen ..., às vezes ela dispensava a gente com o boletim. ... É tinha, tinha, tinha, a Irmã Quilotéria. Que era a Irmã do dedinho, Irmã Maria do Amparo é que era vigia – só servia pra dedurar – controlava na entrada e na saída do recreio e tudo.... É essa Maria do Amparo era apenas era fiscal”*.

Maria das Graças Bastos Sousa, afirma que havia *“a cobrança rigorosa de horário; assiduidade dos professores e a caderneta de presença era carimbada diariamente, recolhia na entrada e distribuída somente após o último horário”*.

Teresinha de Jesus Soares Meireles lembra da rigidez e apreço com que era tratada a farda do Colégio e de que forma as Irmãs fiscalizavam as alunas mesmo fora do Colégio:

“...não podia, tá, não podia andar na ..., não podia sair fardada. Só do Colégio pra casa, eu não podia andar fardada na rua, circular assim sair pela rua, não podia. ... tinha um carro, naquele tempo chamava de perua né. Elas circulavam pela cidade de carro, nesse carro viu, pra ver. Elas circulavam na rua. ... Foi eu e mais duas né, nós gazeamos a aula, tava perto do 4 de outubro, que no Liceu era uma festa, hoje em dia não tem, mas a festa de 4 de outubro no Liceu, Ave Maria, era um sonho e nós fugimos fardada. Quando nós chegamos na praça do Liceu, nós avistamos a kombi com duas freiras dentro, olha mais nós demos uma carreira, a primeira casa que nós encontramos portão aberto nós entramos. ... Pra elas num ver. Era suspensão. Ia suspensa, fardada, hora de aula, fardada... Passeando, nunca mais nós fizemos isso, foi a primeira e última vez – porque olha mais foi assim um negócio tão rápido – que a primeira casa com portão nós entramos as três. Nós entramos mesmo e pedimos des ... desculpa e ficamos até, né, a kombi delas ir embora. Mas era suspensão não tinha nem como. Ah! ... A farda era abaixo do joelho. Você não podia usar pintura, você não podia ir com o cabelo penteado porque naquele tempo era aqueles cabelos né. É, unhas pintadas. Tinha uma freira, na entrada do Colégio, que a gente entrava pelo lado. Num tem a imagem de Jesus ali? Então na hora que você entrava aqui tinha porta, você entrava ali. Então já tinha essa freira, eu não lembrava o nome dela, com álcool, cetona, com algodão, aí a gente ia de propósito – pintava as unhas de vermelho bem mesmo, bem mesmo e chegava lá já era assim (esticou as mãos mostrando as unhas). Ela tirava tudinho né. Por exemplo aquelas faixas que se usava no cabelo, só podia ser branca – mas no quarto ano, nós do quarto ano conseguimos que ela deixasse usar branca ou preta né, e aí pra nós já era uma vitória né”.

Teresinha lembra também que quando as alunas ficavam conversando na hora da aula, *“... as Irmãs trocavam de carteira, né, mas na hora que o professor, que um professor saía e que o outro voltava o nosso grupo já estava todo junto de novo, era mais ou menos umas doze alunas.”* E que havia uma espécie de castigo para as alunas que não se comportassem bem. *“... Eu fiquei umas duas vezes – o meu grupo né, a aula terminava e a gente ficava até a entrada do turno da tarde. ...Até uma hora ou uma e meia e muitas vezes ela mandava chamar o pai ou a mãe, mas eu fiquei mesmo só umas duas vezes”.*

Amariles das Graças Santana de Sousa lembra que sua turma era muito cobrada, *“porque ... foi o início do Curso Científico no Colégio das Irmãs – 1959-... e já formando alunos para o vestibular ...”.*

Revisitar a memória das ex-alunas do Colégio das Irmãs de Teresina, nos proporciona atingir aquilo que nos propusemos no início deste capítulo, ou seja, visualizar o Colégio que não está descrito nos documentos, mas vê o Colégio que permanece vívido no

imaginário e memória daquelas que um dia constituíram seu corpo discente. Temos a ciência de que não exploramos a totalidade das lembranças e nem esgotamos os conteúdos das memórias dos sujeitos de nossa pesquisa, mas temos a convicção de que apresentamos e revelamos ainda que timidamente, e embora em forma de fragmentos, aspectos do cotidiano do Colégio das Irmãs que não está descrito em outro lugar senão na mente daqueles que o vivenciaram.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O século XX para as mulheres – sejam ocidentais, brasileiras, piauienses ... – revelou-se, até a década de 1950, como sendo reforçador do papel social tradicional feminino, ou seja, definia a mulher como ser social a partir das funções de esposa e mães e tinha como base para o comportamento e a formação educacional femininos: o espaço doméstico, o casamento e a maternidade. A partir da década de 1960, vimos se processar uma transformação lenta e gradual que vai minando as bases do papel social tradicional feminino, pois as mulheres conquistam alternativas outras de vida que não têm o casamento e a maternidade como fins únicos de satisfação da vida feminina.

Estas transformações, no Piauí, se desenrolam no âmbito das classes sociais mais ricas, e, uma das formas de se perceber estas mudanças, é observar as alterações incorporadas ao processo de escolarização das mulheres piauienses durante o século XX que vai agregando paulatinamente mais anos de estudos. Contudo, para fazer-se tal análise e desta desprender-se informações que revelem estas transformações nas relações entre os gêneros e na constituição da identidade social feminina a partir do processo de escolarização, era necessário que já tivéssemos uma produção científica consolidada que desse conta de analisar este referido processo dentro do contexto histórico-social, produção esta que fosse capaz de relacionar o cenário educacional com social e cultural. Infelizmente em nosso Estado estes estudos ainda são poucos, e este campo ainda carece de estudos sistematizados.

Mas, foi perseguindo o objetivo de estabelecer uma relação entre mulher e educação no contexto sócio-cultural piauiense que investigamos um dos espaços sociais onde esta relação se dava – os Colégios Confessionais Católicos femininos, conhecidos em todo o Estado como Colégio das Irmãs. Buscávamos analisar as estratégias empregadas na educação da mulher piauiense no período compreendido entre 1906 a 1973, contudo devido à ausência de estudos que pudessem referenciar tal análise, nos foi necessário buscar construir a história da constituição e da estruturação das Escolas Confessionais para mulheres no Estado do Piauí.

Percorrendo o caminho da construção da história dos Colégios Confessionais Católicos para mulheres nos deparamos com o registro da existência de várias instituições confessionais destinadas à formação feminina, mas apenas duas destas conseguiram alcançar a marca existencial de um século: o Colégio das Irmãs de Teresina (Colégio Sagrado Coração

de Jesus) e o Colégio das Irmãs de Parnaíba (Colégio Nossa Senhora das Graças). E foi assim que começamos a conhecê-las mais de perto, e, conseqüentemente à sociedade piauiense.

No transcurso da pesquisa podemos constatar, que, apesar da Constituição de 1891 ter declarado a separação oficial entre a Igreja Católica e o Estado Brasileiro, os elos entre a sociedade e a Igreja, permaneceram muito fortes durante todo o século XX, tanto que por diversas vezes a Igreja interveio diretamente no seio de nossa sociedade, fornecendo orientação para ação de grupos políticos e sociais.

Nestas intervenções realizadas pela Igreja, uma das mais solidamente construída foi na área educacional, pois observou-se a manutenção da Igreja Católica como instituição mantenedora de diversas escolas, e a utilização destas como espaços de consolidação da influência sobre sociedade, pois as escolas confessionais bem mais que ensinamentos técnico-científicos formam/moldam o caráter e a moral de seus discentes seguindo as preceituações religiosas cristãs. Pois para a Igreja, o processo de educação é uma continuidade do processo de evangelização, ou seja, educar continua sendo um dos veículos alternativos para a preservação da fé cristã e da posição da Igreja enquanto instituição norteadora das práticas cristãs no Brasil.

No início do século XX, no cenário nacional havia um embate entre as elites laicas e religiosas em busca de espaços políticos e sociais, foi dentro deste contexto que assistimos ao crescimento do número de escolas tanto laicas quanto confessionais, pois ambos os grupos acreditavam que a educação seria o caminho mais rápido para assegurar o desenvolvimento do país, e, no Piauí, vivemos nas primeiras décadas daquele século um surto de implantação de escolas, e nesta, onda empolgante de difusão do ensino foram instaladas no Piauí os Colégios Confessionais Católicos para mulheres e homens. É necessário, então, frisar que os Colégios Confessionais Piauienses são resultantes de um processo nacional de expansão e fortalecimento das ações da Igreja Católica e não mérito da ação isolada dos religiosos radicados no Estado.

Os Colégios Confessionais Católicos assumiram tamanha notoriedade no seio da sociedade piauiense, que a presença de seus alunos era fato garantido nas manifestações culturais, comemorações cívicas, etc. Esta representatividade do Colégio das Irmãs como sendo uma instituição importante social e culturalmente para a comunidade piauiense pode ser mensurada pelo fato de que no ano de 1933, quando da visita oficial do presidente Getúlio Vargas à Teresina, na programação foi incluída a ida do presidente ao Colégio das Irmãs para conhecer as instalações do Colégio e verificar a qualidade do ensino fornecidos às jovens piauienses. A presença do presidente numa escola confessional reiterava a máxima da

educação católica de formar bons cristãos e bons cidadãos, ou seja, estas instituições de ensino eram parceiras de primeira linha na formação dos laços de patriotismo e civismo que uniria o cidadão a seu país.

Os Colégios das Irmãs enfatizavam sobremaneira a formação moral e religiosa de suas alunas, formação esta que propiciava o emolduramento do caráter e das condutas sociais das alunas, tanto através das disciplinas curriculares como por meio das atividades não-curriculares. Mesmo dando ênfase na formação moral, estes colégios não descuidam da formação intelectual de seus discentes, tanto que mantém em seus quadros docentes profissionais com as melhores e mais altas qualificações acadêmicas, além de realizar adequações curriculares com vistas a assegurar uma educação de qualidade. Qualidade esta que é reiterada pelas ex-alunas que afirmam que receberam a melhor formação possível tanto intelectual quanto humana, devido à valorização dos princípios religiosos e morais.

A ação dos Colégios das Irmãs não se encerravam na educação de suas alunas, estes Colégios executavam ações que intervinham diretamente no seio da sociedade piauiense, através das obras de caridade, dando assistência aos mais pobres, e por meio de suas alunas, mobilizando os demais membros da sociedade piauiense a fim de contribuir para as suas ações de caridade ou de melhoria das instalações físicas dos Colégios. Dentre as suas atividades filantrópicas mantinham as Escolas Gratuitas Santa Inês (Teresina) e São José (Parnaíba) que atendiam meninas oriundas das classes menos privilegiadas da sociedade local.

Uma constatação importante que também se desprende da análise da história dos Colégios das Irmãs, é a progressiva ampliação dos anos de escolaridade ofertados às mulheres piauienses. Pois, iniciamos o século XX, com as mulheres tendo acesso a apenas o curso primário, e, chegamos à metade daquele século (1959) com o crescimento do número de mulheres que se preparava para ingressar nos cursos superiores. Este fator demonstra a alteração do comportamento feminino e de suas famílias que passaram a investir progressivamente na formação intelectual das mulheres piauienses.

Contudo, como empreendimento da Igreja Católica no Piauí, podemos afirmar que os Colégios das Irmãs, nas sete primeiras décadas do século XX, cumpriram a sua missão de educar as mulheres piauienses a luz dos valores religiosos, oferecendo-lhes e fornecendo-lhes os diferentes cursos da educação básica e, também, a formação moral e religiosa desejada pelas famílias tradicionais do Estado. A despeito da formação intelectual que ofertavam, os Colégios das Irmãs contribuíram para a manutenção dos papéis sociais tradicionais atribuídos às mulheres, e, para a manutenção da influência da Igreja Católica na sociedade civil, quando

reforçavam, por meio de suas atividades não-curriculares, as características de amabilidade, maternalidade, patriotismo e civismo em suas alunas.

REFERÊNCIAS

- A INSTALAÇÃO do collegio para meninas (conclusão). **O Apostolo**, Teresina, nº 17, p. 17 de 01 de setembro de 1907.
- ABREU, Jânio Jorge Vieira de. **Educação e gênero: homens no magistério de Teresina (1960 a 2000)**. 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2003.
- ALMEIDA, Jane Soares de. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. IN: SAVIANI, Demerval et al. **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas (SP): Autores Associados, 2004. p. 59-107.
- ALBUQUERQUE, Angélica Maria Moura. Entrevista concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 10 de fevereiro de 2006.
- ARAÚJO, Maria Mafalda Balduino de. **Imagens de Teresina no século XIX**. Teresina: APeCH/UFPI, 1996.
- _____. **Cotidiano e imaginário: um olhar historiográfico**. Teresina: EDUPI/Instituto Dom Barreto, 1997.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. **Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- BARROS, José D'Assunção. **O campo da História: especialidades e abordagens**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2004.
- BARROS, Maria Nazareth Alvim de. **As deusas, as bruxas e a Igreja: séculos de perseguição**. Rio de Janeiro: Record/ Rosa dos Tempos, 2001.
- BEATA Savina Petrilli. Disponível em: <<http://www.santiebeati.it/dettaglio/90836.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2005.
- BISPOS e Arcebispos da Arquidiocese de Teresina. Disponível em: <http://www.arqui-the.org.br/exibe_news.php?cod=83&menu=2.htm>. Acesso em: 9 fev. 2006.
- BITTENCOURT, Agueda Bernardete. Educação escolar: um compromisso da família com a Igreja. IN: ALMEIDA, Ana Maria F. e NOGUEIRA, Maria Alice. **A escolarização das elites: um panorama internacional da pesquisa**. Petrópolis: Vozes, 2002. p.148-168.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. 2 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BREVE história da Diocese do Piauí e Arquidiocese de Teresina. Disponível em: <http://www.arqui-the.org.br/exibe_news.php?cod=83&menu=2htm>. Acesso em: 9 fev. 2006.
- BRITO, Itamar de Sousa. **História da educação no Piauí**. Teresina: EDUFPI, 1996.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.

_____. **História e teoria social**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

_____. **A escola dos annales 1929 – 1989: a revolução francesa da historiografia**. 3. ed. São Paulo: Editora da UNESP, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARDOSO, Elizângela Barbosa. **Múltiplas e singulares: história e memória de estudantes universitárias em Teresina (1930-1970)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2003.

CARVALHO JÚNIOR, Dagoberto. **História episcopal do Piauí**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 1980.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. A configuração da historiografia educacional brasileira. IN: FREITAS, Marcos Cezar. **Historiografia brasileira em perspectiva**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1998. p. 329-353.

CARVALHO, Miriam O. Jales de. **Pequena história das alunas internas do Colégio Sagrado Coração de Jesus: 1937 à 1944**. Teresina, 2002.

CARVALHO, Paulo Gutemberg de. A luta político-religiosa entre Igreja e Maçonaria no Piauí (1902 – 1914). IN: **Carta CEPRO**. v. 11, n. 1, junho/dezembro, 1986. p. 87-114.

CARDOSO, Magnaldo de Sá. **O centro de tecnologia da UFPI: trajetória histórica**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

CASTELO BRANCO, Ir. Florina. **Hino das Professorandas**. Teresina. 1945-1946.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. **Mulheres plurais: a condição feminina em Teresina na primeira república**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

_____. **Imagens tecidas pelo tempo: a mulher na sociedade teresinense (1890-1930)**. IN: EUGÊNIO, João Kennedy (org). **Histórias de vários feitio e circunstância**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001. p. 284-301.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 1997.

COLLEGIOS em Parnaíba. **O Apostolo**. Teresina, nº 01, p. 1, ano I de 19 de maio 1907.

COLÉGIO do S. C. DE JESUS: uma festa edificante. **O Apóstolo**. Teresina, nº 08, p. 03 de 07 de setembro de 1907.

COLÉGIO DO S. C. de Jesus: Pia União das Filhas de Maria. **O Apóstolo**. Teresina, nº 265, p. 03

COLLEGIO do Sagrado Coração de Jesus. **O Apostolo**. Teresina, nº 01, p. 01 de 19 de maio de 1907.

COLLEGIO do Sagrado Coração de Jesus. **O Apostolo**. Teresina, nº 253, p. 04. ano XXX de 20 de janeiro de 1919.

COLEGIO do Sagrado Coração de Jesus. **Piauhy**. Teresina, nº 528, p. 02. ano XXXIII de 01 de dezembro de 1921.

COLÉGIO Nossa Senhora das Graças. **Alguns Dados do Colégio Nossa Senhora das Graças**. Parnaíba. s/d. (mimeografado)

_____. **Anexo ao Resumo Histórico do Colégio Nossa Senhora das Graças**. Parnaíba. s/d.(mimeografado)

_____. **Ata do Clube da Leitura Santa Maria Goretti 1958 a 1969**. Parnaíba. (manuscrito)

_____. **Atas de Promoção de 1949 a 1965**. Curso Ginásial. Parnaíba. (manuscrito)

_____. **Ata de Promoção Curso Ginásial de 1967 a 1984**. Parnaíba. (manuscrito)

_____. **Currículo 1º Grau**. Parnaíba. 1972. (mimeografado)

_____. **Atualidades**. Parnaíba. s/d. (mimeografado)

_____. **Colégio Nossa Senhora das Graças Ontem e Hoje**. Parnaíba. 2000. (mimeografado)

_____. **Currículo 1º Grau**. Parnaíba. 1973. (mimeografado)

_____. **Currículo 1º Grau**. Parnaíba. 1974. (mimeografado)

_____. **Escola São José Anexa ao Colégio Nossa Senhora das Graças – Parnaíba – Piauí – Livro de Matrícula ano 1969 a 1970**. Parnaíba. (manuscrito)

_____. **Dados Gerais do Ginásio Nossa Senhora das Graças Alusivos ao Curso Pedagógico**. Parnaíba. 1973. (manuscrito)

_____. **Diretoras do Colégio Nossa Senhora das Graças**. Parnaíba. s/d. (manuscrito)

COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS. **Exame de Admissão de 1952-1970**. Parnaíba. (manuscrito)

- _____. **Exame de Admissão de 1949-1952.** Parnaíba. (manuscrito)
- _____. **Histórico da Escola São José, Anexa ao Colégio Nossa Senhora das Graças em Parnaíba-PI.** Parnaíba. s/d. (mimeografado)
- _____. **Histórico do Colégio Nossa Senhora das Graças.** Parnaíba. s/d. (mimeografado)
- _____. **Lavratura de Ocorrências dos Serviços de Inspeção Federal.** Parnaíba. s/d.(manuscrito)
- _____. **Principais Datas deste Colégio.** Parnaíba. s/d.(mimeografado)
- _____. **Principais Anotações do Ginásio N. S. das Graças.** Parnaíba. s/d.(mimeografado)
- _____. **Quadro de Matrículas 1971-1972-1973.** Parnaíba. 1973. (mimeografado)
- _____. **Relação de Alunas Matriculadas em 1973.** Parnaíba. 1973. (mimeografado)
- _____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Nossa Senhora das Graças.** Parnaíba. 1972. (manuscrito)
- _____. **Valores das Mensalidades Colégio Nossa Senhora das Graças (1971 -1978).** Parnaíba. s/d. (manuscrito)
- _____. **1973: Anotações Principais do Colégio e Professores.** Parnaíba. 1973. (manuscrito)
- COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Atas de Resultados Finais e Globais do Curso Pedagógico anos 1956 a 1974.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Atas de Resultados Finais e Globais da 3ª Séries do Curso Ginásial do Colégio Sagrado Coração de Jesus Anos 1971 a 1983.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Atas de Resultados Finais da Escola Santa Inês do Colégio Sagrado Coração de Jesus Anos 1968 a 1994.** Teresina.(manuscrito)
- _____. **Atas de Resultados Finais do Polivalente e da 1ª a 4ª Série Ano 1972 a 1980.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Atas Pré-escolar 1976.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Chegada das Irmãs a Teresina (Piauí-Brasil).** Teresina. s/d. (mimeografado)
- _____. **Colégio Sagrado Coração de Jesus, evoluindo, reformando-se e reafirmando-se.** Teresina. 1973. (mimeografado)
- _____. **Currículo Curso Ginásial.** Teresina. 1966. (mimeografado)
- COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Currículo Curso Ginásial.** Teresina. 1970. (mimeografado)
- _____. **Currículo do Curso Pedagógico.** Teresina. 1970. (mimeografado)

- _____. **Currículo do Curso Científico.** Teresina. 1970. (mimeografado)
- _____. **Diretoras do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 2001. (mimeografado)
- _____. **Descrição da Situação Física do Colégio Sagrado Coração de Jesus período 1947-1949.** Teresina. (mimeografado)
- _____. **Descrição da Chegada à Teresina.** Teresina. s/d. (mimeografado)
- _____. **Documentos Diversos Comércio.** Teresina. s/d. (manuscrito)
- _____. **Documento Para Divulgação na Revista Anual “Teresina Informática e Turismo”.** Teresina. 1975. (mimeografado)
- _____. **Escola Técnica de Comércio S. Coração de Jesus Relação dos Livros didáticos Adotados.** Teresina. s/d. (mimeografado)
- _____. **Estágio Escolar Integrado na Comunidade.** Teresina. s/d. (mimeografado)
- _____. **Horário Previsto para o Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1958. (mimeografado)
- _____. **Livro de Atas de Aprovação do Curso Primário anos 1960 a 1971.** Teresina.(manuscrito)
- _____. **Livro de Atas Finais e Globais do Curso Científico do Colégio Sagrado Coração de Jesus Anos 1959 a 1994.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Livro de Chamada do Curso Primário anos 1941 a 1946.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Livro de Chamada do Curso Primário anos 1943 a 1949.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Livro de Chamada do Curso Primário 1949 a 1950.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Livro de Matrícula do Jardim da Infância 1935 a 1972.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Livro de Matrícula do Curso Primário Anos de 1934 a 1949.** Teresina. (manuscrito)
- _____. **Livro de Matrícula do Curso Primário 1949 a 1950.** Teresina.(manuscrito)
- _____. **Livro de Matrícula do Curso Ginásial – Primeiros Anos 1938 a 1955.** Teresina.(manuscrito)
- _____. **COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Livro de Notas do Curso Ginásial da 1ª Série Anos 1938 a 1949.** Teresina.(manuscrito)
- _____. **Livro de Notas do Curso Ginásial Anos 2ª Série 1939 a 1949.** Teresina. (manuscrito)

_____. Livro de Notas do Curso Ginásial 3ª Série Anos 1940 a 1949 a 1954. Teresina. (manuscrito)

_____. Livro Destinado as Notas da 4ª Série. Teresina.(manuscrito)

_____. Livro das Notas de Provas Orais e Segunda Época do Curso Ginásial ano 1932. Teresina.(manuscrito)

_____. Livro de Notas do Curso Normal de 1936 a 1946/ Livro de Notas do Curso Pedagógico de 1947 a 1953. Teresina.(manuscrito)

_____. Matrícula do Curso Normal de 5 Anos 1931 a 1946 / Matrícula do Curso Pedagógico 3 anos 1947 a 1955. Teresina. (manuscrito)

_____. Matrícula do Jardim da Infância 1935 a 1972. Teresina.(manuscrito)

_____. Memórias ... Do Colégio Sagrado Coração de Jesus de 1906 a 1933 – Fatos Principais. Teresina. s/d. (mimeografado)

_____. Relatório das Atividades Filantrópicas e Educacionais do Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1972. Teresina. 1973. (mimeografado)

_____. Quadro de Contribuições do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1958.(mimeografado)

_____. Quadro da Organização dos Currículos Ginásial e Colegial. Teresina. 1962.(mimeografado)

_____. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1931.(manuscrito)

_____. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1932.(manuscrito)

_____. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1933.(manuscrito)

_____. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1934.(manuscrito)

_____. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1935.(manuscrito)

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1936.(manuscrito)

_____. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1938.(manuscrito)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1940.(manuscrito)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1944.(manuscrito)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1945.(manuscrito)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1955.(manuscrito)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1958.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Curso Pedagógico.** Teresina. 1963.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1965.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Curso Pedagógico.** Teresina. 1966.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1967.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1968.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1969.(mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1970. (mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1971. (mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus – Turno da Noite.** Teresina. 1972. (mimeografado)

COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS. Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus. Teresina. 1972. (mimeografado)

_____. **Relação do Corpo Docente do Colégio Sagrado Coração de Jesus.** Teresina. 1973. (mimeografado)

_____. **Relatório das Atividades Filantrópicas e Educacionais do Colégio Sagrado Coração de Jesus em 1973.** Teresina. 1974. (mimeografado)

_____. **Relatório de Reconhecimento Definitivo do Curso Técnico**. Teresina. 1956. (mimeografado)

COLÉGIO SÃO FRANCISCO DE SALES (DIOCESANO). **Um Século a Serviço da Excelência Humana e Acadêmica**. Teresina. 2004.

COSTA FILHO, Alcebiades. **A escola do sertão: ensino e sociedade no Piauí (1850-1889)**. 2000. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2000.

CRESPO, Samyra B. Serpa. Os colégios católicos de elite e algumas questões postas pela chamada “educação libertadora”. IN: PAIVA, Vanilda (org). **Catolicismo, educação e ciência**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e educação brasileira: católicos e liberais**. 2. ed. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1984.

DALLABRIDA, Noberto. **A fabricação escolar das elites: o ginásio catarinense na primeira república**. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DAMATTA, Roberto. **A casa e as ruas: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 3. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DOCUMENTOS do Concílio do Vaticano II. Disponível em: <[http:// www.prebiteros.com.br](http://www.prebiteros.com.br)>. Acesso em: 17 fev. 2007.

_____. História do cotidiano e da vida privada. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 259-274.

_____. **Ao sul do corpo: condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil colônia**. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 11. ed. São Paulo: EDUSP, 2003.

FEDELI, Marcelo. Anotações “esquecidas” VII: o Concílio do Vaticano II e o Modernismo: parecer de Jean Guittton. Disponível em: <[http:// www.montfort.org.br](http://www.montfort.org.br)>. Acesso em: 17 fev. 2007.

FRANCO, Roberto Kennedy Gomes. **Raízes e memórias: o florescimento histórico-educativo em Esperantina (1930 – 1960)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2004.

FÉ, Maria Hilda Moura. Entrevista concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 9 de fevereiro de 2006.

FERRO, Leonardo Borges. **Educação e saúde: o ensino odontológico no Piauí: história, memória e realidade.** 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005

FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e sociedade no Piauí republicano.** Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** 7. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

FUNDAÇÃO CEPRO. **Perfil dos municípios.** Teresina: Fundação CEPRO, 1992.

GATTI JÚNIOR, Décio. Dimensões do ensino de História da educação: história, fontes e formas didático-pedagógicas. IN: MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; CORRÊA, TEIXEIRA, Rosa Lydia (orgs). **A educação escolar em perspectiva.** Campinas (SP): Autores Associados, 2005. p. 171-225.

_____. História das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. IN: GATTI JÚNIOR, Décio; ARAUJO, José Carlos Souza (orgs). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa.** Campinas (SP): Autores Associados, 2002. p. 3-24.

_____. Apontamentos sobre a pesquisa histórico-educacional no campo das instituições escolares. IN: **Cadernos de história da educação.** v. 1, nº 1. Uberlândia: UFU, jan/dez. 2002. p. 29-31.

GATTI JÚNIOR, Décio; PESSANHA, Eurize Caldas. História da educação, instituições e cultura escolar: conceitos, categorias e materiais históricos. IN: GATTI JÚNIOR, Décio; INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações.** Campinas (SP)/Uberlândia (MG): Autores Associados/EDUFU, 2005. p. 71-90. (FALTA AUTOR)

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. **Os fios de Penélope: a mulher e a educação feminina no século XIX.** GT de História da Educação da ANPED, 2002.

HAHNER, June E. **Emancipação do sexo feminino: a luta pelos direitos da mulher no Brasil, 1850-1940.** Florianópolis/Santa Cruz do Sul: Mulheres/EDUNISC, 2003.

Histórico dos 100 anos de fundação “Colégio Santa Catarina de Sena”. Disponível em: <<http://www.cscs.com.br/historico.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2005.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre história.** São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho: novos estudos sobre história operária.** 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

INÁCIO FILHO, Geraldo. Escola para mulheres no Triângulo Mineiro (1880-1960). IN: GATTI JÚNIOR, Décio; ARAÚJO, José Carlos Souza (orgs). **Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa**. Campinas (SP): Autores Associados, 2002. p. 39-64.

Irmãs dos Pobres de Santa Catarina de Sena. Disponível em:

<http://www.arquidiocesedefortaleza.org.br/congreg_comunid.aso?id_congreg=45&tx_com>.

Acesso em: 3 nov. 2005.

JACOBINO, Tânia Maria de Oliveira. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 10 de fevereiro de 2006.

JACOBINO, Josina Maria de Oliveira. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 10 de fevereiro de 2006.

LE GOFF, Jacques. **A história nova**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LEAL, Eva Maria Evangelista. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 1 de fevereiro de 2006.

LEITE, Maria do Carmo Bezerra. **Modernidade e tradição na educação piauiense – o mito Antonino Freire – educador ou político?** 2001. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001.

LESSA, Patrícia. **Mulheres à venda: uma leitura do discurso publicitário nos outdoors**. Londrina: Eduel, 2005.

LOPES, Antonio de Pádua Carvalho. **Beneméritos da instrução: a feminização do magistério primário piauiense**. 1996. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1996.

_____. Imagens do masculino e do feminino; co-educação e profissão docente no Piauí (1874-1910). In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). **Pesquisa em história da educação: perspectivas de análise, objetos e fontes**. Belo Horizonte: HG Edições, 1999. p. 95-110.

_____. **Superando a pedagogia sertaneja: grupo escolar, escola normal e modernização da escola primária pública piauiense (1908-1930)**. 2001. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

_____. Pão do espírito, sol radioso: o discurso e a ação educacional católica e as polemicas anticlericais no Piauí (1890-1930). In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO: EDUCAÇÃO ESCOLAR EM PERSPECTIVA, 3., 2004, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba: PUC/PR, Sociedade Brasileira de História da Educação. 2004. 1 CD-ROM.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Perspectivas históricas da educação**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2002.

LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. Mulheres na sala de aula. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 442 - 481.

_____. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. IN: **Educação e realidade**. V. 20 n. 2. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, jul/dez 1995. p. 101- 132.

LOVE, Joseph L.; BARICKMAN, Bert J. Elites regionais. IN: HEINZ, Flávio M (org). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 77-97.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

_____. A história das instituições educacionais em perspectiva. IN: GATTI JÚNIOR, Décio. E INÁCIO FILHO, Geraldo (orgs). **História da educação em perspectiva: ensino, pesquisa, produção e novas investigações**. Campinas (SP)/Uberlândia (MG): Autores Associados/EDUFU, 2005. p. 91-103.

MACEDO, Marly. **Memórias de professores primárias no cotidiano das escolas públicas estaduais da zona urbana e rural de Teresina (PI) 1960 – 1970**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

MAINWARING, Scott. **Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANOEL, Ivan A. **Igreja e educação feminina (1859-1919): uma face do conservadorismo**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

MARCILIO, Maria Luiza (org). **Família, mulher, sexualidade e Igreja na História do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

MARIA, Júlio. **A Igreja e a república**. Brasília: EDUNB, 1981.

MATOS, Maria Izilda S. de. **Por uma história da mulher**. Bauru (SP): EDUSC, 2000.

MEIRELES, Teresinha de Jesus Soares. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

MELO, Salânia Maria Barbosa. **Reminiscências do processo de escolarização: a formação da professora normalista piauiense e o ensino primário (1930-1945)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

MENDES, Francisco Iveltman Vasconcelos. **Parnaíba: educação e sociedade**. Teresina; UFPI, 2001.

MICELI, Sergio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

MOURA, Pe. Laércio Dias de Moura. **A educação católica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MOURA, Maria da Glória Carvalho. **Educação de jovens e adultos no Piauí: 1970/2000**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

MOURA, Maria Geni Batista de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 12 de fevereiro de 2006.

MOURA, Maria Ozeni Batista de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

NASCIMENTO, Ana Maria Bezerra do. **Trabalhadores e trabalhadoras no fio da história da prática e projetos educativos no Piauí (1856 – 1937)**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. IN: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 482-509.

OLIVEIRA FILHO, Valdinar da Silva. **O ensino comercial e a formação de guarda-livros: de porta vozes da riqueza do Piauí a guardadores da memória de Parnaíba (1900-1960)**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2004.

PARNAHYBA: as últimas festas do Collegio de N. S. das Graças. **O Apostolo**. Teresina, p. 04, nº 155 de 05 de junho de 1910.

PASSOS, Mauro. Entre a fê e a lei: o pensamento educacional católico no período republicano (1889-1930). IN: LOPES, Ana Amélia Borges Magalhães; GONÇALVES, Irlene Antonio; FARIAS FILHO, Luciano Mendes de. (Orgs). et al. **História da educação em Minas Gerais**. Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2002 p. 183-196.

PENNO, Sandra Mara Kindlein. **A trajetória da instituição educativa evangélica mais antiga no Estado do Piauí**: Instituto Batista Correntino. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

PEREIRA, Rita de Cássia Lima. **Escola normal: do fato ao fenômeno**. Teresina: EDUFPI, 1996.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. **Mulheres públicas**. São Paulo: Editora da UNESP, 1998.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **As ciladas do inimigo**: as tensões entre clericais e anticlericais no Piauí nas duas primeiras décadas do século XX. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.

PIAUÍ. Lei nº 2.641 de 30 de novembro de 1964. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 22 dez. 1964. nº. 226, p. 32.

PIAUÍ. Lei nº 2.718 de 9 de dezembro de 1965. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 23 dez. 1965. nº. 268, p. 51-52.

PIAUÍ. Lei nº 2.832 de 30 de novembro de 1967. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 22 dez. 1967. nº. 237, p. 31-34.

PIAUÍ. Lei nº 2.950 de 2 dezembro de 1968. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 20 dez. 1968. nº. 260, p. 81.

PIAUÍ. Lei nº 3.009 de 4 dezembro de 1969. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 31 dez. 1969. nº. 214, p. 14-15.

PIAUÍ. Decreto nº 1.052-A de 27 de dezembro de 1969.

PIAUÍ. Lei nº 1.343 de 6 de dezembro de 1971. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 31 dez. 1971. nº. 226, p. 17.

PIAUÍ. Decreto nº 1.407 de 31 de dezembro de 1971. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 24 jan. 1972. nº 3, p. 4-6.

PIAUÍ. Decreto nº 1.544 de 29 de dezembro de 1972. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 12 jan. 1973. nº. 6, p. 39-41.

PIAUÍ. Lei nº 1.145 de 20 de novembro de 1967. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 19 jan. 1968. nº. 13.

PIAUÍ. Decreto nº 904 de 20 de dezembro de 1961. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 12 jan. 1973. nº. 264, p. 6-10.

PIAUÍ. Lei nº 3044 de 3 de dezembro de 1970. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PIAUÍ**, Poder Executivo, Teresina, PI, 31 dez. 1970. nº. 231, p. 67-69.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

PREMIAÇÃO No Collegio Do Sagrado Coração De Jesus. **O Apostolo**. Teresina, p. 03, nº 30. ano I de 08 de dezembro de 1907.

QUEIROZ, Teresinha. **História, literatura, sociabilidades**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1998.

QUEIROZ, Teresinha. **Os literatos e a república**: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo. 2. ed. Teresina/João Pessoa: Editora da UFPI/Editora da UFPB, 1998.

_____. **Educação no Piauí 1860 a 1930**. 1998. (mimeografado)

RESUMOS das dissertações. Mestrado em Educação. PPGEd/ CCE-UFPI. [www. ufpi.br](http://www.ufpi.br). Acesso em: 24 jan. 2006.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 15. ed. Campinas (SP): Autores Associados, 1998.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de (org). **Piauí: formação, desenvolvimento, perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.

SCOTT, Joan. História das mulheres. IN: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 63-95.

_____. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. IN: **Educação e realidade**. V. 20 n 2. Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, jul/dez 1995. p. 71-99.

SION, Sórór Maria Adolpho de. et al. **Livro de orientação para o mestre**. Rio de Janeiro, 1959.

SILVA, Janice Theodoro. **Descobrimientos e Colonização**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

SILVA, Maria Inêz Moura da. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

SOARES, Norma Patricya Lopes. **Escola normal em Teresina (1864-2003): reconstituindo uma memória da formação de professores**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2004.

SOUSA, Maria das Graças Bastos. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 5 de fevereiro de 2006.

SOUSA, Amariles das Graças Santana de. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 6 de fevereiro de 2006.

SOUSA, Jane Bezerra de. **Picos e a consolidação de sua rede escolar: do grupo escolar ao ginásio estadual**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

SOUZA, Laura de Melo. **O diabo e a terra de santa cruz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SOARES, Jeanne Maria do Vale. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 8 de fevereiro de 2006.

SOIETT, Rachel. História das mulheres. IN: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 275-296.

STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e graça**. Bauru (SP): EDUSC, 1999.

VAITSMAN, Jeni. **Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TELES, Maria Luiza de Castro. **Entrevista** concedida à Samara Mendes Araújo Silva em 8 de fevereiro de 2006.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América: a questão do outro**. Lisboa: Litoral Edições, 1990.

VIEIRA, Rozenilda Maria de Castro. **Companhia de aprendizes marinheiros do Piauí (1874 a 1915): história de uma instituição educativa**. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

VIEIRA, Maria Alveni Barros. **Educação e sociedade picoense: 1850 a 1930**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2002.

APÊNDICES

QUADRO DE PROFESSORES COLÉGIO NOSSA SENHORA DAS GRAÇAS – PARNAÍBA

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
CLEA FURTADO DE ARAUJO FERREIRA LIMA	INGLÊS	1942
FRANCISCA DAS CHAGAS VERAS	PORTUGUÊS	1973
HILDA VERAS SANTOS	MATEMÁTICA/INICIAÇÃO AS CIÊNCIAS	1967
IRMÃ ALZIRA VELOSO M. DE CASTRO	DESENHO	1972
IRMÃ ANTONIA PEREIRA LACERDA	MATEMÁTICA/INICIAÇÃO AS CIÊNCIAS /ESTUDOS SOCIAIS	1972 1972
IRMÃ CLARISSE GOMES DA COSTA	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	1972
IRMÃ DELZUITA GOMES COSTA	PORTUGUÊS/RELIGIÃO	1972
IRMÃ ENIDE PORTO DE SOUSA	RELIGIÃO	1972
IRMÃ GRACILIA CARNEIRO	RELIGIÃO	1972
IRMÃ MARIA DOS REMÉDIOS MELO	RELIGIÃO	1972
IRMÃ SEBASTIANA GOMES DA COSTA	INT. SOCIAL/MATEMÁTICA/RELIGIÃO	1972
JOSE ARIMATÉA RODRIGUES MELO	MATEMÁTICA	1973
JOSE DE LIMA COUTO	INGLÊS	1934/1972
LUCIMAR SALES DA ROCHA	MATEMÁTICA	1973
LUZANIRA ARAUJO SILVA	**	1972
MARIA DA NATIVIDADE SILVA	GEOGRAFIA	1972
MARIA DA PENHA FONTE E SILVA	HISTÓRIA/O.S.P.B.	1937
MARIA DE LOURDES C. BRANCO CANDEIRA	EDUCAÇÃO FÍSICA	1950
MARIA DO BRAZÃO CANDEIRA COSTA	**	1972
MARIA DO CARMO VERAS MENESES	PORTUGUÊS	1960
MARIA DO ROSÁRIO DE FÁTIMA B. COSTA	JARDIM DE INFÂNCIA	1973
MARIA GORETTI MEMÓRIO FERAZ	INGLÊS	1972
MARIA HENRIQUE ARAUJO	**	1966
MARIA JOSÉ DE LIMA GUIMARÃES	ESTUDOS SOCIAIS	1973
MARIA ORACI SOUSA	**	
MARIA ORQUIDEA ALVES FEITOSA	JARDIM DE INFÂNCIA	1972
ROSILDA BRITO NEVES VERAS	PORTUGUÊS	1973
SONIA MARIA ALELAF ROCHA	PORTUGUÊS	1973
TERESA CRISTINA RODRIGUES FERNANDES	EDUCAÇÃO FÍSICA	1973

* Os anos letivos informados nesta tabela foram obtidos nas relações de docentes do Colégio, estas relações não constituem um conjunto completo pois há ausência de relações referentes a vários anos letivos.

** Disciplina que leciona não é informada nas relações de docentes.

FONTE: Secretaria do Colégio Nossa Senhora das Graças - Parnaíba

**QUADRO DE PROFESSORES COLÉGIO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS –
TERESINA (1931-1973)**

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
ABILIO COELHO LAPA	QUÍMICA	1972
ADALGISA PAIVA E SILVA	CANTO	1955
ADÉLIA WAQUIM	EDUCAÇÃO DOMÉSTICA GEOGRAFIA/ARTES FEMININAS	1967/1968/ 1969/1971/1972
AGRIPINO OLIVEIRA	* *	1933
ALDENIRA DA PAIXÃO ARAÚJO	* *	1973
ALDIR MIRANDA	CONTABILIDADE	1955
ALIRIO BARRETO FILHO	* *	1973
ALOISIO EVANGELISTA DE SOUSA	BIOLOGIA	1972
ALVARO ALVES FERREIRA	GEOGRAFIA/FISCAL	1931/1932/1933/ 1934/1935/1936/1938
AMARO VELOSO DE OLIVEIRA	ANATOMIA	1963
ANA MARIA AREA LEÃO RODRIGUES GONÇALVES	INGLÊS	1972
ANISIO BRITO MELLO	PORTUGUÊS	1931/1932/1933/ 1934/1935
ANTONIO DE CASTRO	* *	1935
ANTONIO FERREIRA DE SOUSA SOBRINHO	* *	1973
ANTONIO MARIA CORREIA	* *	1935
ANTONIO WAGNER NERY	INGLÊS	1965
ARGEMIRO FREIRE	* *	1938
ARLENE MEDEIROS ELVAS	INGLÊS	1966
ARTHUR FURTADO FILHO	GEOGRAFIA	1955/1965/1966/1967/ 1968/1970/1971/1973
AUGUSTA	GEOGRAFIA	1966
AUGUSTO FALCÃO LOPES	MATEMÁTICA	1969/1970/1971
BENEDITO CARDOSO	* *	1934
BENEDITO MARTINS NAPOLEÃO	* *	1938/1940/ 1944/1945
BERENICE LUNA DE AZEVEDO	* *	1972
BERNARDINA MONTEIRO DE SANTANA	PSICOLOGIA/FUNDAMENTOS PSICOLÓGICOS	1965/1966/1967/1968/ 1969/1971/1972/1973
CARLOS IGLESIAS BRANDÃO DE OLIVEIRA	BIOLOGIA	1972/1973

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
CARLOS MAIA	CIÊNCIAS	1944/1945/1955
CARLOS SAID	HISTÓRIA/HISTÓRIA DO PIAUÍ	1965/1966/1967/ 1968/1969/1970/1971
CARMEM DOLORES VERAS	DESENHO	1970/1971/1972
CAROLINA FREIRE DA SILVA	FRANCÊS	1944/1945/1955
CATARINA DE SENA SIQUEIRA MENDES	PORTUGUÊS	1973
CECILIO BATISTA DOS SANTOS	PORTUGUÊS	1972
CÉLIA MARIA DRUMOND RIBEIRO G. LEITE	* *	1972
CELSO BARROS	PORTUGUÊS	1955
CERINA ALVES DE QUEIROZ RODRIGUES	* *	1972
CLAUDETE SOARES MARQUES	PORTUGUÊS	1972
CLEIDE MARIA TEIXEIRA VELOSO DOS PASSOS	PORTUGUÊS	1972
CONCEIÇÃO DE MARIA FREITAS TAPETY E SILVA	PORTUGUÊS	1967/1969
CREMILDES BASTOS DE MORAIS	DESENHO	1955
CRISTINA BESERRA DA LUZ LEITE	FRANCÊS	1955
DARCY	GEOGRAFIA/O.S.P.B	1966/1967/ 1968/1970/
FONTINELE DE ARAÚJO	* *	1971/1972/1973
DELSON CASTELO BRANCO ROCHA	* *	1965
DEOLINDO DA SILVA JÚNIOR	INGLÊS	1968/1970/ 1971/1972
DEUSA MARIA DE ARAÚJO SANTOS	* *	1972/1973
DIDÁCIO SILVA	* *	1973
DIDIMO CASTELO BRANCO	* *	1933/1935
DIOGO JOSE AYRIMORAIES SOARES	FUNDAMENTOS HISTÓRICO-FILOSÓFICOS E SOCIAIS/ RELIGIÃO/O.S.P.B./PREPARAÇÃO PEDAGÓGICA/ESTUDOS SOCIAIS	1969/1970/ 1971/1972
DORIVAL LOBÃO VERAS	* *	1938
DURCILA MARIA FRANCO DE SÁ REGO	EDUCAÇÃO FÍSICA/CIÊNCIAS	1970/1971/ 1972/1973
EDITE ALMEIDA MOREIRA	HISTÓRIA	1966
ELIANE MEDEIRO DE LIRA	* *	1971
ELIZABETE DE CARVALHO BARBOSA	* *	1972
ELIZABETE LIMA GOMES	* *	1973

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
ELZE MARIA SILVA DE CARVALHO MELO	* *	1972
ENEDINA RIBEIRO DA CRUZ	HISTÓRIA	1966/1967/ 1968/1970 1971
ESTHER COUTO	DIDÁTICA	1934/1935/1938/ 1940/1955
FIRMINA SOBREIRA CARDOSO	* *	1931
FRANCISCA DE SOUSA MARTINS NETO	* *	1971
FRANCISCO ALVES RIBEIRO	* *	1973
FRANCISCO CAMINHA AGUIAR	FRANCES/LATIM PORTUGUÊS	1965/1966/ 1967/1970
FRANCISCO CÉSAR DE ARAÚJO	* *	1932
FRANCISCO DAS CHAGAS MACHADO LOPES	* *	1938/1940
FRANCISCO FIGUEIREDO	* *	1967
FRANCISCO MENDES DO NASCIMENTO	* *	1972
FREDERICO HERBT PÁGELS DE SÁ	* *	1973
GERALDO DE CARVALHO MELO	QUÍMICA HISTÓRIA NATURAL	1958
GERARDO JURACI CAMPELO LEITE	* *	1967
GERSON MACEDO NASCIMENTO	* *	1945
GILDETE MARIA DE OLIVEIRA SALES	* *	1973
GIOVANI COSTA	GEOGRAFIA	1931
GONÇALO LOPES LIMA	* *	1938/1940
HELENILDES MARIA DE ALBUQUERQUE SILVA	INGLÊS	1970/1971
HELVÉCIO CORREA MOTA	* *	1972
HILCE DE BARRETO GUIMARAES AGUIAR	INGLÊS	1967/1968
IARA MARIA DE SOUSA VILARINHO DE OLIVEIRA	FÍSICA/FISIOLOGIA BIOLOGIA HIGIENE/PUERICULTURA FUNDAMENTOS BIOLÓGICOS	1955/1963/ 1966/1969 1971/1972/1973
IEDA MARIA SOARES MARTINS	* *	1967
IRACEMA AVELINO DE SÁ FURTADO	* *	1973
IRACY LOPES SOARES	* *	1971
IRENE SANTOS MARTINS	* *	1967
IRMÃ ANA BERTO DA SILVA	* *	1973
IRMÃ ANA PAULINO GALVÃO	RELIGIÃO	1966
IRMÃ ANGELICA ARNAUT	* *	1940

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
IRMÃ ANNINA BRUNI	TRABALHOS MANUAIS	1931/1932/1933/ 1934/1935
IRMÃ ANTONIA LEONICE DUARTE	PSICOLOGIA/RELIGIÃO E.M.C	1963/1966/ 1971/1972
IRMÃ ANTONIA PEREIRA DE LACERDA	PORTUGUÊS	1963
IRMÃ CALISTINA PAULO ROCHA	**	1973
IRMÃ CARMELITA DE CASTRO VELOSO	PORTUGUÊS/MATEMÁTICA	1935/1936/1944/ 1945/1955/1958
IRMÃ DELZUITA GOMES COSTA	CANTO/ METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS/ METODOLOGIA DA MATEMÁTICA/ CIÊNCIAS/RELIGIÃO/E.M.C	1965/1966/1967/ 1968/1969/1970
IRMÃ EGIDIA MARIA DA CONCEIÇÃO MOURA	**	1973
IRMÃ EUGENIA MATIAS DE OLIVEIRA	**	1973
IRMÃ FRANCISCA LIMA	TRABALHOS MANUAIS	1944/1945/1955
IRMÃ HENRIQUETA DA ROCHA MACHADO	**	1972
IRMÃ HILSA SOARES DE ALMEIDA	MATEMÁTICA/DESENHO	1958
IRMÃ ISABEL AVELINO DE SÁ	E.M.C	1971/1973
IRMÃ ISABEL CAVALCANTI	PORTUGUÊS	1955
IRMÃ JACIRA CUNHA DE SOUZA	INSTRUÇÃO MORAL E CÍVICA	1966/1967
IRMÃ LEONICE AMÉLIA PINHEIRO DE SÁ	PORTUGUÊS/ FRANCÊS	1965/1966
IRMÃ MARIA CLARA PACIFICO DA SILVA	**	1972/1973
IRMÃ MARIA DA CONCEIÇÃO OLIVEIRA	**	1933/1934/1935/ 1936/1944/1945
IRMÃ MARIA DAS GRAÇAS FERREIRA DE OLIVEIRA	**	1973
IRMÃ MARIA DAS MERCES MELO	GEOGRAFIA/PORTUGUÊS	1955/1958
IRMÃ MARIA DE JESUS SAMPAIO	FRANCÊS	1955
IRMÃ MARIA DE LOURDES LEITE	**	1972/1973
IRMÃ MARIA DJANIRA GALINDO	RELIGIÃO	1966
IRMÃ MARIA EGIDIA DA CONCEIÇÃO MOURA	**	1972
IRMÃ MARIA GUZZARRI	FRANCÊS	1931/1932/1933

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
IRMÃ MARIA HELENA DE ARAÚJO	O.S.P.B/E.M.C/HISTÓRIA	1971/1972/1973
IRMÃ MARIA NAÍSE LEITE	PORTUGUÊS/RELIGIÃO	1965/1966/1969
IRMÃ MARIA SILENE NEVES	**	1972/1973
IRMÃ MARIA TERESA GONÇALVES	**	1972
IRMÃ MARIA TEREZA MARTINS	**	1973
IRMÃ MARIANIZE DA SILVA LIMA	CANTO ORFEONICO	1963/1965
IRMÃ MIRIAM THERS CARNEIRO	**	1967
IRMÃ MONICA PEREIRA DE SANTANA	MATEMÁTICA	1965/1966/1967
IRMÃ NEIDE MARIA LOBATO	MATEMÁTICA/GEOGRAFIA	1955/1963/1965
IRMÃ NEIDE MARTINS COSTA	PORTUGUÊS/RELIGIÃO/E.M.C.	1965/1966/1966/ 1968/1969/1970
IRMÃ RAIMUNDA NORBERTO BEZERRA	**	1973
IRMÃ TERESA DE JESUS SANTOS MARTINS	METODOLOGIA/DIDÁTICA	1963
IRMÃ TERESINHA PORTO	METODOLOGIA DAS CIÊNCIAS	1969/1972/1973
IRMÃ THEREZINHA DE JESUS FERNANDES	**	1972/1973
IRMÃ VIOLETA RESENDE	RELIGIÃO/INGLÊS	1965/1966/1967
IRMÃ VITORINA BONIFAZI	DESENHO	1931/1932/1934/1935 1938/1940/1944/1945
ISA MARIA DOS SANTOS	**	1971/1972
IVETE ANDRADE	**	1945
JACK LEMMERS	**	1938/1940
JAFÉ COSTA BARROS	FÍSICA	1972
JOÃO BENEDITO GONÇALVES E SILVA	**	1973
JOÃO BUGIJA DE SOUSA BRITO	BIOLOGIA	1968
JOÃO COELHO MARQUES	**	1936/1938/ 1940/1944
JOÃO EMIDIO DA COSTA	**	1932/1945
JOÃO GABRIEL BATISTA	FÍSICA/DESENHO	1958
JOÃO JOSÉ BASTO LAPA	**	1972
JOÃO PORFIRIO DE LIMA CORDÃO	CIÊNCIAS/BIOLOGIA	1968/1970
JOÃO SOARES DA SILVA	**	1938/1940
JOAQUIM VAZ DA COSTA	COROGRAFIA/HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	1932/1933/ 1934/1955
JOSE AMAVEL	**	1935
JOSÉ CAMILO DA SILVEIRA FILHO	INGLÊS/ HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO	1958/1963
JOSE DA ROCHA FURTADO	**	1934
JOSÉ DE JESUS MELO CRAVEIRO	**	1973

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
JOSÉ EPIFANIO DE CARVALHO	**	1933/1934/1935/1938/1940
JOSÉ FERREIRA CASTELO BRANCO	MATEMÁTICA/GEOGRAFIA	1955/1958/1965/1966/1967/1968/1970/1971/1972/1973
JOSÉ GOMES CAMPOS	PORTUGUÊS/FRANCÊS INGLES/E.M.C.	1963/1965/1966/1967/1968/1970/1971/1972
JOSÉ HENRIQUE E MELO	BIOLOGIA	1972
JOSÉ LOPES DA SILVA FILHO	**	1972
JOSE LUIS CASTRO AGUIAR	MATEMÁTICA/FÍSICA	1965/1966/1967/1968
JOSE LUIZ MARQUES ARAUJO	**	1973
JOSE MARQUES DA ROCHA	**	1934
JOSÉ MARTINS SOARES	QUÍMICA	1970
JOSÉ MESSIAS CAVALCANTE	**	1934
JOSE NAZARENO CARDEAL FONTELES	**	1973
JOSÉ REIS PEREIRA	FILOSOFIA	1967/1968
JOSÉ RIBAMAR COSTA LIMA	**	1940
JOSE RIBAMAR FREITAS	FRANCÊS	1958
JOSE RIBEIRO DE CARVALHO	**	1965
JOSÉ RODRIGUES DE OLIVEIRA	**	1973
JOSÉ SEBASTIÃO RAMALHO SANTOS	INGLÊS	1967/1968
JOSEFA E SILVA BADU DE SOUSA	EDUCAÇÃO ARTÍSTICA	1972
JOSIAS CARNEIRO DA SILVA	**	1965
JULIA NUNES ALVES DA SILVA	EDUCAÇÃO FÍSICA	1955
JÚLIO ANTONIO MARTINS VIEIRA	MATEMÁTICA	1931 /1932/1933/1934/1935/1936/1938/1940
JURACI MENDES SOARES	FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E FILOSÓFICOS	1965/1966
LEÔNIDAS DE MELLO	HISTÓRIA NATURAL	1932/1933/1934
LEOPOLDO CUNHA	FISCAL	1931/1932/1933
LILASIA MARQUES	**	1938/1940/1944/1945
LINA MARIA DE LIMA	EDUCAÇÃO FÍSICA	1955
LINDOLFO DO REGO MONTEIRO	**	1933
LÚCIA HELENA BRAZ REIS DA SILVA	QUÍMICA	1971
LUIZ ANTONIO DO REGO MONTEIRO	FILOSOFIA	1968
LUIZ BATISTA	**	1940
LUIZ GONZAGA LAPA	**	1944/1945

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
LUZIA COUTO	EDUCAÇÃO FÍSICA	1935/1944/ 1966/1967/1968/ 1971/1972/1973
MANFREDE MENDES CERQUEIRA	PORTUGUÊS/ ESTUDOS SOCIAIS	1965/1966/ 1967/1968
MANOEL SOTERO VAZ DA SILVEIRA	* *	1934/1935/1936
MANUEL PAULO NUNES	PORTUGUÊS	1958
MARCOS ANTONIO HIDD SANTOS	BIOLOGIA	1971
MARIA AMÉLIA RUBIM COUTO	FISCAL	1934/1935/1936
MARIA ANTONIETA BURLAMAQUE FERRAZ	PORTUGUÊS	1931/1932/1933 1934/1935/1936
MARIA AUGUSTA DRUMOND RAMOS	DIDÁTICA	1972
MARIA BORGES DO REGO	HISTÓRIA	1965
MARIA CAROLINA RAPOSO	MATEMÁTICA	1971
MARIA CASTELO BRANCO ROCHA	QUÍMICA	1972
MARIA CECILIA DA COSTA ARAUJO MENDES	PORTUGUÊS/ METODOLOGIA DA LÍNGUA PÁTRIA	1965/1966 1970/1971
MARIA CECILIA SILVA	HISTÓRIA	1972
MARIA CERES FREIRE	* *	1973
MARIA DA CONCEIÇÃO MACHADO	* *	1973
MARIA DA CONCEIÇÃO RODRIGUES CASTELO BRANCO	METODOLOGIA DA LÍNGUA PÁTRIA	1969
MARIA DA CONCEIÇÃO TEIXEIRA CASTELO BRANCO	* *	1972
MARIA DAS GRAÇAS CARDOSO	* *	1971
MARIA DAS GRAÇAS MOITA	* *	1972
MARIA DAS GRAÇAS RODRIGUES ARAUJO	* *	1972
MARIA DAS GRAÇAS TEIXEIRA VELOSO	* *	1972
MARIA DE JESUS AIRES MATOS	BIOLOGIA	1966
MARIA DE LOURDES CARVALHO LIMA	* *	1972
MARIA DE LOURDES MARTINS DO REGO	* *	1931
MARIA DE LOURDES RIBEIRO	* *	1945
MARIA DE NAZARETH HOLANDA BARBOSA SOARES	* *	1972
MARIA DELZA PORTELA MOITA	* *	1965
MARIA DINA DO NASCIMENTO SOARES	* *	1935
MARIA DO AMPARO BORGES	DIDÁTICA	1972
MARIA DO AMPARO BORGES FERRO	* *	1972

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
MARIA DO AMPARO DE SOUSA BENTO	HISTÓRIA/O.S.P.B	1965/1966
MARIA DO BRAZÃO CANDEIRA COSTA	* *	1973
MARIA DO CARMO REVERDOSA DA CRUZ	* *	1971/1972/1973
MARIA DO ESPIRITO SANTO FERREIRA	* *	1972
MARIA DO LIVRAMENTO BRANDÃO	O.S.P.B	1970/1971/1972
MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO C. SOARES	PORTUGUÊS	1971/1973
MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO CARVALHO MELO	* *	1972
MARIA DO PERPÉTUO SOCORRO REGO E REIS	INGLÊS	1972
MARIA DO SOCORRO CRUZ	METODOLOGIA DOS ESTUDOS SOCIAIS	1969
MARIA DO SOCORRO LOPES VELOSO	* *	1973
MARIA DO SOCORRO MENDES	* *	1971/1972/1973
MARIA DO SOCORRO SANTOS VERAS	MATEMÁTICA	1972
MARIA DO SOCORRO TEIXEIRA MOREIRA	QUÍMICA	1972
MARIA DOLORES TELES DE C. MELO	* *	1971
MARIA DOS REMEDIOS ARAUJO	MATEMÁTICA	1965
MARIA ELIANE VIANA	INGLÊS	1972
MARIA ESTER DE ARAUJO	* *	1971/1972
MARIA IRANI FERREIRA VIANA	* *	1973
MARIA ISABEL GONÇALVES DE VILHENA	* *	1944/1945
MARIA JOSE DA SILVA JUNIO	* *	1973
MARIA JOSÉ MELO FREITAS	CIÊNCIAS	1965
MARIA JOSE PIRES FERREIRA	QUÍMICA	1966/1967
MARIA LUIZA FALCÃO BEZERRA	* *	1972/1973
MARIA LUIZA NUNES LIRA	* *	1972
MARIA NUBIA MACHADO	GEOGRAFIA	1970/1971
MARIA OCÉRIA SOUSA	PORTUGUÊS	1971/1972/1973
MARIA PERPÉTUA SÁ	CIÊNCIAS	1968/1970
MARIA RITA CAVALCANTE	* *	1972
MARIA SUSANA GONDIM CAVALCANTE	CANTO	1965/1966
MARILIA ELIETE DE CARVALHO LOPES	GEOGRAFIA	1972
MARIO CARVALHO	* *	1945

DOCENTE	DISCIPLINA	ANO LETIVO QUE LECIONOU*
STANLEY BRANDÃO DE OLIVEIRA	BIOLOGIA	1970
TERESINHA DE JESUS AVELINO C. MONTEIRO	* *	1973
TERESINHA DE JESUS RIOS NOGUEIRA	* *	1971/1972
TERESINHA P. LEAL NUNES	ESPAÑHOL	1958
THEMIS SOARES DE RESENDE	DESENHO	1963/1965/ 1966/1967
UBIRACI SOARES CAVALCANTE	* *	1968
VALDEMAR SANDES	PORTUGUES	1944/1945
VALDENORA MARIA LIRA MONTEIRO	* *	1973
VENANCIA NUNES BARROS	EDUCAÇÃO FÍSICA	1967/1969/1970/ 1971/1972/1973
VERA LUCIA NEIVA SOARES	MATEMÁTICA	1972
VICENTE DE PAULO RODRIGUES	* *	1973
WALDILIA NEIVA DE MOURA SANTOS	* *	1971/1972/1973
WALDIR DE FIGUEIREDO GONÇALVES	HISTÓRIA GERAL	1938/1940/1944/ 1945/1955/1958/ 1965/1966/1967/1968/ 1970/1971/1972/1973
WANDERLEY SERVIO	DESENHO	1971/1972

* Os anos letivos informados nesta tabela foram obtidos nas relações de docentes do Colégio, estas relações não constituem um conjunto completo pois há ausência de relações referentes a vários anos letivos.

* * Disciplina que leciona não é informada nas relações de docentes.

FONTE: Secretaria do Colégio Sagrado Coração de Jesus - Teresina

RELAÇÃO DAS EX-ALUNAS CONSULTADAS

EX-ALUNAS	FILIAÇÃO	PROFISSÃO DOS PAIS	PERÍODO QUE FREQUENTOU O COLÉGIO	TIPO DE ALUNA
Amariles das Graças Santana de Sousa	Adalberto José de Santana	Comerciante	1958 a 1961	Externa
	Anathália Carneiro da Silva Santana	Professora		
Angélica Maria Moura Albuquerque	José Case de Moura	Fazendeiro	1959 a 1966	Interna
	Angélica da Silva Moura	Dona de Casa		
Eva Maria Evangelista Leal	Manoel Evangelista de Sousa	Comerciante e Fazendeiro	1963 a 1970	Externa
	Doralice Evangelista de Sousa	Dona de casa		
Jeanne Maria do Vale Soares	João de Deus Lopes	Empresário	1967 a 1980	Externa
	Francisca do Vale Lopes	Dona de Casa		
Josina Maria de Oliveira Jacobino	Anselmo Jacobino de Sousa	Comerciante	1965 a 1975	Externa
	Luzia Alves Jacobino	Dona de casa		
Maria das Graças Bastos Sousa	Hugo Bastos	Médico	1961 a 1967	Externa
	Lina C. Cardoso Bastos	Dona de casa		
Maria Geni Batista de Moura	João Alves de Moura	Engenheiro agrônomo	1966 a 1974	Externa
	Ozeni Batista de Moura	Professora		
Maria Hilda Moura Fé	Antonio Bonfim	Classificador do Ministério da Agricultura	1955 a 1961	Externa
	Joana Lemos Bonfim	Professora		
Maria Inêz Moura da Silva	José Case de Moura	Fazendeiro	1968 a 1975	Externa
	Angélica da Silva Moura	Dona de Casa		
Maria Luiza de Castro Teles	Francisco Pestana Gomes de Sousa	Bancário	1971 a 1979	Externa
	Yeda de Castro Teles carvalho	Professora		
Maria Ozeni Batista de Moura	João Alves de Moura	Engenheiro agrônomo	1964 a 1972	Externa
	Ozeni Batista de Moura	Professora		
Tânia Maria de Oliveira Jacobino	Anselmo Jacobino de Sousa	Comerciante	1960 a 1970	Externa
	Luzia Alves Jacobino	Dona de casa		
Teresinha de Jesus Soares Meireles	Silvio Marques Meireles	Juiz de direito	1964 a 1965 e 1968	Externa
	Alice Soares de Carvalho Meireles	Dona de casa		

CARTA CONVITE PARA CONCESSÃO DE ENTREVISTA

PROJETO: escolas confessionais católicas e a escolarização das mulheres piauienses (1900 – 1973)

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal do Piauí (UFPI) - Mestrado em Educação

ORIENTADOR: Prof. Dr. Antônio de Pádua Carvalho Lopes

ENTREVISTADORA: Samara Mendes Araújo Silva (mestranda)

Ilm^a Sr^a

Estou desenvolvendo Projeto de Pesquisa sobre a História do Colégio das Irmãs, para tanto necessito de algumas informações fornecidas por ex-alunas do referido Colégio.

Por ser ex-aluna daquele Colégio, SOLICITO, encarecidamente, à Senhora a gentileza de responder a Entrevista que segue anexo.

A referida Entrevista é composta por seis partes, são elas:

- I) DADOS DA ENTREVISTADA
- II) DADOS SOBRE OS PAIS DA ENTREVISTADA
- III) DADOS SOBRE O PERÍODO QUE FREQUENTOU O COLÉGIO DAS IRMÃS
- IV) SOBRE O ENSINO DO COLÉGIO DAS IRMÃS
- V) LEMBRANÇAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS
- VI) A SUA VIDA FORA DO COLÉGIO

Agradeço a grande colaboração.

ROTEIRO DE ENTREVISTA À EX-ALUNAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS

I) DADOS DA ENTREVISTADA

1. Nome Completo
2. Local e Data de Nascimento
3. Endereço Atual:
Rua
Bairro
Cidade
CEP
Telefone
4. Profissão/Ocupação Atual

II) DADOS SOBRE OS PAIS DA ENTREVISTADA

1. Nome Completo Pai
2. Profissão/Ocupação do Pai
3. Nome Completo Mãe
4. Profissão/Ocupação da Mãe
5. Local/ Cidade de Residência dos Pais à Época em que Senhora estudou no Colégio das Irmãs
6. Qual (is) os motivos apontados por seus pais para matricularem a Senhora no Colégio das Irmãs?

III) DADOS SOBRE O PERÍODO QUE FREQUENTOU O COLÉGIO DAS IRMÃS

1. Colégio das Irmãs em que estudou:
() Colégio Sagrado Coração de Jesus-Teresina () Colégio Nossa Senhora das Graças-Parnaíba
2. Estudou em regime de () internato () externato
3. Período/ anos em que estudou no Colégio das Irmãs
4. Séries que cursou no Colégio das Irmãs:
4. Tem Irmã(s) : () sim () não

Quantas?

- Responder o próximo item caso a resposta do item anterior seja afirmativa
5. Sua (s) Irmã(s) estudaram no Colégio das Irmãs:

() sim () não

Quantas?

Responder o próximo item caso a resposta do item anterior seja negativa

6. Por que sua(s) irmã (s) não estudou(aram) no Colégio das Irmãs?

IV) SOBRE O ENSINO DO COLÉGIO DAS IRMÃS

1. Quais as disciplinas em que as alunas eram mais cobradas a aprender no Colégio das Irmãs? Por que?

2. Quais as(os) professoras(es) mais exigentes? Por que a Senhora os considerava exigentes?

3. Quais disciplinas a Senhora mais gostava de assistir as aulas? Por que?

4. Além das aulas que outras atividades havia no Colégio das Irmãs?

V) LEMBRANÇAS DO COLÉGIO DAS IRMÃS

1. O que mais marcou a Senhora:

a) No primeiro dia de aula no Colégio das Irmãs?

b) Nas festas promovidas no Colégio das Irmãs?

c) Nas horas das orações?

2. Como a Senhora descreve:

a) A sua convivência com as colegas de Colégio?

b) A relação com as Irmãs?

c) A relação com os Professores?

3. Quais as atividades realizadas no Colégio que a Senhora mais gostava de participar?

VI) A SUA VIDA FORA DO COLÉGIO

1. Quais eram as atividades que a Senhora realizava nas horas em que estava fora do Colégio?

2. Em sua opinião, qual a contribuição que o ensino do Colégio das Irmãs trouxe para a sua vida?

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, R. G.
nº _____, declaro, para os devidos fins, que cedo os direitos de minha
entrevista, para que SAMARA MENDES ARAÚJO SILVA possa usá-la integralmente ou em
partes, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data.

_____ (PI), ____ de _____ de 2006.

Assinatura da Entrevistada

ANEXOS